

actas



Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa





Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa

Ed. Rodrigo de Balbín Behrmann



La colección DOCUMENTOS PAHIS está integrada por las publicaciones promovidas por la Dirección General de Patrimonio Cultural de la Consejería de Cultura y Turismo en las que se recopila las líneas estratégicas, los programas y acciones desarrollados sobre el patrimonio cultural de Castilla y León de acuerdo con las previsiones establecidas en el Plan PAHIS 2004-2012.

La información, criterios, opiniones y propuestas que recogen las publicaciones han surgido en trabajos y encargos gestionados y supervisados por diferentes servicios técnicos y programados en el seno de la Dirección General de Patrimonio Cultural, y pretenden servir de difusión y de reflexión de las intervenciones, de las metodologías empleadas y de las previsiones sobre los bienes culturales en sus diferentes aspectos y tipologías.

La redacción de los textos, las imágenes y documentación gráfica es responsabilidad de cada uno de los autores, a quienes corresponde su propiedad intelectual.

© 2008 de esta edición:
Junta de Castilla y León
Consejería de Cultura y Turismo

ISBN: 978-84-9718-592-9

Depósito Legal: S. 843-2009

Diseño y Arte final: dDC, Diseño y Comunicación

Imprime: Gráficas Varona, S.A.

Printed in Spain. Impreso en España

Luís Luís

Parque Arqueológico do Vale do Côa.
Av. Gago Coutinho, 19A.
5150-610 Vila Nova de Foz Côa
luisluis.pavc@ipa.min-cultura.pt

Em busca dos cavaleiros com cabeça de pássaro perspectivas de investigação da proto-história no Vale do Côa

“[There are] the ones who died but did not live,
the ones who lived but did not die,
and the ones who did not live nor die,
but painted on the walls”

Carlos Alonso del Real
(*apud* Boveda *et al.*, 2000)

Resumo

Passados dez anos da descoberta das gravuras rupestres do Vale do Côa, cujo segundo período artístico mais relevante se situa em momentos proto-históricos, o nosso desconhecimento acerca desse período é ainda muito grande.

Neste texto procura fazer-se um ponto da situação do que conhecemos da arte e ocupação humana do vale durante o I milénio a.C., inserindo a sua análise no período subsequente. A partir do ponto da situação propõem-se pistas para a investigação futura.

Palavras chave

Vale do Côa; Idade do Ferro; Arte rupestre; Ocupação humana; Territórios; Fronteiras.

Um problema Arqueológico

As realidades arqueológicas pintam-se muitas vezes com as cores que o pré-historiador espanhol, Carlos Alonso del Real, definiu com felicidade. É sabido que a historiografia determina muitas vezes a forma como olhamos diferentes momentos do passado. Por isso Alonso del Real nos fala em sociedades apenas com mortos e de outras só com vivos. Buscando a totalidade social, o arqueólogo não se poderá contentar em estudar estas sociedades parcelares.

No entanto, são muitas vezes os próprios limites da sua ciência, a tafonomia e as lacunas na investigação que se vai realizando, que produzem a realidade arqueológica assim expressa.

Na actual fase de conhecimentos, a Idade do Ferro no Vale do Côa é precisamente um daqueles períodos em que não se viveu nem morreu. Apenas se pintou, ou melhor, se gravou nas paredes. Apesar de ainda pouco estudada e publicada, esta arte foi já reconhecida como o segundo mais

relevante período artístico do Vale de Côa se insere na Idade do Ferro (BAPTISTA, 1998). No entanto, como já afirmámos noutra local (LUÍS, 2005), a ocupação contemporânea dessa arte é quase totalmente desconhecida.

Não postulando vazios ocupacionais, acreditamos que estes painéis foram a expressão de uma sociedade, que habitou, explorou e se apropriou deste espaço, transformando-o e conferindo-lhe sentido através da arte (fig. 1).

Estamos pois perante um problema arqueológico, ao qual dez anos de investigação arqueológica no Vale do Côa não deram ainda resposta. Onde viveram e morreram os cavaleiros com cabeça de pássaro que surgem figurados nos painéis de xisto?

O TERRITÓRIO NATURAL

Por Vale do Côa designamos os vinte quilómetros finais do curso do rio, assim como a sua confluência com o Douro, em cujas margens se distribuem os painéis gravados identificados desde 1982. Na realidade trata-se verdadeiramente do Baixo Côa, justificando-se a designação mais abrangente de Vale do Côa pela criação do Parque Arqueológico com o mesmo nome.

O rio Côa nasce na Serra das Mesas e percorre uma distância de cerca de 130 km, no sentido Sul/Norte, ao longo da fronteira com Espanha, na zona do interior norte de Portugal. Ele atinge o seu término no rio Douro, junto a Vila Nova de Foz Côa, na região do Alto Douro ou Beira Transmontana (fig. 2).

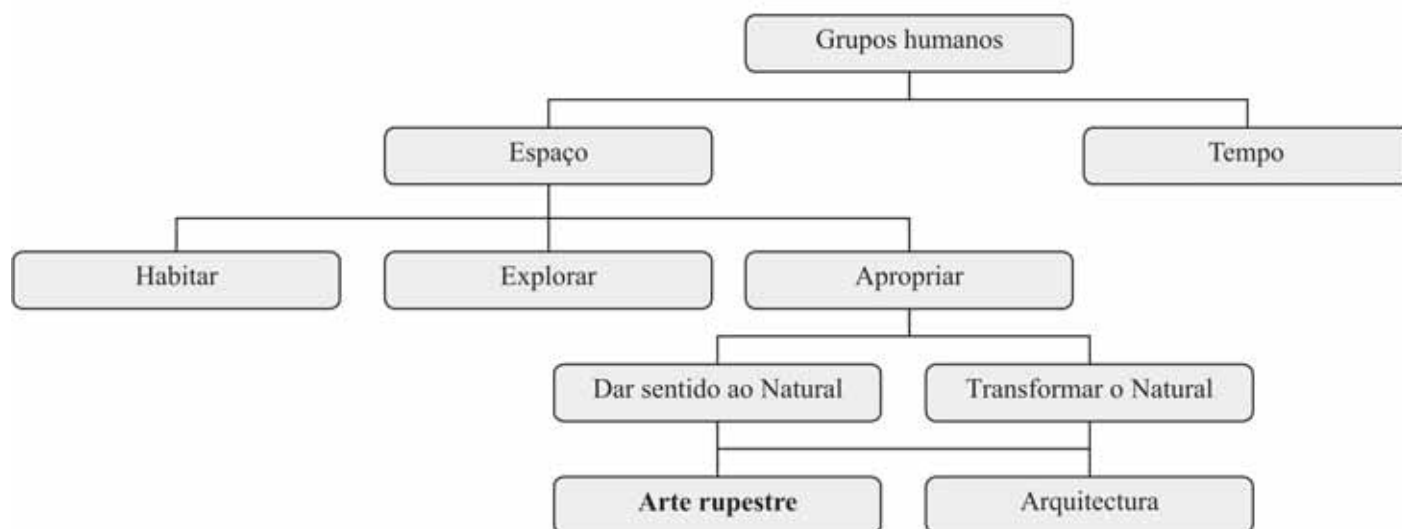
Durante este percurso atravessa uma paisagem predominantemente granítica, que, nos seus derradeiros quilómetros, cede lugar ao xisto. Geologicamente, o Baixo Côa integra-se na Zona Centro-Ibérica do Maciço Hespérico, e está dividido em duas grandes áreas. A sul, o rio encontra-se encaixado em granitos hercínicos de diferentes tipos e o vale é predominantemente rectilíneo, com um leito muito encaixado, delimitado por margens abruptas.

Os granitos desaparecem a cerca de 10 km da foz do rio, na zona de Santa Comba/Chãs, dando lugar ao Complexo Xisto-Grauváquico, primeiro através da Formação de Rio Pinhão e depois das Formações de Pinhão e da Desejosa. Estas duas últimas unidades geológicas apresentam nesta zona afloramentos rochosos com diaclases que se desmontam em grandes painéis verticais ao longo das vertentes.

O traçado do rio torna-se nesta zona norte do vale bastante irregular, apresentando margens íngremes. O vale abre na zona da Penascosa/Ervamoira, para se tornar novamente encaixado logo a seguir à foz da ribeira de Piscos, até à sua confluência com o Douro.

O relevo ronda os 400 a 800 metros de altitude na margem direita, onde existe um planalto considerável em volta da Ribeirinha, atingindo apenas os 100 a 500 na margem oposta. Aqui, na zona da Quinta da Ervamoira e um pouco a montante, identificam-se alguns terraços fluviais plio-cénicos. O leito do rio é constituído por aluviões e coluviões, que formam por vezes praias fluviais em alguns meandros (CORDEIRO E REBELO, 1996; MEIRELES E ALMEIDA, 1998).

Fig. 1. Pressuposto teórico.



**EM BUSCA DOS CAVALEIROS COM CABEÇA DE PÁSSARO
PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO DA PROTO-HISTÓRIA
NO VALE DO CÔA**

Fig. 2. Localização do Vale do Côa na Península Ibérica.

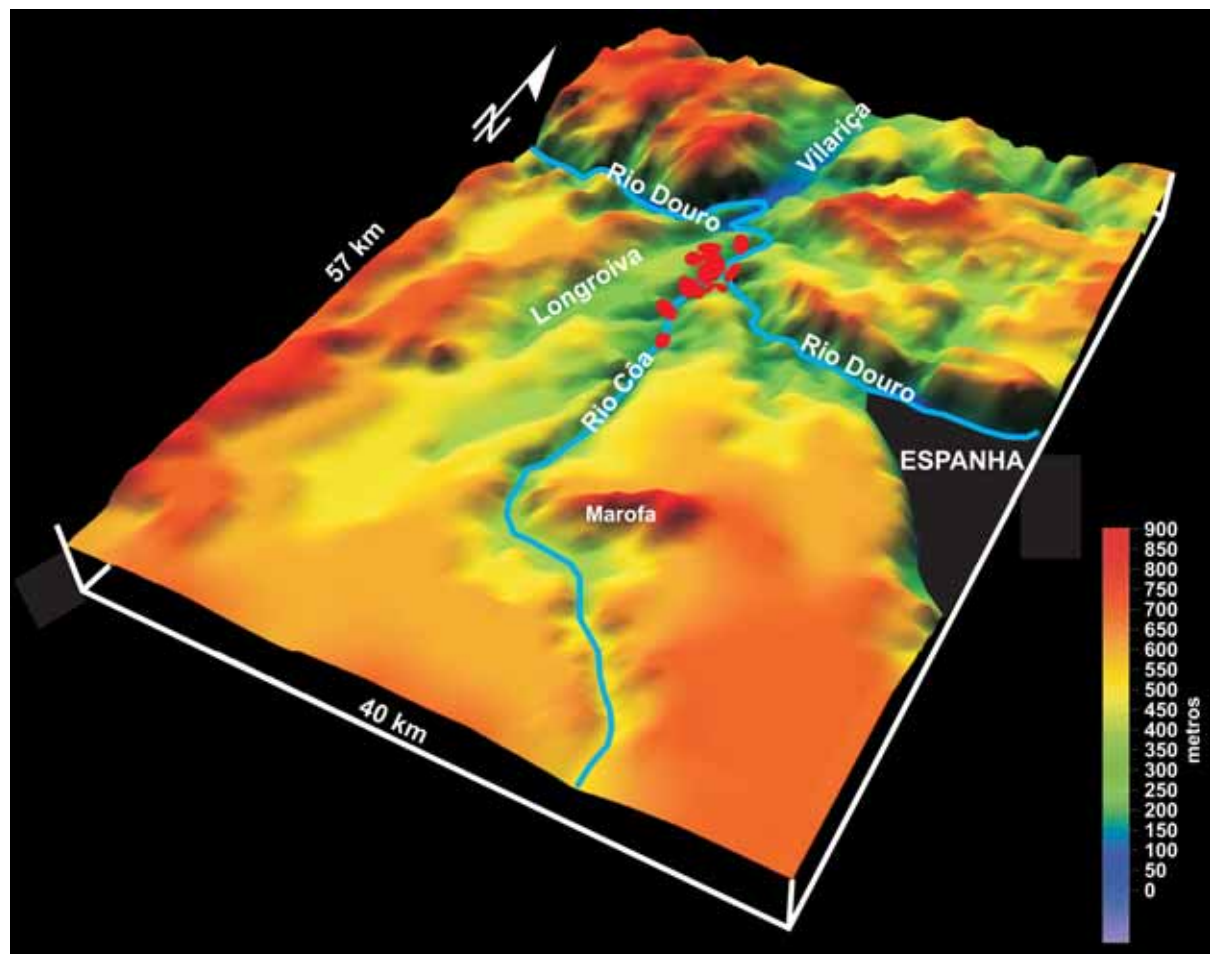


Geomorfológicamente encontramos-nos no limite ocidental da Meseta, que cede aqui lugar aos planaltos centrais e às montanhas ocidentais. O seu limite é definido por um abrupto rectilíneo de sentido NNE-SSW nas imediações do Côa (FERREIRA, 1978: 8).

Neste Nordeste beirão, a Meseta apresenta uma platitude quase perfeita até ao Côa (FERREIRA, 1978: 51), ultrapassando-o um pouco para ocidente, num degrau mais baixo, até à ribeira do Vale da Vila, seguindo a linha de falha Longroiva/Vilarica (fig. 3).

Apesar disto, o Côa é o seu grande limite natural, apresentando um encaixe superior a 150 metros, com escassas zonas de passagem. O encaixe do rio Côa a jusante de Pinhel coincide com o fim de uma zona planáltica e o início de declives mais acentuados para Ocidente e Norte (CORDEIRO E REBELO, 1996: 13).

Fig. 3. Representação tridimensional do relevo nas imediações do Vale do Côa e da localização da arte rupestre sidérica (pontos vermelhos). Base topográfica do Atlas do Ambiente, convertida em imagem tridimensional através do programa Surfer.



Estamos assim perante uma zona de transição que corresponde ao limite entre duas grandes unidades geográficas, a Meseta Ibérica e a faixa atlântica (RIBEIRO, 1987). Em tempos históricos, esta região funcionou mesmo como fronteira política entre os reinos de Portugal e Leão. O território português alargou-se para ocidente do rio, até ao Águeda, apenas em 1297, com a incorporação da região do Ribacôa, através do Tratado de Alcañices.

Esta região marca o fim de um vasto território aplanado e o início de outro constituído por relevos mais acidentados, para Oeste. Se a Norte do Douro, a Meseta segue até ao Sabor (FERREIRA, 1978: 51), a uma escala local, aquele rio parece delimitar este território natural, pois para Norte desenvolvem-se os relevos da Serra do Reboredo. As linhas naturais que desenhavam estes limites são os rios Côa e o Douro.

A arte rupestre

A arte da Idade do Ferro foi identificada pela primeira vez na região em 1982, no sítio do Vale da Casa, ou da Cerva, localizado na margem esquerda do rio Douro (BAPTISTA, 1983, 1983-84 e 1986). Longe ainda de se conhecer a riqueza da arte paleolítica das imediações, o sítio foi identificado no decurso da construção da barragem do Pocinho e acabou submerso pelo seu enchimento, que afectou igualmente o curso final do Côa.

Para além das gravuras pré e proto-históricas identificadas em 1982, foram então identificadas gravuras modernas na foz do Côa. Foi contudo necessário esperar pelos anos 90, para o reconhecimento da arte paleolítica do Vale do Côa e para a identificação dos restantes núcleos hoje conhecidos como contendo arte proto-histórica.

De facto, a descoberta das gravuras do Vale do Côa não incluiu inicialmente o reconhecimento das gravuras proto-históricas, assim como não incluiu as históricas. Os primeiros motivos identificados localizavam-se nos painéis-tipo da arte paleolítica do Côa, em núcleos onde a arte sidérica é marginal. Foi apenas após a divulgação das descobertas da arte paleolítica, que se iniciaram as descobertas dos núcleos onde aquela é numericamente mais importante. Estes achados foram realizados sobretudo em volta da foz do Côa com o Douro, na maior parte das vezes por locais, como José Augusto Constâncio, incentivados pelas notícias que então preenchiam as páginas dos jornais e ocupavam o tempo de antena. Por essa altura, os arqueólogos privilegiavam a identificação e estudo da arte paleolítica, o mais extraordinário ciclo do Côa.

O ciclo proto-histórico encontra-se ainda muito sumariamente estudado e publicado. O projecto “Etched in Time”

realizou levantamentos no núcleo da Vermelhosa, no ano de 1996, mas os seus trabalhos não foram ainda suficientemente publicados (FOSSATTI, 1996; ABREU *et al.*, 2000). Desde a sua criação, o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART) tem vindo a realizar o levantamento dos painéis do vale, no âmbito do estudo da arte rupestre do Vale do Côa. Neste âmbito publicaram-se já alguns que incluem motivos proto-históricos (BAPTISTA, 1998 e 1999; BAPTISTA e GOMES, 1998). Contudo, a prioridade tem continuado a ser dada aos principais núcleos de arte paleolítica, o que faz com que a vasta maioria dos painéis proto-históricos continue por publicar.

Por esta razão, de momento, podemos ter apenas uma perspectiva muito parcelar da arte rupestre da Idade do Ferro do Vale do Côa.

Agrupada em 18 núcleos distintos (BAPTISTA, 1999), as contínuas prospekções levadas a cabo pelos técnicos do CNART, têm vindo a alargar o número de painéis e núcleos conhecidos. Estes núcleos distribuem-se por duas zonas relativamente distintas, mas complementares: as margens do Douro, junto à embocadura do Côa, onde a sua concentração é maior, e o curso final deste rio.

Com a excepção do Vale da Casa, que corresponderia a um terraço, onde a erosão fluvial proporcionou a formação de painéis horizontais, utilizados como suporte artístico, todos os restantes painéis gravados com motivos proto-históricos se caracterizam pelo típico suporte vertical da região, formado pelos xistos da Formação da Desjosa e de Pinhão.

Esta distinção ao nível do suporte implica igualmente uma distinção em termos de implantação topográfica. Se o Vale da Casa se situa num terraço fluvial, os restantes núcleos encontram-se situados sobretudo em zonas de vertente, que fazem a ligação entre o planalto e o fundo dos vales dos rios. Foi o encaixe destes vales que possibilitou a formação dos painéis verticais gravados. Estas vertentes podem ser de três tipos. O tipo mais comum corresponde aos pequenos vales de grande pendente, localmente chamados de canadas ou canados (Canada da Moreira, Vermelhosa ou Vale de José Esteves). Vale de Cabrões e Vale do Forno localizam-se nas margens de vales de pequenas ribeiras menos declivosas, já mais afastados dos rios Douro e Côa. Os painéis gravados podem localizar-se ainda directamente nas vertentes das margens dos rios, sobretudo no Côa. O maior exemplo deste tipo é a Foz do Côa, um núcleo de ligação entre a zona do Douro e do Côa.

Os painéis conhecidos distribuem-se assim entre o fundo dos vales do Côa e Douro, abaixo dos 125, 5 metros, a cota média de enchimento da barragem do Pocinho, e o topo do planalto, como é o caso do Meijapão, situado a uma cota de cerca de 325 metros.

A perspectiva que aqui apresentamos enferma de parcialidade, podendo a distribuição dos painéis vir a revelar-se mais uniforme. Em primeiro lugar, com a excepção do Vale da Casa, desconhecemos quase totalmente a realidade abaixo da cota 125,5. Por outro, a Foz do Côa, onde o trabalho de prospecção foi exaustivo, possibilitou a identificação recente de 66 novas rochas gravadas com motivos proto-históricos (BAPTISTA e REIS, 2006 e neste volume). Este facto demonstra-nos o quão parcial é ainda a nossa visão desta arte, bem como as novidades que ela nos trará com a continuação dos trabalhos.

Em termos técnicos, a arte proto-histórica do Côa limita-se quase exclusivamente à incisão filiforme, sendo definida por um traço fino contínuo (Tipo 1 de Baptista, 1983), obtido por intermédio de pontas de “sílex, quartzo ou ferro” (BAPTISTA, 1983-84: 76). Estes traços apresentam-se, ainda hoje, na generalidade claros, por oposição aos traços das figuras paleolíticas, fortemente patinados. No Vale da Casa foi identificada uma segunda técnica que consiste na abrasão, não precedida de picotagem (Tipo 2 de Baptista, 1983), atestada na figura de uma falcata embainhada na rocha 6 (BAPTISTA, 1999: 176). A picotagem, técnica comum em momentos

Fig. 4.
Levantamento da
rocha 10 do Vale da
Casa (apud Baptista
1999: 175).
Dimensões
do painel:
65 x 110 cm.

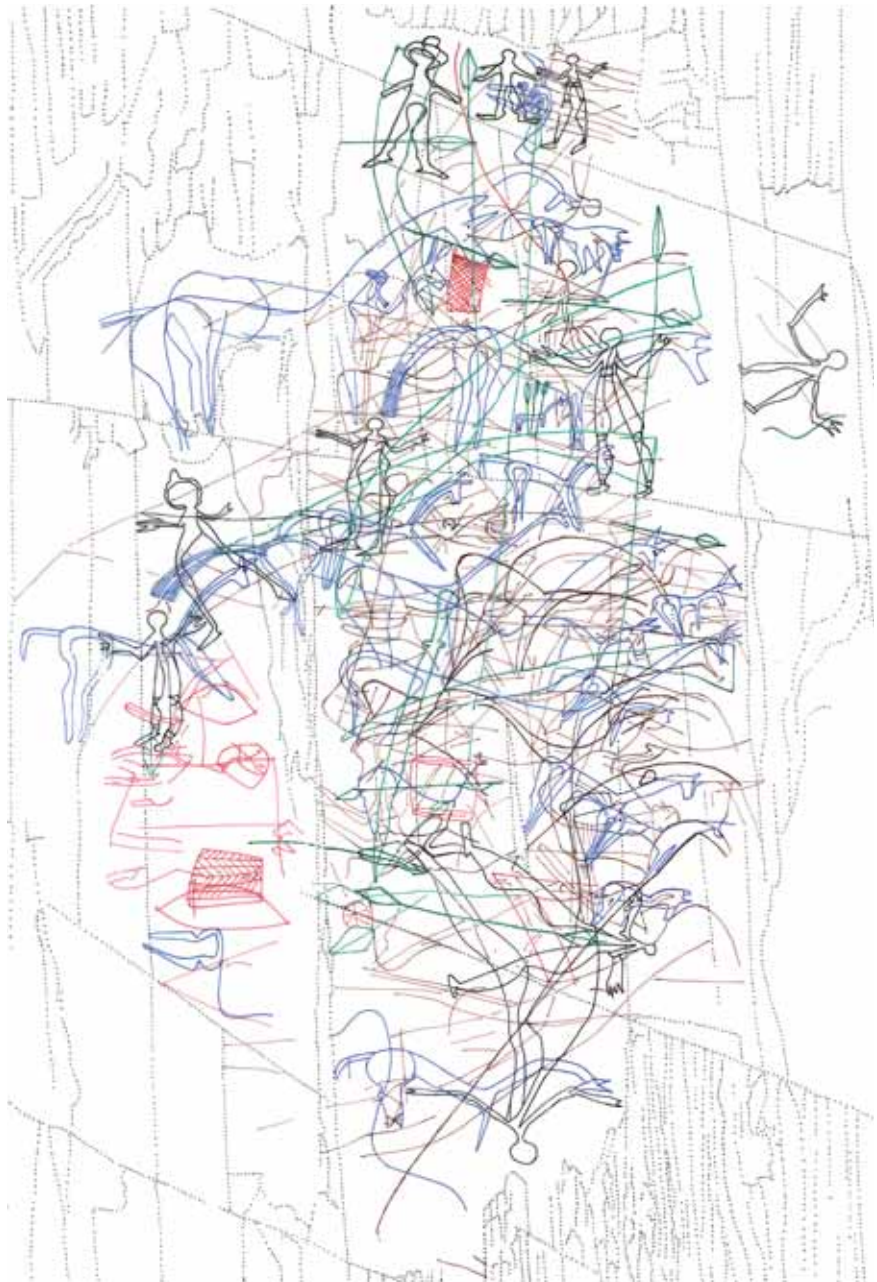


Fig. 5. Vista parcial da rocha 23 do Vale da Casa (apud Baptista 1999: 180). Dimensões totais do painel: 103 x 150 cm.



pré-históricos e históricos no vale, encontra-se ausente do contexto que tratamos.

Os motivos fundamentais desta arte são os antropomorfos, zoomorfos e as armas. Identificam-se ainda motivos geométricos. Estes motivos dispõem-se pelos painéis de forma isolada, sobrepostos (rocha 10 do Vale da Casa) (fig. 4) ou, sobretudo, associados em cenas. Estas cenas podem associar apenas figuras animais (rocha 1 do Alto da Bulha), figuras animais e humanas (rocha 23 do Vale da Casa) ou apenas figuras humanas (rocha 3 do Vale de Cabrões).

As figuras humanas surgem frequentemente armadas, daí lhe advindo o epíteto de guerreiros. Surgem geralmente representadas de perfil, exceptuando-se as da rocha 10 do Vale da Casa, que surgem em perspectiva frontal. Estas

figuras apresentam ainda a particularidade de serem figuradas com o que aparenta ser um turbante. Na generalidade, os guerreiros apresentam-se de perfil, com uma cabeça que se assemelha ao bico de um pássaro. Esta morfologia aviforme poderá ser interpretada de duas formas distintas. Uma mais funcionalista, vendo-o como o formato de um eventual capacete ou máscara, e outra mais simbólica, vendo nestes guerreiros personagens híbridas de cariz mitológico (BAPTISTA, 1999). Uma destas figuras aparenta ter um capacete de cornos (rocha 3 da Vermelha, ABREU *et al.*, 2000: fig. 2). No entanto, a comparação desta figura com outra existente no mesmo núcleo, que apresenta os braços levantados em volta dos eventuais cornos, leva-nos a interpretá-los antes como um vaso que é transportado à cabeça.

Em termos estilísticos, a esmagadora maioria das figuras humanas apresenta, como característica identificativa, um forte desenvolvimento da zona dos gémeos.

As figuras zoomórficas consistem sobretudo em cavalos. Estes cavalos surgem isolados, ou montados por guerreiros, não apresentando sela, mas apenas os arreios. Desenhados de forma algo tosca, distingue-se estilisticamente um conjunto de cavalos com os quartos traseiros perspectivados em posição torcida e em forma de ferradura (BAPTISTA, 1983-84).

Para além dos cavalos identificam-se também canídeos, em grupo ou associados a figuras humanas, e cervídeos, com corpos esquematizados e longas hastes ramificadas. Também atribuída a esta fase, foi publicada uma cena, representada na rocha 3 da Vermelha, onde surgem figuradas duas aves, eventualmente águias ou grifos, que surgem pousadas em volta de um peixe (ABREU *et al.*, 2000: fig. 1 e 8).

A cena da rocha 23 do Vale da Casa ilustra bem a associação entre várias figuras animais e humanas (fig. 5). Nela, um veado macho encontra-se cercado por vários quadrúpedes mais pequenos, interpretados como cães, que auxiliam um cavaleiro, armado de lança, que o persegue (BAPTISTA, 1983: 64). Esta cena é acompanhada por uma inscrição em escrita pré-latina, empregando um alfabeto de aparente inspiração fenícia. Ao introduzir a escrita nos painéis do vale, esta inscrição marca o início do ciclo histórico da arte rupestre do Côa.

As armas consistem sobretudo em lanças e dardos, muitos deles com ponta com nervo central e conto na extremidade inferior, que permitiria fincá-los no solo e lhes dava balanço para o arremesso. Surgem igualmente figurados escudos circulares, falcatas, espadas e punhais. Este armamento surge por vezes isolado (rocha 10 do Vale da Casa), ou empunhado pelos guerreiros a pé ou a cavalo. O dardo ou lança parece ser a arma de eleição.

Fig. 6. Cena de duelo na rocha 3 da Vermelhosa (apud Baptista 1999: 167). Dimensões das figuras: 43 x 27 cm.



A cena representada na rocha 3 da Vermelhosa (fig. 6) é notável, não só pelo que representa, mas pelo facto dessa representação ser passível de relação com textos clássicos e material arqueológico. Nela, defrontam-se dois guerreiros, armados de forma idêntica. Numa das mãos seguram um pequeno escudo circular côncavo com umbigo central, na outra empunham um dardo com ponta de nervo central. Um outro dardo foi já arremessado por cada um deles. Ambos aparentam estar despídos da cintura para baixo, exibindo falos exagerados, eventualmente tatuados. A cabeça surge com o típico formato aviforme e penacho. Na cintura surge uma representação quadriculada e umas correias em ziguezague na zona inferior das pernas. Apesar de lutarem a pé, um dos guerreiros tem ligado a si por arreios um cavalo, numa evidente exibição de prestígio (BAPTISTA, 1999: 166).

Os diferentes elementos desta representação permitem estabelecer uma relação quase perfeita com a famosa passagem de Estrabão (*Geografia*, III, 3, 6) relativa ao armamento dos Lusitanos, como já foi aliás salientado

(BAPTISTA, 2004). A referência aos vários dardos com ponta de bronze de cada guerreiro e ao escudo côncavo de dois pés parece decalcada desta imagem. Outros elementos da figura poderão ser passíveis de comparação, como a couraça de linho, representada pelo quadriculado da cintura, e a protecção da zona inferior das pernas, pelo ziguezague. O eventual capacete aviforme não corresponde exactamente à descrição de Estrabão e apenas um dos guerreiros apresenta algo que poderá ser interpretado como uma espada ou punhal à cintura, embora apresente uma estranha forma em T.

Para além de uma possível identificação étnica, esta cena remete para a tradição do duelo entre os povos ibéricos. O duelo entre chefes, ou guerreiros valorosos, funcionaria como uma forma de evitar o confronto generalizado entre exércitos. É conhecido o relato de Apiano, (*História de Roma*, 6, 53), onde um príncipe das forças sitiadas em *Intercatia*, por várias vezes se exibiu e ofendeu as forças romanas, forçando-as a aceitar um duelo. Depois de repetidas injúrias, o duelo acabaria por se realizar, saindo vitorioso

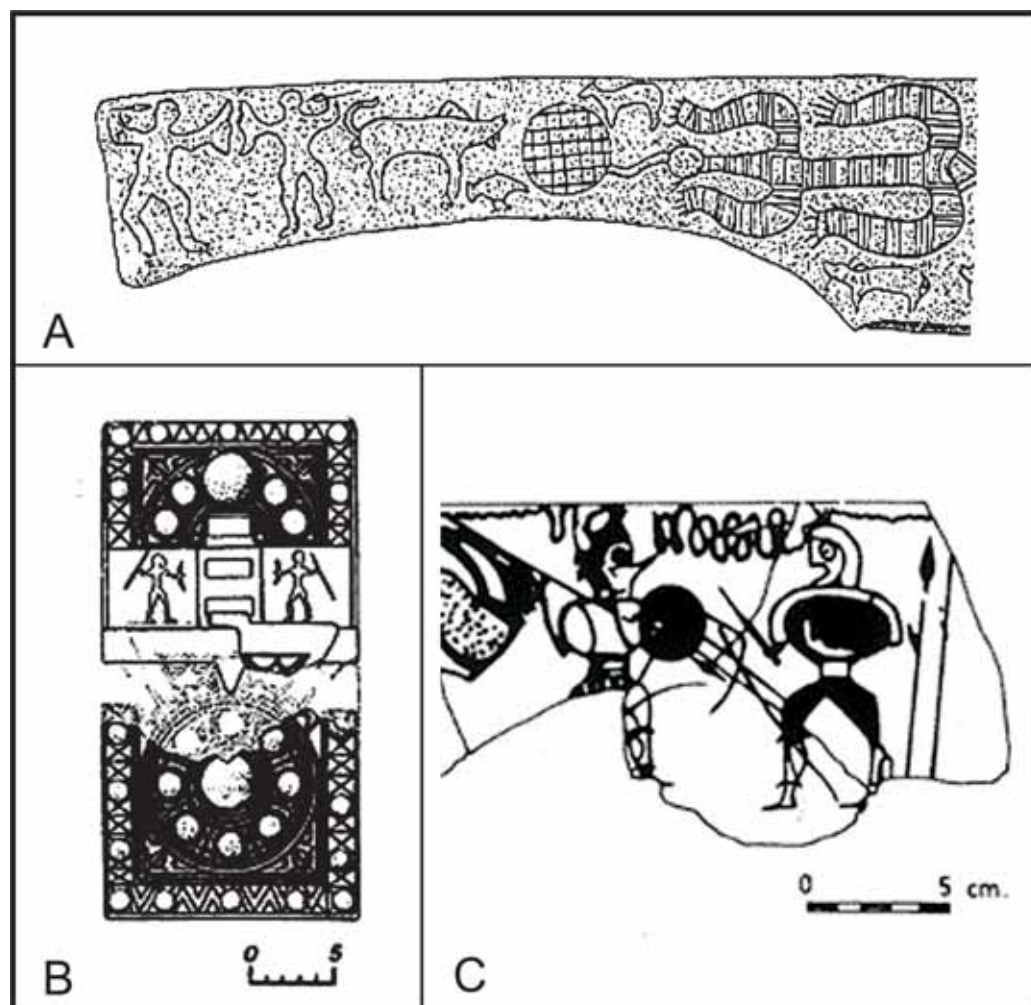


Fig. 7. Representações de duelos na Península Ibérica. A – Cabo de punhal de Las Ruedas (apud Marco Simón, 2005: fig. 23); B – Placa de cinturão de La Osera (apud Sanchez Moreno, 2005). C – Vaso dos guerreiros de Numância (apud Sopeña, 2005: fig. 23).

o lutador romano, Públio Cornélio Cipião Emiliano. Esta prática surge claramente representada tanto no painel da Vermelha, como no famoso vaso dos guerreiros de *Numantia*, datado do séc. I a.C. (SOPEÑA, 2005: 375), na placa de cinturão de La Osera (ÁLVAREZ-SANCHÍS, 2004: 310), no cabo de punhal da sepultura 32 de Las Ruedas (Padilla de Duero, Valladolid) (MARCO SIMÓN, 2005: 327), em todos os casos entre combatentes indígenas (fig. 7).

Este tipo de associação das figuras em cenas leva a supor que se trate de uma arte narrativa. As cenas teriam assim uma natureza exemplar, “mitográfica” (BAPTISTA, 1998). Estas narrativas, eventualmente relacionadas com uma determinada mitologia, exaltam um conjunto de valores que parecem estar relacionados com uma valorização da masculinidade, a julgar pelo género da maioria das figuras e pela sua natureza sexual (rocha 4 da Vermelha). A isto

se associa o prestígio, conferido pelo cavalo, a força e a violência, bem patente nas armas. Esta arte parece assim ser o produto de uma sociedade de guerreiros, hierarquizada e de tipo patriarcal, onde a exibição da força e a guerra parecem ter tido um papel importante. O tipo de sociedade que daqui se depreende parece estar mais relacionado com sociedades baseadas em chefaturas governadas por elites guerreiras, do que nas sociedades segmentárias defendidas para regiões limítrofes (LÓPEZ JIMÉNEZ e BENET, 2005).

O contexto em que estas gravuras foram realizadas é-nos totalmente desconhecido. No Vale da Casa os painéis encontravam-se associados a uma necrópole de cistas (BAPTISTA, 1983). Escavadas na altura da sua descoberta, a sua datação situa-se entre 2880 e 2500 a.C. (CRUZ, 1998: 160 e 162), relacionando-se com a fase artística mais antiga deste núcleo, composta pelos picotados (por ex. rocha 11).

Não se identificou assim qualquer contexto arqueológico associado aos painéis, até ao momento. As rochas encontram-se, na sua maioria, localizadas em zonas de erosão preferencial, dispostas ao longo de encostas de pendente elevada. Este facto não será contudo totalmente impeditivo da preservação do registo arqueológico, em condições extraordinárias, como se provou já com a rocha 1 do Fari-seu para o Paleolítico superior.

À falta de contexto estratigráfico, esta arte apenas pode, por enquanto, ser datada a partir dos seus motivos e do estilo em que surgem representados. Assim, ela tem sido atribuída à Idade do Ferro, mais precisamente ao seu segundo momento (BAPTISTA, 1999).

O estilo das representações humanas e animais, as armas e a inscrição concorrem para essa atribuição. Nas representações humanas salienta-se a particularidade estilística do exagerado desenvolvimento dos gémeos. A figuração do cavalo surge como um elemento importante na simbologia das elites do Ferro tardio. Trata-se de um motivo documentado na Beira Interior desde os séculos V-IV a.C. através dos bronzes do Crasto Velho e Moimenta da Serra (Gouveia), que corresponderiam a deposições votivas ou santuários (VILAÇA, 2005: 20).

A tipologia das armas representadas é igualmente um importante indicador cronológico. No Côa identificam-se falcatas, espadas, dardos e um recém-descoberto punhal de antenas (BAPTISTA e REIS, 2006). Datados arqueologicamente, estes materiais apresentam evidentes semelhanças com as descrições clássicas, como atrás vimos.

Finalmente, a identificação de uma inscrição alefática, na rocha 23 do Vale da Casa, concorre igualmente para esta cronologia.

Buscando paralelos supra-regionais poderemos referir os pontos de contacto entre as gravuras do Vale do Côa com as de Valcamonica (Itália) ou Bohuslän/Östfold (Suécia/Noruega). Em Valcamonica o conjunto de gravuras caracterizadas pela representação de cenas descritivas da vida quotidiana ou mágico-religiosas, onde se incluem cenas de caça ao veado, combates, nomeadamente duelos, mas também construções, como cabanas, acompanhadas por inscrições em língua etrusca, foi integrado no período IV, datado entre o ano 1000 e 16 a.C. (FRADKIN e ANATI, 2001: 20-1).

É contudo na cerâmica pintada peninsular que encontramos os melhores paralelos para esta iconografia. Já atrás referimos o vaso de *Numantia*, onde surge a representação de um duelo, semelhante à cena da rocha 3 da Vermelha. A mesma cena se repete num vaso de San Miguel de Lliria (Valência) e é exactamente na cerâmica ibérica pintada onde os paralelos iconográficos e estilísticos são mais evidentes. Para além dos motivos vegetalistas, aparentemente

ausentes do Côa, surgem pintadas nas paredes deste tipo de cerâmica, figuras zoomorfas e antropomorfas, por vezes integradas em cenas. De entre os zoomorfos destacamos cavalos, aves, peixes, veados e cães, também presentes no Vale do Côa. Nas figuras humanas salientam-se os guerreiros, personagens mitológicos, mas também figuras femininas, nomeadamente tecedeiras, e músicos e dançarinos. A presença de inscrições em língua pré-latina é igualmente comum, nomeadamente nas cerâmicas de Lliria (ARANDA, 2006).

Partindo de uma base não figurativa, as representações humanas e animais da cerâmica ibérica são hoje tidas por tardias (sécs. II-I a. C.) e relacionadas com influências externas (MAESTRO ZALDIVAR, 1989: 349; CONDE BERDÓS, 1998). As primeiras representações vegetalistas, zoomórficas e antropomórficas surgem numa fase datada entre 250 e 175 a.C., continuando na fase seguinte até 50 a. C., limitadas a figuras masculinas a pé e a cavalo (CONDE BERDÓS, 1998).

O contexto destas cerâmicas é duplo. No Sudoeste é claramente funerário. Aí, os vasos pintados com motivos figurativos procedem de necrópoles, individualizando-se estilos em cada sepultura, o leva a supor que fossem feitos por encomenda para este fim exclusivo. Já as cerâmicas de Lliria provêm de contexto urbano, apresentando formas domésticas. Apesar disso, apresentam fortes semelhanças com a iconografia da escultura funerária, desaparecida por volta do séc. IV. Elas parecem aqui ser um objecto de ostentação reservado às elites urbanas, que as encomendam. Apesar de apresentarem ainda um substrato mítico-religioso, estas representações estão mais relacionadas com as actividades do quotidiano (CONDE BERDÓS, 1998).

O tipo de iconografia das paredes de xisto do Vale do Côa parece assim encontrar semelhanças em contextos datados do século II-I a.C. Contudo, a distância geográfico-cultural, de contexto e de suporte destes elementos de comparação levam-nos a ser cautelosos nestas aproximações.

Por outro lado, esta atribuição geral não substitui a necessidade de uma definição cronológica mais fina. Desconhecemos, de momento, se as diferenças estilísticas verificadas entre alguns motivos tem alguma implicação cronológica. Exemplo disso são alguns antropomorfos e os equídeos com membros anteriores em ferradura do Vale da Casa, em relação a motivos da mesma natureza identificados na Vermelha ou no Vale de Cabrões.

Foi contudo possível já distinguir diferentes fases de gravações na rocha 10 do Vale da Casa, que apresenta centenas de representações sobrepostas. A uma primeira fase eminentemente antropomórfica, segue-se um predomínio dos cavalos, não configurando cenas, terminando a estratigrafia figurativa com uma fase em que se continuam a

gravar cavalos, mas se introduzem as armas (BAPTISTA, 1983-84). Desconhece-se se estas três fases se sucederam num período de tempo curto ou longo.

A interpretação e valorização da arte do Côa terá de se basear forçosamente no “reconhecimento do sistema de povoamento subjacente que a criou e usufruiu” (VILAÇA, 2005: 20). Valiosa, a arte rupestre revela-se limitada enquanto fonte de informação. Ela fez parte de um sistema que procuramos reconstituir. Assim sendo, teremos de olhar para o território envolvente em busca possíveis vestígios de ocupação contemporânea da expressão artística. O problema é que aqui nos voltamos a confrontar com a formulação de Alonso del Real.

A OCUPAÇÃO HUMANA

A ocupação humana do Vale do Côa contemporânea da sua arte em momentos proto-históricos é praticamente desconhecida em termos arqueológicos. Este facto radica numa falta de historial de investigação, o que justifica aliás que toda a riqueza patrimonial do vale permanecesse insuspeita para a ciência até à última década do século XX. Contrariamente ao que se poderia supor, e ao que sucedeu noutros horizontes cronológicos, a descoberta da arte rupestre do Vale do Côa não coincidiu com um acréscimo da investigação no que nos ocupa, por razões que afluam noutro local (LUÍS, 2005).

Este panorama de desconhecimento é aliás extensível às regiões limítrofes, sejam a Beira (VILAÇA 2005), o território espanhol mais próximo (LÓPEZ JIMÉNEZ e BENET, 2005), ou Trás-os-Montes (LEMONS, 1993). Em toda a região beirã verifica-se a “inexistência de um quadro cronológico e cultural de referência para o I Milénio a.C.” (VILAÇA, 2005: 14).

A norte do Douro verifica-se “uma notável rarefacção de povoados proto-históricos” (LEMONS, 1993: 265), cujas razões se atribuíram a um quadro ecológico adverso, com excepção do vale da Vilariça. O mesmo argumento foi já apresentado para explicar a reduzida densidade ocupacional conhecida até ao momento a sul do Douro, nomeadamente no Baixo Côa (ALMEIDA, 1995).

Para Sul deste nosso território, a investigação tem vindo a ser desenvolvida através da prospecção e alguma escavação arqueológica de povoados fortificados (PERESTRELO, 2003, 2005). Para comprovar a dificuldade que persiste na identificação material da ocupação proto-histórica, cite-se o sítio do Picoto (Galegos, Guarda). Identificado fortuitamente, devido à construção de uma rodovia, este sítio encontrava-se implantado numa zona não destacada na paisagem, sem qualquer tipo de estruturas defensivas e/ou monumentais. As estruturas identificadas durante a escavação resumiam-se a um conjunto de fossas escavadas no solo, em cujo interior

se identificaram bolotas, cerâmica manual grosseira, bem como um conjunto reduzido de elementos metálicos, compostos por agulhas e pequenos botões. A datação, feita a partir das bolotas, permitiu balizar esta ocupação no século VI-V a.C., podendo ter-se iniciado ainda no VIII (PERESTRELO *et al.*, 2003; PERESTRELO, 2005: 74-7).

Trata-se pois de um pequeno sítio relacionado com a exploração de recursos naturais, de grande invisibilidade, que, se identificado à superfície, teria sido integrado num momento da Pré-história Recente.

Já a Meseta, em território espanhol, beneficia de uma longa tradição de investigação e o conhecimento que possuímos das populações que a habitaram é já considerável. Ultrapassou-se aí a fase de identificação para se poder hoje perspectivar as estratégias de ocupação do território, a exploração dos recursos e mesmo a organização social (por ex. ÁLVAREZ-SÁNCHEZ, 2003).

Para começar a conhecer os homens e mulheres que viveram, exploraram e morreram neste território, onde também se gravou nas paredes, fossem eles, guerreiros, camponeses, pastores ou artesãos, falta sobretudo prospectar, escavar e estudar materiais e estruturas.

Enquanto tal não acontece, analisemos o material com que podemos trabalhar. No Vale do Côa tacteamos. Apenas contamos com dois sítios escavados que apresentam contextos do I milénio a.C., o Castelo dos Mouros (Cidadelhe, Pinhel) e a Senhora do Castelo (Urros, Torre de Moncorvo). Tem sido referida uma ocupação da Idade do Ferro no sítio do Azinhate, escavado por António Sá Coixão (2000: 340-4). Esta atribuição baseia-se no achado de um objecto de ferro e de uma mó manual e não se encontra suficientemente esclarecida.

O Castelo dos Mouros implanta-se numa elevação sobranceira à margem esquerda do Côa. Nela identificam-se vestígios de uma larga muralha de granito (2,70 m), com duas faces aparelhadas, que circunda o monte. Exceptua-se a zona Este, defendida naturalmente a íngreme encosta voltada ao Côa. A muralha, que corta alguns afloramentos graníticos contém, no seu interior, inúmeros elementos de construção romanos, incluindo um fragmento de inscrição latina (PERESTRELO, 2005: 81). O povoado ocuparia uma área de 17.500 m².

Sondado em 2002, o sítio permitiu a identificação de uma ocupação do Bronze final, caracterizada pela presença de cerâmica do tipo “Cogotas I”, com incisões em espinha, motivos reticulados preenchidos com pasta branca, linhas incisas e puncionadas, rectas ou formando ziguezagues ou reticulados. Estas cerâmicas surgiam associadas a barro de cabana, um fragmento de bronze e algum material lítico, no qual se incluía o sílex como matéria-prima (PERESTRELO, 2003: 65-7; 2005).

A ocupação da I Idade do Ferro é de difícil identificação no sítio (PERESTRELO, 2005: 77), como aliás parece acontecer em toda a Beira Interior. Os resultados do sítio do Picoto são disso prova. Apesar da dificuldade em distinguir as ocupações do Bronze final e Ferro inicial, alguns materiais cerâmicos parecem documentar a continuidade de ocupação até à II Idade do Ferro. Este período surge atestado em duas das três sondagens efectuadas, pelo intermédio de cerâmicas manuais e a torno, com formas e motivos típicos desta fase, nomeadamente as caneluras onduladas realizadas pré-cozedura (PERESTRELO, 2005: 80-2). A ocupação do sítio continua durante a época romana, onde se destaca a presença de um projectil de funda, e termina já no período medieval.

Dentro do horizonte que nos preocupa, o sítio da Senhora do Castelo de Urros é o local que sofreu uma escavação arqueológica mais intensa. Os seus resultados aguardam ainda publicação monográfica. Trata-se de um sítio com uma localização imponente sobre o rio Douro, circundado por duas linhas de muralhas, delimitando uma área de cerca de 4.500 m². A sua ocupação humana terá tido início durante o Calcolítico, continuando até à actualidade com uma pequena ermida e respectiva festa anual. A escavação arqueológica permitiu determinar que apenas a segunda linha de muralhas, com pedra não aparelhada, será proto-histórica, uma vez que a outra assenta sobre um conjunto de sepulturas do séc. XIII. O sítio apresenta um conjunto de cerâmicas que a sua investigadora insere na tradição castreja, percorrendo toda a Idade do Ferro, desde os inícios do século VII a.C. até à romanização, verificando-se uma continuidade ocupacional e mesmo de tradição cerâmica entre os dois momentos (MARTINS, 2006).

Nas vertentes Norte e Nordeste do sítio detectam-se vestígios de exploração antiga de ouro e ferro, nomeadamente cortes a céu aberto e a galeria do Buraco dos Mouros (LEMO, 1993, Vol. IIa: 377-8).

Refira-se também o sítio do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), mais conhecido pela sua ocupação calcolítica e de inícios da Idade do Bronze, mas que deu à luz uma peça de joalheria que datará do Bronze final ou já da Idade do Ferro. Esta peça encontrava-se associada a uma estrutura de combustão, junto a um bastião, e estará relacionada com uma ocupação tardia e esporádica do sítio, associada a datas radiocarbónicas entre o século VIII e o IV, não se verificando a presença de outros elementos materiais (JORGE *et al.*, 2003: 139).

Uma outra intervenção, no castro de S. Jurge (Ranhados, Meda), identificou cerâmica interpretada como sidérica pela sua decoração brunida, bem como materiais romanos, como um denário de Marco António datado de 31 a.C., e materiais pré-históricos. Defende-se, neste caso, uma ocu-

pação continuada entre a I Idade do Ferro e a romanização (NALDINHO, 2004).

Estes dois últimos sítios localizam-se já fora do território natural que acima definimos, isto é, para Oeste do limite ocidental da Meseta, na zona do planalto da Meda/Freixo de Numão, que dá início ao enrugamento dos planaltos centrais.

Os restantes sítios que aqui referiremos são apenas conhecidos a partir da superfície e da toponímia.

O Castelhão (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo) situa-se a Leste do território aqui analisado e foi identificado independentemente por Susana Cosme e pelas equipas do PAVC (Base de Dados do PAVC, sítio n.º 095), mas nunca publicado. Implanta-se num monte com cerca de 500 metros, que ocupa uma retorta na margem esquerda da Ribeira de Aguiar. A sua implantação estratégica terá eventualmente sido reforçada por uma linha de muralhas, difícil de perceber devido ao caos de blocos de granito e à vegetação. No topo desta elevação estende-se uma larga plataforma com vestígios de ocupação ao longo de uma área de cerca de 7.000 m², onde se salienta uma grande abundância de cerâmica decorada, nomeadamente “Cogotas I”, “*cepilladas*” e um conjunto de outras cerâmicas que poderão ser integráveis dentro da Idade do Ferro. A grande quantidade de materiais à superfície pode atestar a importância do sítio ou fazer supor da sua destruição pela erosão. Na encosta Sul, encontram-se dispersos em grande número de *tegulae*, cerâmicas comuns romanas e moinhos circulares. A ocupação romana encontra-se igualmente atestada na Quinta dos Boais, para Nordeste (COSME, 2006).

O Monte Meão (Vila Nova de Foz Côa) é uma elevação de grande dimensão, que o Douro quase cerca, ao desviar-se do seu trajecto Este/Oeste, junto ao Pocinho, seguindo para Norte a falha da Vilarça até à foz do Sabor e depois retomando o seu curso. Situada na margem esquerda do rio, este monte apresenta uma altitude máxima de 459 metros, destacando-se das planícies aluviais. Daqui se avista o vale da Vilarça, para Norte. Nos outros sentidos cardiais, a visibilidade é limitada pelos montes que a circundam, dominando-se contudo todo o vale da Veiga do Pocinho (fig. 8).

A notícia da existência de vestígios arqueológicos no Monte Meão é já antiga, descrevendo-se o achado de ali-cerces, muitas moedas romanas e várias inscrições (LEAL, 1886: 831). Este sítio foi identificado como a antiga *Coniumbriga* mencionada na ara votiva de Numão (CIL II 432). Tal localização baseia-se, não apenas na presunção da identificação deste achado no Monte Meão, mas sobretudo na leitura e interpretação da Crónica de Idácio, no *Parochiale Suevum* e outra documentação medieval (CURADO, 1988-94).

Fig. 8.
Fotomontagem
panorâmica
do Monte Meão,
a partir de
Sudeste.



A dimensão do monte, hoje abandonado pelo cultivo, torna difícil a identificação precisa do local de implantação da antiga *Coniumbriga*. Esta tem sido localizada no Cabeço Meão ou Castelo Velho do Monte Meão, um esporão do monte voltado a Sul. Trata-se de esporão com escarpa acentuada a Sul, Este e Oeste, dominando sobre o rio Douro. Aí foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica não decorada e material lítico. No topo, identifica-se um grande derrube de pedras voltado a Este, verificando-se ainda um troço de muralha com pedra aparelhada. Na zona superior registam-se duas grandes acumulações de pedra de natureza indeterminada. Nessa zona não se identificaram materiais em virtude da densa vegetação. A muralha, inexistente na vertente Oeste, mais escarpada, continua na vertente Sul, onde se registam algumas cerâmicas a torno não decoradas e barro de cabana. Os materiais dispersam-se por uma área de cerca de 18.000 m².

Tratam-se de vestígios de difícil contextualização, não tendo sido identificado qualquer vestígio romano, até ao momento. Prospectado todo o Monte Meão pela equipa do PAVC, foi possível identificar um conjunto muito variado de sítios, que fazem supor uma intensa ocupação do monte ao longo da Pré-história e romanização.

Igualmente voltado a Sul, num esporão paralelo ao Cabeço Meão, distingue-se um largo derrube de muralha em granito, voltado exclusivamente para o vale (Monte Meão I, 225). No seu interior identificou-se um conjunto de cerâ-

mica manual não decorada, material lítico e uma dormente, inserida na muralha. Próximo deste sítio, verifica-se a existência de um penedo de granito (Monte Meão II, 236), onde se identificam vários *laci*, interligados, distinguindo-se um deles pela sua forma semi-rectangular. Nesse mesmo afloramento denota-se uma superfície rectangular rebaixada, que se afigura como o negativo de algum outro objecto, aí colocado. Não se encontra qualquer material arqueológico associado a este afloramento, pelo que a sua contextualização e mesmo interpretação se apresenta duvidosa.

Já voltados a Norte, registaram-se dois pequenos esporões, o Monte Meão IV (243) e Monte Meão VI (249) onde se identifica cerâmica romana. O Monte Meão IV apresenta igualmente uma acumulação de pedra, que pode ser interpretado como uma pequena muralha e possivelmente um talude de terra. Ambos os locais apresentam posição dominante em relação ao vale da Vilariça.

Mais recentemente, foi identificado por Daniel Silva, arqueólogo do GTL de Foz Côa, um conjunto de materiais e estruturas no ponto mais alto do monte, conhecido por Alto das Malhadas (263). O sítio apresenta grandes derrubes de pedra granítica e verifica-se a existência de cerâmica manual, alguma decorada com aplicações plásticas, bem como fragmentos de mós manuais, numa área de cerca de 16.000 m². Por entre o caos de blocos, parece identificar-se uma ou mais linhas de muralha. Foi aí recolhido



um estilete de ferro, na posse da Câmara Municipal. O sítio não apresenta vestígios de ocupação romana.

Com uma localização privilegiada, a dimensão do Monte Meão e os vestígios nele detectados à superfície fazem supor uma densidade e longevidade de ocupação notável, que mereceria estudo monográfico aprofundado. Apenas esse estudo poderá averiguar da cronologia, sucessão e/ou contemporaneidade das ocupações identificadas à superfície. A sua correspondência com o topónimo *Coniumbriga* faz supor a existência de uma importante ocupação do I milénio a.C.

A toponímia antiga é, desde há muito, vista como indício de ocupação antiga, permitindo mesmo a definição de uma geografia linguística. O sufixo *-briga* presente na toponímia e *teonímia* antiga, preservada em inscrições romanas, radica em línguas de origem indo-europeia, indiciando a presença de um povoado no cimo de um monte (UNTERMANN, 1972:16).

Para além de *Coniumbriga*, o exemplo mais conhecido na região do Baixo Côa é o de *Caliabriga* ou *Caliabria*. Sede de bispado visigótico durante o séc. VII e centro de cunhagem de moeda durante o reinado de Viterico, o seu abandono está relacionado com a transferência do bispado para Ciudad Rodrigo, no século XII (CABRAL, 1963). Esta cidade, conhecida sobretudo a partir da documentação medieval, tem vindo a ser localizada no Monte do Castelo ou Castelo Calabre, (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)

desde pelo menos o século XVII (CABRAL, 1963). A sua localização neste imponente monte, sobranceiro ao Douro, baseia-se sobretudo nos limites definidos pelo foral de Urros (1172) e nos dois documentos relativos à doação realizada pelo rei leonês Fernando II, à catedral de Ciudad Rodrigo, em 1171, onde se incluía a “*civitatem dictam Calabriam, quae jacet inter Coam et Agadam*” (apud CABRAL, 1963:50).

No cimo do monte destaca-se uma extensa muralha, definindo uma área de cerca de 32.000 m², apresentando troços que atingem o metro de altura. No seu interior têm-se vindo a identificar inúmeros materiais, desde material de construção monumental, uma ara anepígrafa, mosaicos, sepulturas e sobretudo cerâmica romana. Sondado, mas nunca publicado, este sítio monumental mantém-se em grande medida desconhecido para a arqueologia. O seu topónimo permite defender a sua ocupação em momentos pré-romanos. Isto mesmo é sugerido por alguns achados à superfície (COIXÃO, 2000: 87), embora a sua grande maioria seja posterior. Também a extensa muralha, que excede em larga medida os outros povoados contemporâneos conhecidos, deverá datar já das fases finais de ocupação, à semelhança do que acontece no povoado da Senhora do Castelo de Urros.

No sopé deste monte localiza-se uma *villa* romana, que tem vindo a ser alvo de investigação. Com uma ocupação entre os sécs. I/II d.C. e o IV foi aqui identificado, num derrube de uma construção romana, uma placa gravada.

Os motivos gravados nessa placa, identificada em contexto secundário, inserem-se no estilo das gravuras proto-históricas do Vale do Côa, apresentando duas figuras de quadrúpede, cavalos ou cães, e uma lança, associadas a uma multiplicidade de linhas (COSME, 2006).

A toponímia auxilia-nos igualmente a localizar um outro povoado proto-histórico, Longroiva. Nesta povoação, possivelmente associada à nascente de águas sulfúreas aí existente, foi identificada uma ara votiva dedicada a *Bandi Langobricu* (GUERRA, 1998: 176). Tal teónimo tónico remete para existência do povoado pré-romano de *Langobriga* nas imediações. A actual Longroiva implanta-se num pequeno monte destacado, onde se construiu um castelo medieval, situado abaixo do nível do planalto da Meda, mas sobranceiro ao fértil vale de Longroiva. Os vestígios materiais identificados na Tapada do Castelo remetem para uma ocupação romana, referindo-se achados pré-romanos, nomeadamente uma cista (PERESTRELO, 2003: 93). Neste local identificou-se também um tesouro monetário cujo *terminus post quem* é 79 a.C. Este tesouro tem sido relacionado com as campanhas de Júlio César ou as Guerras Sertorianas (PERESTRELO, 2005: 86), durante a qual se desenrolou o episódio do cerco da cidade dos *Langobritae*, relatado por Plutarco na vida de Sertório.

As provas de ocupação humana do Vale do Côa durante o I milénio são pois reduzidas e encontram-se muito mal estudadas. Para além disso resumem-se apenas a prováveis povoados fortificados. Onde estão as pequenas explorações agrícolas? Onde estão as necrópoles? Nunca existiram ou estão simplesmente invisíveis aos olhos dos arqueólogos?

No Baixo Côa conhece-se apenas três sítios que poderão apresentar vestígios desta cronologia e que não correspondem ao povoado fortificado. O Amendoal de Quintãs (Longroiva, Meda) (019). Situa-se na base da vertente da escarpa que delimita o Vale da Ribeira de Centieira a nascente. Foi aí recolhido um conjunto de fragmentos de cerâmica, um deles decorado com mamilo alongado sobre carena, que poderá ser inserido dentro do I milénio a.C. (AUBRY *et al.*, 1998: 93).

Assinalamos ainda dois sítios localizados nas margens do rio Côa-Teixugo (262) e abrigo da Foz do Côa (261) –identificados por Mário Reis no decurso das prospecções do CNART–, que poderão eventualmente corresponder a ocupações desta época. O primeiro situa-se num monte aberto sobranceiro ao Côa. Já o abrigo se localiza no interior de um importante núcleo de arte rupestre sidérica. Apesar disto, o material identificado, composto escassa cerâmica manual sem forma ou decoração, não permite uma classificação precisa, e ambos os sítios se apresentam hoje fortemente erodidos.

Com este desconhecimento relativo às ocupações não castrejas contemporâneas, mas partindo do pressuposto comumente aceite de que o castro seria a base do povoamento para os momentos em análise, propomo-nos fazer um exercício de análise espacial. Neste exercício ignoramos totalmente a questão fundamental da contemporaneidade dos sítios atrás referidos, já que nos baseamos apenas em ténues indícios. Este exercício baseado na *site catchment analysis* (DAVIDSON e BAILEY, 1984; FERNÁNDEZ MARTINEZ e RUIZ ZAPATERO, 1984) serve-nos apenas de ponto de partida.

Desenhando em volta dos sítios atrás referidos territórios ideais de exploração de uma hora (5 km), considerados ideais para sociedades camponesas europeias, verificamos que o espaço em volta do rio Côa se preenche (fig. 9). Assistimos apenas a um vazio, junto a Vila Nova de Foz Côa. Pela tipologia do sítio, localizado numa zona planáltica, e pelos achados identificados, não nos parece que o Azinhate possa preencher esse vazio.

Fazemos notar que todos os sítios de arte rupestre, com a excepção do núcleo da Ribeira de Urros e da Canada da Moreira, se encontram fora dos limites destes territórios. Mesmo estes se encontrarão fora do limite do território real de exploração do povoado da Senhora do Castelo de Urros, se aplicarmos a fórmula Naissmith, que toma em linha de conta a orografia e o tempo de travessia dos cursos de água. Esta mesma razão fará com que a sobreposição parcial dos territórios da Senhora do Castelo e do Castelo Calabre fique mais esbatida.

A zona do vale parece estar assim vazia de ocupação humana durante esta época, com a excepção dos dois sítios atrás mencionados, mas não esclarecidos.

Com claras preocupações defensivas e/ou ostensivas, verificamos uma relação da implantação dos sítios com os recursos naturais. Sítios como Longroiva e Monte Meão estão directamente relacionados com os mais férteis terrenos da região. Tratam-se dos solos de classe A dos vales da Veiga de Longroiva e do Pocinho, formados pela continuação da falha da Vilarça e o *graben* de Longroiva. No caso do Monte Meão estes solos localizam-se a mais de 15 minutos. No entanto a dominância visual, nomeadamente a Norte, e sua relação com uma zona de passagem do Douro concedem outros elementos de importância a esta implantação. Até 1909, com a inauguração da ponte rodo-ferroviária do Pocinho, a travessia do Douro fazia-se junto à foz do Sabor, num local com o topónimo Quinta da Barca Velha, que deu origem a um dos mais conceituados vinhos portugueses.

Também o Castelo dos Mouros se encontra uma distância superior a 15 minutos dos solos mais férteis. Como o Monte Meão, a sua localização apresenta outros atractivos, como já veremos.

Embora os solos das áreas de exploração dos restantes sítios não apresentem actualmente tão boa capacidade agrícola, está claro que os seus habitantes também teriam de sobreviver a partir de uma base agro-pecuária. No entanto, outros dois elementos se poderão constituir como base de recursos.

Sobranceiro ao Douro, mas a uma grande altitude, o povoado da Senhora do Castelo de Urros parece explicar-se pela exploração mineira de ouro e ferro realizada nas imediações (LEMON, 1993; MARTINS, 2005). A importância de *Caliabria*, atestada pela importância dos vestígios e continuidade de ocupação também não adviria sobretudo do solo, mas antes da sua localização junto ao Douro e eventualmente do subsolo. Refere-se na bibliografia que na sua encosta Norte, junto à margem do Douro, existiriam vestígios de exploração de ferro e ouro de aluvião (JOÃO DE ALMEIDA *apud* CABRAL, 1963: 23).

Apesar da sua relação com a terra, os recursos do Castelo dos Mouros poderão também ter advindo da exploração mineira na zona próxima do Calvete, a Noroeste do povoado, cuja fundição terá motivado as abundantes escórias identificadas (PERESTRELO, 2005: 71).

Para além disso, a sua localização junto ao Côa, permitir-lhe-ia o controle de uma zona de passagem, hoje mantida pela actual ponte entre Cidadelhe e Vale de Afonsinho. O Castelo dos Mouros parece mesmo estar associado a um pequeno sítio aberto na margem oposta do rio, onde, à superfície, surgem cerâmicas que sugerem uma cronologia entre as idades do Bronze e do Ferro (PERESTRELO, 2003: 42).

A mesma relação com zonas de travessia se poderá estabelecer no caso do Castelão, situado sobre a ribeira de Aguiar. Exploração agro-pecuária, mineração e relação com os cursos de água, seja em termos de navegabilidade ou travessia, parecem ser os elementos que subjazem à infraestrutura económica regional.

Como foi já salientado para toda a região entre Tormes e Côa (LÓPEZ JIMÉNEZ e BENET, 2005), estes sítios não apresentam grandes bacias visuais, estando na generalidade situados a níveis mais baixos que os planaltos circundantes. Com a excepção do Monte Meão, cuja bacia visual alcança o vale da Vilariça, todos estes sítios parecem dominar apenas o seu território de exploração. Também não identificamos aqui qualquer tipo de lugar-central. Apenas o Monte Meão se salienta pela densidade e variedade de ocupação. Já a dimensão do Castelo Calabre se nos afigura exacerbada pelas ocupações romana e medieval.

Baseando-nos quase apenas em vestígios à superfície, muitas vezes de difícil diagnóstico, e em escassas escavações em curso de publicação, a região do Vale do Côa apresenta uma aparente fraca densidade de ocupação durante o I

milénio. Pouco conhecemos da sua evolução durante este longo período. À superfície, o Castelão não parece atingir a II Idade do Ferro. Já o Castelo dos Mouros segue até à romanização. A Senhora do Castelo de Urros parece começar apenas no séc. VII. Apesar disso, uma análise espacial preliminar parece indiciar que esta ocupação preenche o território, com alguns vazios, nomeadamente o fundo do vale.

Todos estes sítios, com a excepção do Castelão, apresentam vestígios de romanização no *locus* de ocupação sidérica. Com a romanização, a ocupação do território torna-se mais densa, ou pelo menos, mais visível. No entanto, até ao momento, apenas se realizaram trabalhos de escavação em três sítios com ocupação romana no Vale do Côa. Isto contrasta com o trabalho que se tem vindo a realizar e a publicar no vizinho planalto de Freixo de Numão.

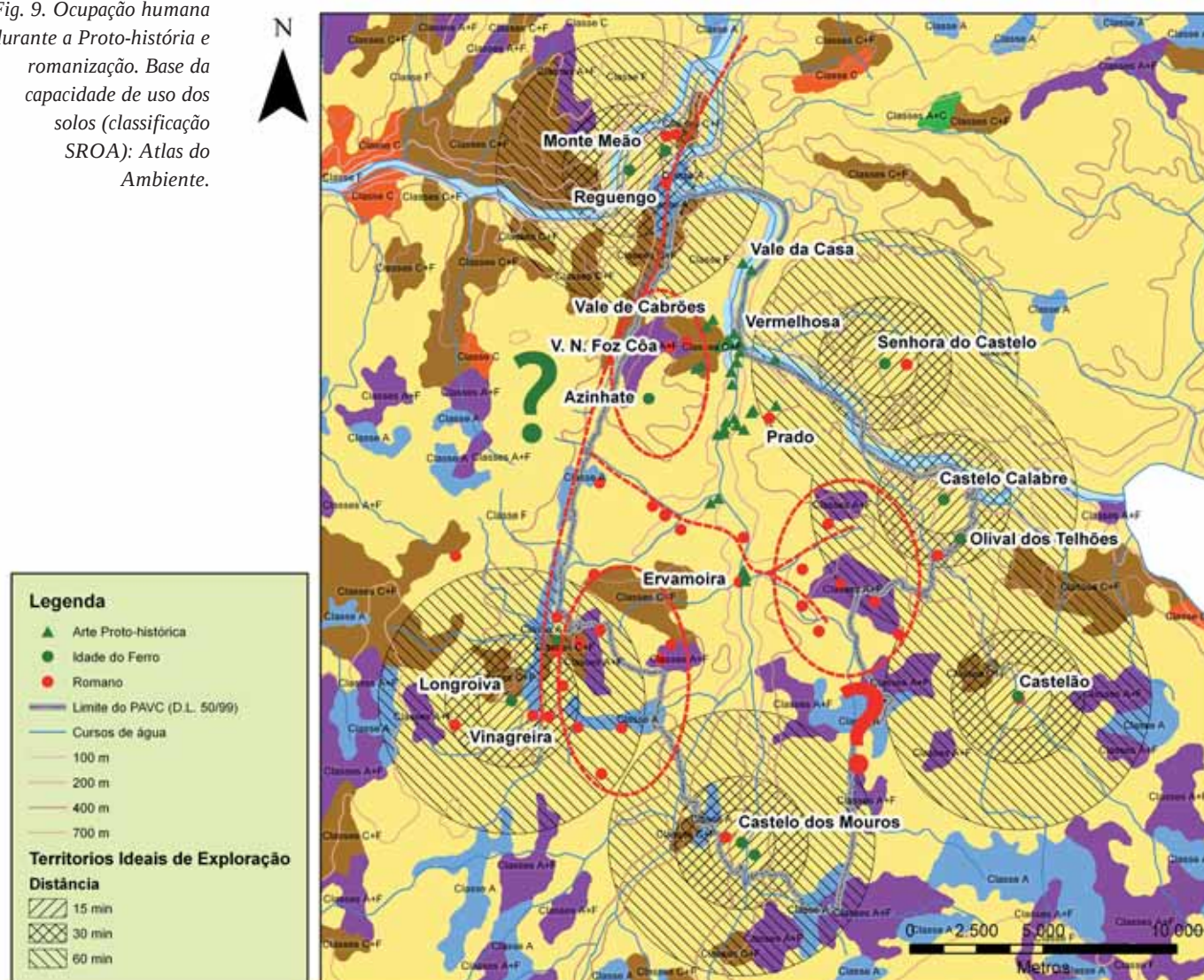
Na Quinta de Santa Maria, hoje conhecida por Ervamoira (Chãs, Vila Nova de Foz Côa), as escavações remontam a 1985. Os resultados obtidos apontam para a existência de uma *mutatio* com uma taberna adjacente, que datarão dos séculos II a IV (Guimarães, 1995). Mais do que dedicadas à exploração agrícola, estas instalações estariam provavelmente relacionadas com a travessia do rio Côa.

Localizado no planalto de Foz Côa, o sítio do Azinhate/N. S. do Amparo foi alvo de sondagens em 1992. Estes trabalhos permitiram apenas a identificação de materiais que balizam a sua ocupação entre a época romana e Idade Média. A quantidade de materiais dispersos à superfície e a sua implantação leva Sá Coixão a considerar tratar-se de um *vicus* (2000: 340-4). Qualquer que seja a sua tipologia, tratar-se-á de um sítio com alguma relevância, uma vez que se crê que a ara votiva dedicada a Júpiter Óptimo Máximo (BRANDÃO, 1959-60) será proveniente deste local.

Também o Olival dos Telhões tem vindo a ser objecto de intervenção arqueológica. As escavações, que aí se realizam desde 1995 (COSME, 1998), têm permitido conhecer a *pars rustica* de uma *villa*. Nesta área de trabalho agrícola ressaltam dois tanques revestidos a *opus signinum*, provavelmente relacionados com a produção vinícola. A ocupação deste sítio decorreu sobretudo entre os séculos III e IV d.C., continuando mesmo até ao século VI/VII. Tem-se afirmado que a inscrição funerária (CIL II 433), que hoje se encontra na capela de Santo Cristo (Barca D'Alva), terá sido achada em Almendra, eventualmente no Olival dos Telhões (COIXÃO, 2000: 247).

Apesar das reduzidas escavações arqueológicas é possível começar desde já a perspectivar o tipo de povoamento romano. Não temos dados para fazer uma hierarquização dos diferentes tipos de assentamento romanos. À falta de escavações arqueológicas, a análise da área de dispersão de achados poderá vir a ser um caminho interessante, que nos

Fig. 9. Ocupação humana durante a Proto-história e romanização. Base da capacidade de uso dos solos (classificação SROA): Atlas do Ambiente.



dê uma visão mais hierárquica do tipo de povoamento romano da área (ALARCÃO, 1998a). De momento, baseamo-nos apenas no tipo de implantação (fig. 9).

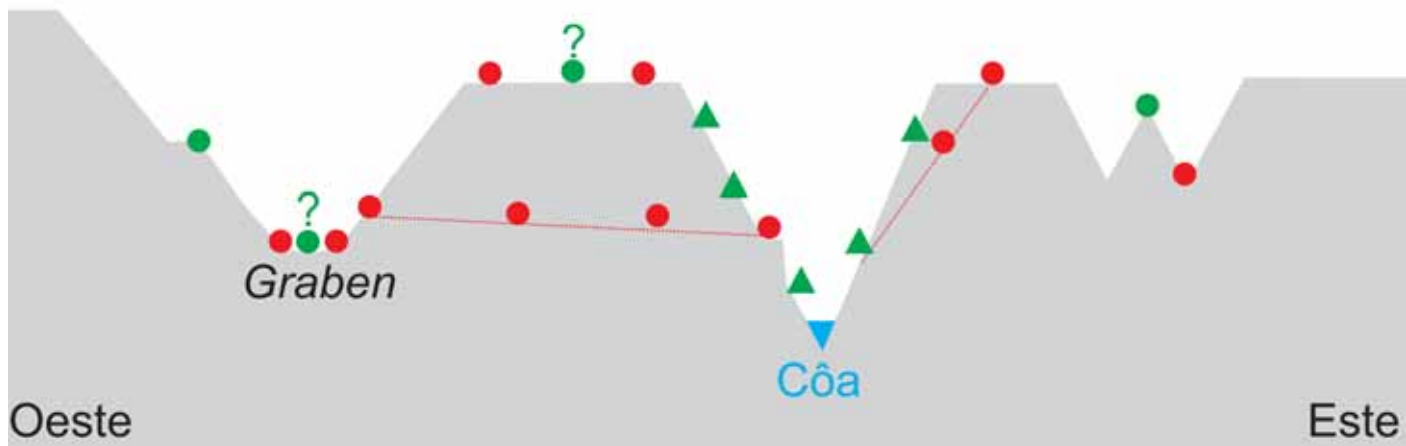
Os três sítios escavados exemplificam três tipos de implantação do povoamento romano regional que podemos distinguir. Assistimos a um primeiro tipo que consiste no povoamento próximo dos povoados preexistentes. Esta localização recorda a passagem de Dión Cássio (*História Romana*, xxxv, 52), onde se refere a exigência feita por Júlio César aos Lusitanos para que abandonassem os seus povoados e descessem para as planícies, por motivos militares. Este tipo de sítios situa-se normalmente nos sopés

destes montes, como sejam o Olival dos Telhões, relacionado com *Caliabria*; Cidadelhe 1 (PERESTRELO, 2003: 67) com o Castelo dos Mouros, Sto. Apolinário (LEMONS, 1993, vol. IIa: 368-9) com a Senhora do Castelo de Urros; Castelhão 1 com o seu *locus* 2 e a Quinta dos Boais; Vinagreira (AUBRY *et al.*, 1998: 92) e sítios adjacentes, com Longroiva; e Reguengo/N. S. da Veiga com Monte Meão.

Este último apresenta também dois sítios com ocupação romana no cimo do monte, mas fora das áreas dos povoados, Monte Meão IV e VI.

Os sítios do Reguengo e da Vinagreira integram ainda um segundo tipo. O povoamento situado no fundo dos vales

Fig. 10. Esquema interpretativo da ocupação proto-histórica e romana.



mais férteis, os vales da Veiga de Longroiva e do Pocinho. Formados em consequência da actividade de um conjunto de falhas geológicas relacionadas com o vale da Vilarica, estes solos são os mais férteis da região, integrando-se na classe A. Em consequência disso, os vestígios romanos em ambos os casos revestem-se de alguma importância à superfície.

O sítio do Azinhate corresponde a um terceiro tipo de povoamento, o povoamento dos planaltos que marginam o Côa. Tanto na margem esquerda, como na direita, verifica-se a existência de vestígios de ocupação humana de época romana, de menor dimensão, quando comparados com os das Veigas. Apresentando menor aptidão para o cultivo, estes solos são ainda hoje aproveitados para culturas menos exigentes e para a pastorícia. Nesta categoria, na margem esquerda do Côa, integram-se o já referido Azinhate/N. S. do Amparo e também o Paço (LEAL, 1886), na freguesia de Vila Nova de Foz Côa; Quinta da Torrinha (085) e Quintas (COIXÃO, 2000: 257), nas Chãs; Laboreira (129) e Quinta das Casas II (255), em Santa Comba. Na margem direita, na freguesia de Castelo Melhor, refira-se o Prado junto ao Orgal, e achados esporádicos junto a Castelo Melhor (COIXÃO 2000: 244 e 377). Já na freguesia de Almendra, registam-se a Quinta do Andrade e a Quinta de São Lourenço (COIXÃO, 2000: 250 e 296), ou o Prado Grande (197). Note-se o desconhecimento de vestígios junto a Algodres, um local onde se registam solos de classe A, o que se deverá a uma falha de prospecção ou à sua camuflagem pela ocupação moderna.

Finalmente, o quarto tipo é composto pelas pequenas ocupações dos vales de acesso ao Côa e no fundo deste vale propriamente dito. Trata-se de um conjunto de sítios que se distribui entre a Muxagata (COIXÃO, 2000: 294), seguindo o curso da ribeira da Cabra e dos Piscos, com a Quinta das Olgas (AUBRY *et al.*, 1998: 90) e dos Piscos (COIXÃO, 2000: 274) até às margens do Côa, em cujos terraços se implantam a Quinta de Santa Maria e da Barca (AUBRY *et al.*, 1998: 90). Na margem oposta, seguindo a linha da Ribeirinha, sucedem-se a Tapada da Penascosa (AUBRY *et al.*, 1998: 102) e a Fonte do Olmo (117), até Almendra. Relacionamos este tipo de implantações com a exploração dos depósitos aluviais e coluviais, assim como dos terraços fluviais, mas sobretudo com a travessia do Côa. Trata-se de um conjunto de sítios localizados ao longo da linha natural de atravessamento do Côa. Na última vintena de quilómetros, o Côa corre encaixado no fundo de um vale que se torna mais aberto apenas entre a Quinta da Barca e a foz da ribeira de Piscos. Esta área, profusamente marcada por arte paleolítica, terá sido a zona de travessia por excelência. A prova da sua utilização em tempos mais recentes reside nesta distribuição dos sítios romanos e na identificação de uma *mutatio* na Ervamoira. Um conjunto de calçadas (Penascosa, Ribeirinha e Almendra) e um pilar de uma ponte antiga sobre o Côa serão posteriores, mas salientam a utilização do local para a travessia. Este percurso terá tido igualmente forte importância em época medieval, enquanto o Côa foi fronteira, e já na época moderna, durante a exploração das minas da Ribeirinha.

O eixo de comunicação natural no sentido Norte/Sul, parte de Marialva, seguindo, através do sistema de falhas

que forma o *graben* da Longroiva, até ao vale da Veiga do Pocinho, onde se atravessaria o Douro, em direcção ao vale da Vilariça. Defendeu-se recentemente (ALARCÃO, 2005: 10-1) que a via romana, entre Marialva e o Douro, passaria por Longroiva, Freixo de Numão, Mós e Monte Meão. Não questionando a existência de uma via que passasse mais próximo dos *Meidubrigenses*, parece-nos mais racional, tendo em conta a orografia local, o traçado que propomos, seguindo as linhas de falha. O mesmo se dirá do traçado proposto para a travessia do Côa. Aproveitando as características do terreno, afigura-se-nos mais provável seguir os vales abertos das ribeiras secundárias que correm até ao Côa, partindo da Muxagata, e uma vez ultrapassado o rio, subir os vales da Ribeirinha até Almen-dra ou Castelo Melhor.

Resumindo, poderíamos definir um esquema de povoamento simplista para esta região (fig. 10). O povoamento proto-histórico que reconhecemos situa-se em montes relacionados com pequenos vales, a exploração mineira e os cursos de água, mas não junto às encostas do Côa, onde se localiza a arte rupestre. Estes povoados vão, na sua maioria, ter continuidade em época romana, cujo povoamento se localiza também no seu sopé, nos profundos vales férteis, no planalto e nas linhas que dão acesso ao Côa.

PERSPECTIVAS DE INTERPRETAÇÃO E INVESTIGAÇÃO

Do que atrás se disse, verificamos uma baixa densidade de ocupação proto-histórica. Por outro lado, identifica-se uma complementaridade entre os povoamentos proto-histórico e romano. Finalmente, o registo arqueológico parece evidenciar que o povoamento romano preenche zonas anteriormente não ocupadas. Este facto parece-nos justificar-se apenas devido à invisibilidade dos pequenos assentamentos familiares pré-romanos, dedicados sobretudo à exploração agro-pecuária e mesmo à recollecção. Isto se verifica no exemplo do Picote, onde estão também ausentes quaisquer elementos de prestígio.

Com a excepção da zona da Ervamoira, o fundo do vale apresenta-se como um lugar vazio de ocupação em época pré-romana e romana. Trata-se de uma zona de difícil acesso e de escassos recursos. Mas se esta zona nos surge assim aparentemente vazia de vestígios de ocupação humana, ela encontra-se profusamente marcada graficamente pelas populações que habitaram esta região.

A relação entre povoamento e arte rupestre não é assim clara. Uma e outra parecem excluir-se. No entanto, como referimos no início, ambos são a expressão de uma sociedade que habitou, explorou e se apropriou de um dado território (fig. 1).

Numa perspectiva fenomenológica, o espaço é construído socialmente (TILLEY, 1994: 11). Para além do espaço físico, existe assim um espaço social. O espaço não é apenas o contexto da acção humana, mas objecto dessa acção, sendo domesticado e transformado ao longo dos tempos.

As sociedades conferem assim sentido ao natural. Este mundo natural é utilizado como pano de fundo para a acção de transformação e construção humana, que explicita os sentidos que lhe são atribuídos. Tal acção poderá envolver estratégias de apropriação política por parte das elites, que poderão procurar reforçar o seu poder através de um processo de mediação entre a sociedade e a ordem natural ou sagrada. Neste sentido, natural e cultural não são necessariamente duas realidades distintas, mas integradas socialmente. A transformação da paisagem não radica tanto na sua modificação, mas na sua interpretação (BARRETT, 1999: 255-6).

Nesta perspectiva, a arqueologia tem atribuído importância sobretudo à construção monumental. No entanto, a arte rupestre, de mais simples execução, teve igualmente um papel fundamental nesta construção social do espaço. Pela sua natureza própria, ela está a meio caminho entre o natural e o construído. A arte rupestre pode ser assim interpretada como a materialização de uma ideia de território e mesmo de poder.

Já noutro local apresentámos a proposta das gravuras proto-históricas do Vale do Côa definirem um limite territorial (LUÍS, 2005: 45-6). Esta perspectiva baseia-se sobretudo em dois argumentos, nas características geomorfológicas da região e na geografia dos povos pré-romanos.

No início deste texto afluíramos já a situação geomorfológica do Baixo Côa, enquanto limite ocidental da Meseta ibérica. A topografia local confirma-o. A superfície de aplanamento da Meseta estende-se até ao Côa, ultrapassando-o um pouco. Para ocidente inicia-se o enrugamento que dá início aos planaltos centrais e à fachada atlântica. Para Norte, Trás-os-Montes, percebendo-se aqui a razão do seu nome. O Côa com o seu encaixe define-se como uma barreira natural, que marcou uma fronteira até 1297.

Analizando a organização administrativa romana do Baixo Côa, verificamos que ele se encontrava dividido entre quatro *civitates* (ALARCÃO, 2005).

Na Devesa de Marialva localizar-se-ia a *civitas aravorum*, comprovada pela inscrição CIL II 429. Um pouco a Norte, em local desconhecido, mas provavelmente nas margens da ribeira da Teja, na região planáltica entre a Meda e Numão, situar-se-iam os *Meidubrigenses* ou *Meidubrigenses*, referidos na inscrição da ponte de Alcântara (CIL II 760). Ultrapassando o Douro, a falha da Vilariça constituiria o território dos *Banienses*, como o comprova o achado da inscrição

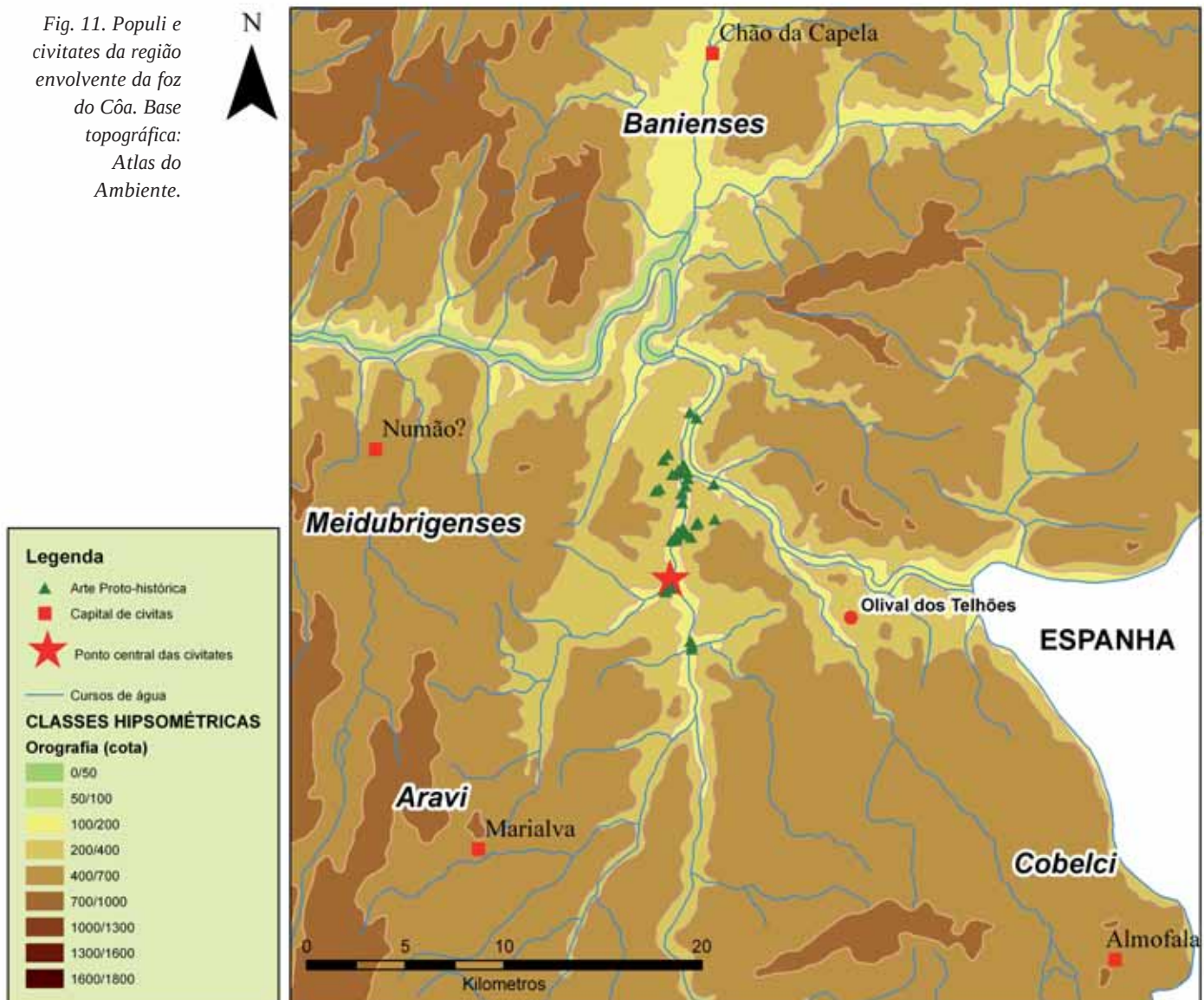
dedicada a Júpiter Óptimo Máximo (CIL II 2399), cuja capital se encontraria no Chão da Capela (ALARCÃO, 2005: 15). Não referidos na inscrição da Ponte de Alcântara, os *Cobelci*, foram recentemente identificados a partir de uma inscrição também dedicada a Júpiter pela sua *civitas*, com sede junto à Torre de Almofala (FRADE, 1998).

Os limites destes *territoria* são hoje difíceis de definir, mas se procurarmos centro geográfico destas *civitates*, vamos encontrá-lo junto no Côa, sobre a foz de Piscos (fig. 11). Definindo os respectivos territórios, os *Banienses* situar-se-iam assim a Norte do Douro. A Sul, na margem esquerda

do Côa, eventualmente até à latitude da ribeira de Piscos os *Meidubrigenses*, e para Sul os *Aravi* (ALARCÃO, 2005: 15). A margem direita do Côa pertenceria ao *territorium* dos *Cobelci*.

A inscrição funerária de Modesto (CIL II 433), identificado como Cobelco, coloca alguns problemas a esta proposta. Este tipo de identificação étnica surge geralmente em indivíduos que se encontram fora do seu território de origem. Ora, a localização desta inscrição no Olival dos Telhões, de onde será proveniente, insere-a, nesta proposta, dentro da *civitas cobercorum*. Não nos parece contudo que

Fig. 11. *Populi e civitates da região envolvente da foz do Côa. Base topográfica: Atlas do Ambiente.*



esta inscrição seja suficiente para colocar de parte esta proposta de divisão administrativa, uma vez que, não parece haver espaço suficiente para a existência de outra *civitas* na margem direita do Côa, aliás não documentada epigraficamente (ALARCÃO, 2005: 15).

Reconhecendo não ser pacífico, custa-nos compreender que as *civitates* não correspondessem a uma qualquer identidade indígena. Não acreditamos que a organização administrativa romana fizesse *tabula rasa* das realidades preexistentes. Embora se tratasse de um processo centralizado e centralizador, esta organização teria de se adaptar às realidades locais. Como qualquer processo de aculturação, a romanização não foi um processo unidireccional, dos conquistadores face aos conquistados, como fica provado em domínios como a religião.

A ser assim, e segundo esta proposta, o curso final do rio Côa e a sua confluência com o Douro poderiam ter funcionado como um *trifinium* entre estes *populi*. Este limite estaria assim definido pelos rios e reforçado pela arte rupestre.

Subindo um degrau na organização étnica pré-romana, a arte do Vale do Côa situa-se igualmente no limite entre dois grandes povos do ocidente peninsular, os *Vettones* e os *Lusitani*.

Ambos os termos, retirados das fontes clássicas, correspondem a etnónimos colectivos, agrupando dentro de si vários *populi*. A sua identificação, aproveitada pelos nacionalismos históricos, revela-se de difícil execução e é mesmo contestada, referindo-se a falta de fiabilidade das fontes antigas, escritas do ponto de vista do conquistador, por autores que não conheciam a Península. Contudo, na sua perspectiva histórico-culturalista, a arqueologia tem procurado identificar estes povos, a partir da sua cultura material.

Considerados um povo de pastores, os Vetões localizavam-se na Meseta ocidental. Como as suas senhas de identidade foram definidas a cerâmica “*a peine*” e os berrões, esculturas zoomórficas representando porcos e touros (ÁLVAREZ-SANCHÍS, 2003: 92-8 e 2004).

Já a identificação material dos Lusitanos tem sido mais polémica. Descritos extensamente pelas fontes clássicas como um povo guerreiro e de salteadores, que teve um papel importante na resistência às tropas invasoras, a sua definição em termos de cultura material tem sido difícil. Foi já mesmo sugerido, que seriam definidos exactamente pelo facto de não terem cultura material própria, mas incorporarem elementos culturais das comunidades vizinhas. Os Lusitanos seriam assim uma “não-cultura” (VILAÇA, 2005: 22).

Torna-se pois difícil definir o seu território. Jorge de Alarcão, que se tem dedicado a esta questão, identificou, numa

primeira proposta, os Lusitanos com os *populi* que contribuíram para a construção da ponte de Alcântara (CIL II 760), que os serviria (ALARCÃO, 1998b). Nestes se incluíam todos os povos da Beira Interior portuguesa, entre o Tejo e Douro, nomeadamente os atrás referidos *Aravi*, *Meidubrigenses* e *Banienses*. Os *Cobelci*, não referidos na inscrição, não seriam assim Lusitanos. Mais recentemente o autor reviu a sua posição, circunscrevendo os Lusitanos aos *populi* que prestavam culto aos deuses *Arentia/us*, *Quangeius* e *Trebarunis*, adorados exclusivamente por este povo (ALARCÃO, 2001). Agrupar-se-iam sob o nome de Lusitanos os povos da Beira portuguesa, entre o Tejo e Celorico da Beira, e da província espanhola de Cáceres. Não se registando qualquer indício de culto aos deuses referidos, os povos a Norte, *Aravi*, *Meidubrigenses* e *Banienses* ficariam assim excluídos dos Lusitanos.

A questão que se nos coloca diz respeito ao papel do rio Côa na definição de fronteiras durante o I milénio a. C. Sendo vizinhos, por onde passariam os limites entre Vetões e Lusitanos, ou, mais a Norte, um outro povo que habitasse a actual Beira Transmontana?

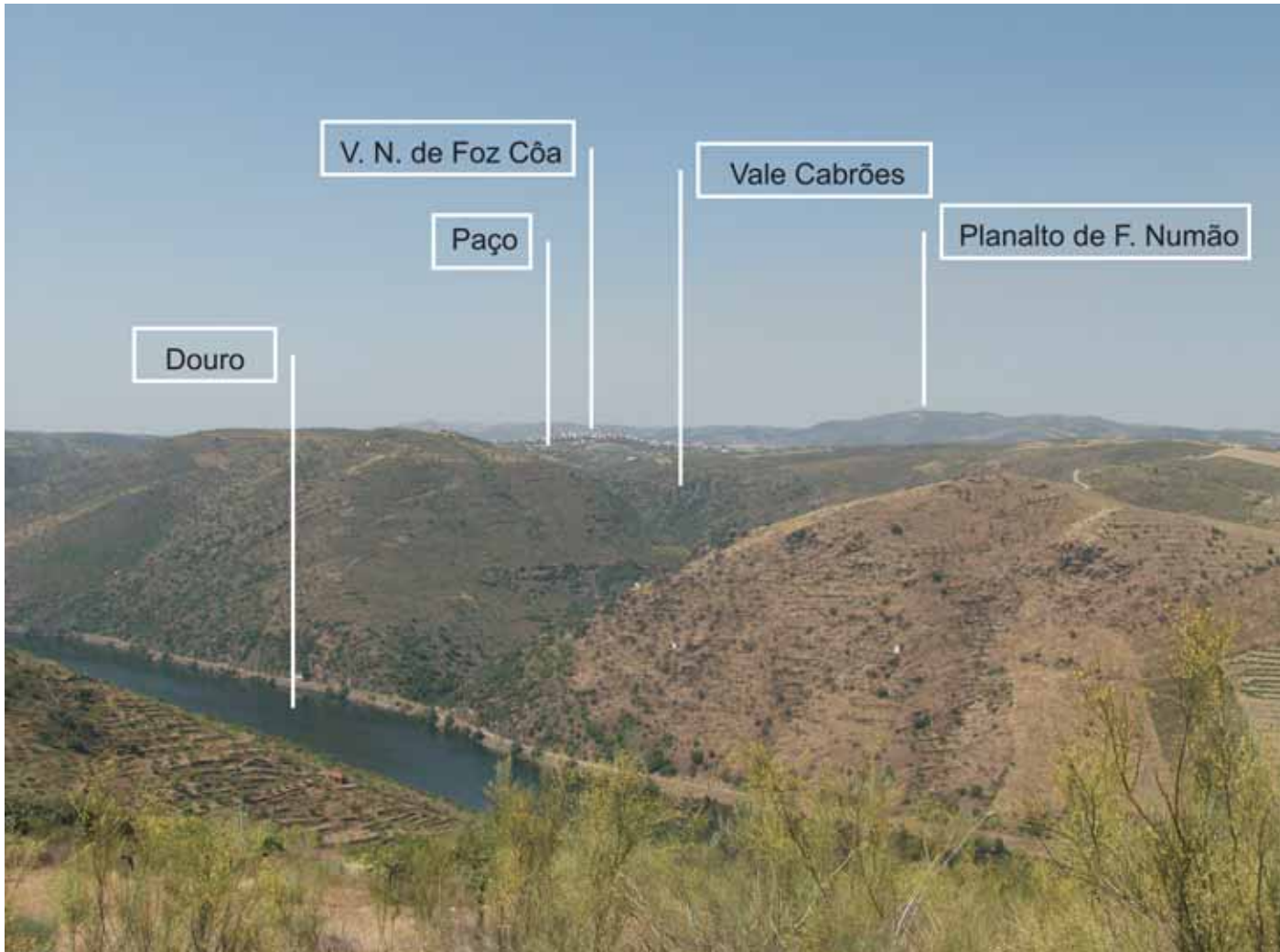
Baseada na falta de elementos culturais próprios, Raquel Vilaça fala-nos de toda a Beira Interior como uma “zona tampão”, que “centrifugou elementos díspares”, “permeável e matizada, marcada pela confluência de tipos não locais, com origens várias, e de mistura estilística, particularmente evidentes no seio das elites” (VILAÇA, 2005: 21). A investigadora não deixa contudo de se questionar quanto ao significado do Côa enquanto fronteira “estilística, cultural, populacional, etc.” (VILAÇA, 2005: 14).

A distribuição dos marcadores étnicos dos Vetões (cerâmicas “*a peine*” e berrões), levou Álvarez-Sanchís (2004) à definição do território dos Vetões. Nesta perspectiva, o Côa, sobretudo no seu curso final, surge como uma fronteira cultural. Se a Norte do Douro estas esculturas chegam ao litoral, a Sul, na generalidade, elas não ultrapassam o Côa. Exceptuam-se os exemplares de Castelo Mendo, que se situam na margem esquerda do Côa e o de Paredes da Beira, na margem Sul do Douro.

Já as cerâmicas mesetenhas, sejam as de tipo “Cogotas”, sejam as penteadas, ultrapassam mais claramente o Côa (VILAÇA, 2005: 15-6 e 19), embora vão escasseando, à medida que se avança para Ocidente. Para Sul elas coexistem contudo com as estampilhadas, definidoras de outro mundo.

Apesar de circunscrever os limites dos Lusitanos, Alarcão (2001: 296) recorre também aos berrões, às cerâmicas “*a peine*” e “Cogotas I”, para distinguir Vetões de Lusitanos. Definindo-se alguns limites, nomeadamente através da escultura, mas notando-se sobretudo gradações culturais, a fronteira entre Vetões e Lusitanos terá sido uma fronteira

Fig. 12. Vista de Vila Nova de Foz Côa, a partir da margem direita do Douro, ao longo do Vale de Cabrões.



difusa (ÁLVAREZ-SANCHÍS, 2003). Neste sentido, julgamos poder interpretar a arte rupestre do Côa como um elemento definidor desses limites. As fronteiras necessitam ser definidas justamente quando são menos claras. A localização do Vale do Côa no limite ocidental dessa grande realidade geográfica que é a Meseta Ibérica reforça a nossa ideia.

A ser assim, o limite entre Vetões e Lusitanos, a sul do Douro, seria definido *per petras et per signos*, na expressão feliz de um documento medieval a propósito das gravuras da Ponte da Munheca (ALARCÃO, 2001: 299). A arte sidé-rica do Vale do Côa poderá pois ser interpretada como um marcador territorial. Estreitamente vinculada a um território e a uma paisagem, ela serviria para materializar os limites definidos por homens e mulheres.

Ela poderia ser aqui vista como os guerreiros galaicos no Noroeste (LEMO e CRUZ, 2006) ou as gravuras da muralha de Yecla de Yeltes, aqui bem próximo (por ex. ÁLVAREZ-SANCHÍS, 2003: 90).

Os cavalos e os cavaleiros do Vale do Côa poderiam ter servido para a definição e manutenção de limites. Representando príncipes, as estátuas de guerreiros galaicos localizavam-se à entrada dos castros, conservando a memória de um chefe, que protegia a comunidade. Na Irlanda refere-se mesmo o caso do rei Loegaire, que foi enterrado de pé, com as suas armas, para proteger o território do seu povo (MARCO SIMÓN, 2005: 333-4). Os cavalos de Yecla de Yeltes poderão ter tido uma função semelhante, conferindo prestígio aos chefes do povoado e defendendo-o através dos cavaleiros representados.

Fig. 13. Montagem a partir da figura de cavaleiro da rocha 1 da Vermelhosa.



Não colocamos de parte uma relação mais directa das gravuras da zona da foz do Côa com povoados que desconhecemos arqueologicamente. A implantação das gravuras de Vale de Cabrões, Vermelhosa, Vale de José Esteves, Foz do Côa e Vale do Forno relaciona-as com o planalto. Falámos já aqui do Azinhate, mas talvez mais importante pudesse ter sido Vila Nova de Foz Côa. O seu núcleo antigo situa-se no Castelo, com uma posição dominante para o Douro (fig. 12). A povoação teve castelo, documentado em fontes medievais, cuja muralha se identifica hoje a partir da fotografia aérea e em alguns quintais. Não existem notícias de achados proto-históricos, embora se registem cerâmicas não decoradas, classificadas como pré-históricas, junto à capela da Aldeia Nova (COIXÃO, 2000: 184). A Norte, a caminho do Douro, o sítio do Paço apresenta uma grande quantidade de materiais romanos. Neste local foi recentemente achada fortuitamente uma placa de xisto apresentando um belo conjunto de gravuras de estilo proto-histórico, nomeadamente cavalos, cavaleiros e outros homens armados, assim como canídeos, que se encontra em estudo pelo CNART.

Na margem oposta do Côa, as gravuras de Meijapão e, no Douro, as da Canada da Moreira relacionam-se com a actual povoação do Orgal. Também aqui se desconhece qualquer tipo de vestígio de ocupação proto-histórica, embora haja registo de um sítio romano, o já referido

Prado. As gravuras da foz da ribeira de Urros também se poderão relacionar com o povoado da Senhora do Castelo de Urros, embora este se situe ainda a alguma distância. Afigura-se-nos como eventualmente possível uma relação desta arte com povoados locais, no entanto, ela parece ir para além desse nível.

Para o Vale do Côa propomos uma escala mais ampla, ao nível dos *populi* ou associações destes. A temática guerreira funcionaria graficamente como uma exibição de força propiciadora da manutenção dos limites definidos (fig. 13). Os povos peninsulares parecem ter sido hábeis em evitar o conflito generalizado, como o prova a prática do duelo, representado nas paredes de xisto do Côa e Douro. Juntamente com os guerreiros surgem-nos outras representações de natureza mitográfica, cuja descodificação é difícil, nomeadamente os enigmáticos cavaleiros com cabeça de pássaro, que a seguir trataremos.

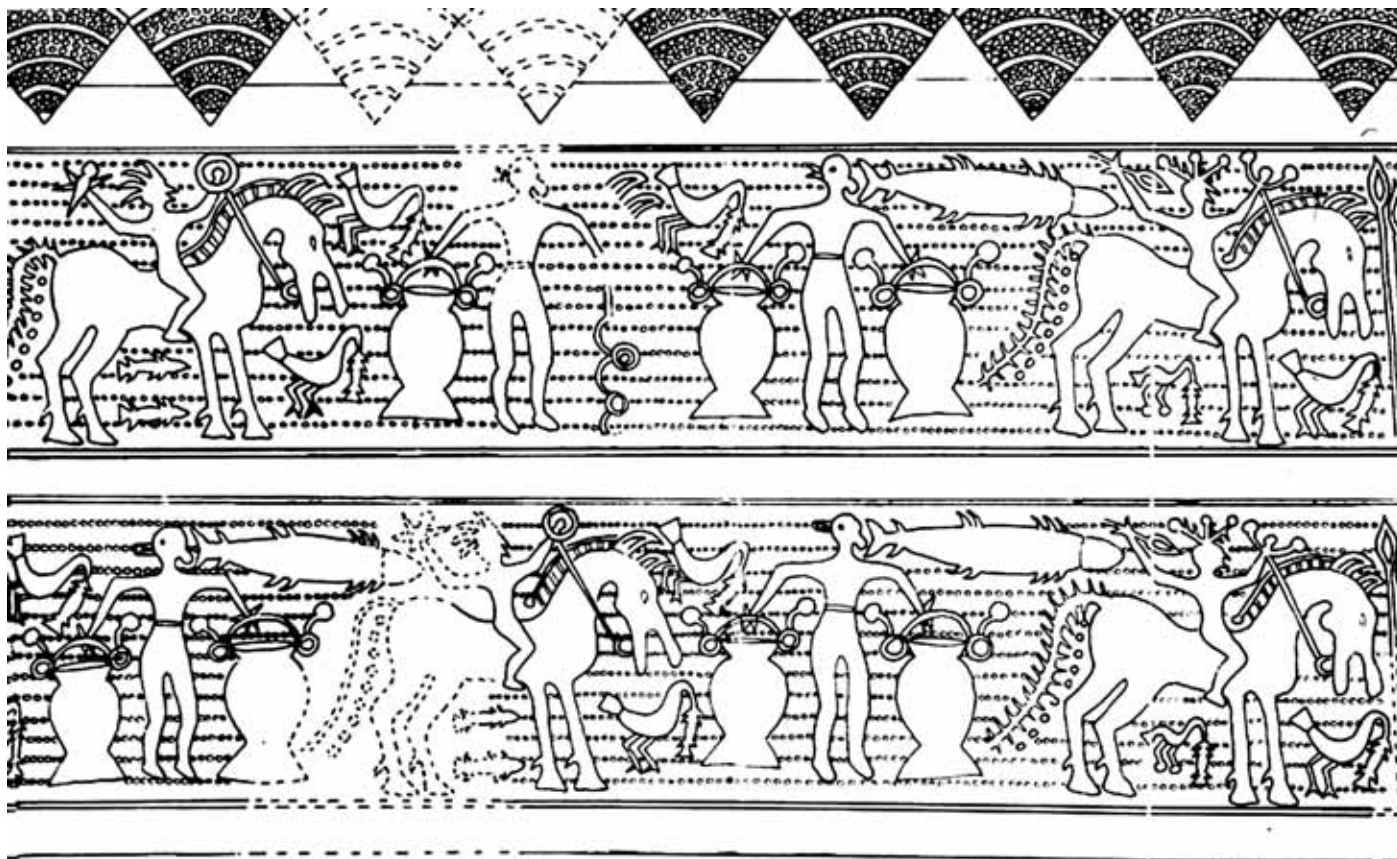
Se a arte proto-histórica do Vale do Côa pode ser interpretada como um elemento estruturador da paisagem dos vivos, percebe-se também na sua iconografia uma relação com o mundo dos mortos.

Já atrás assinalámos a relação iconográfica entre a arte rupestre do Côa e a cerâmica ibérica, bem como a relação desta com a morte, mesmo se, em parte, seja proveniente de contexto urbano. Mencionámos igualmente a identificação de motivos semelhantes aos do Vale do Côa em espólio funerário de guerreiros, como sejam as cenas de duelo representadas no cabo de punhal da sepultura 32 de Las Ruedas ou no fecho de cinturão de La Osera, que parecem decalcadas da cena da rocha 3 da Vermelhosa.

A arte rupestre do Côa e Douro remete igualmente para o notável achado dos diademas de ouro de Mones (Piloña, Astúrias) (fig. 14). As semelhanças entre estas representações são notáveis, nomeadamente ao nível das representações de guerreiros armados, a pé ou a cavalo, alguns deles apresentando uma cabeça de pássaro, e de aves com peixes no bico (MARCO SIMÓN, 2005: 332). Nestes diademas surgem ainda figuras transportando caldeirões, o que apenas encontra paralelos no Côa, nas figuras que apresentam vasos à cabeça, acima referidas (rocha 3 da Vermelhosa).

Datando de entre os últimos séculos antes da nossa Era e o seu início, estes diademas serão provenientes de um depósito funerário e estariam associados ao espólio de um chefe. Uma das interpretações destes motivos reside no mito da transformação dos guerreiros em heróis, após a morte. Essa transformação faz-se através da sua travessia das águas para o Outro Mundo. Os guerreiros são assim os heróis em trânsito e os elementos ornitomorfos aludem à transformação das pessoas em pássaros no Outro Mundo, o que é confirmado pela literatura irlandesa. Os peixes e a água reportam-se ao meio por onde se acede a esse mundo,

Fig. 14. Diadema de Mones, Piloña (G. López Monteagudo apud Marco Simón, 2005: fig. 27).



e os caldeirões ao “caldeirão da ressurreição” (MARCO SIMÓN, 2005: 332-3).

A interpretação destes diademas abre-nos assim o caminho da interpretação desta arte em termos funerários, reforçada neste caso pela implantação desta arte nas margens dos dois rios, o Côa e o Douro.

Desconhece-se qualquer associação material da arte do Côa a estruturas funerárias. Apenas o Vale da Casa evidenciou estruturas deste tipo associadas aos painéis, mas, como atrás vimos, integram-se em momentos anteriores ao que analisamos. No entanto, o facto de não identificarmos hoje vestígios de enterramento, não impossibilita esta interpretação. Ao contrário da Meseta central, verifica-se um desconhecimento quase total das práticas funerárias na extremidade ocidental da Meseta e no Noroeste peninsular. Este vazio arqueológico poderá ser justificado por práticas que deixam escassos vestígios materiais. Exemplo disso é a exposição dos cadáveres a abutres e outras aves necrófagas. Tais rituais surgem referidos nas fontes clássi-

cas, como praticadas entre os Celtiberos (SÍLIO ITÁLICO, *Pun.* III, 340-343) e Vaceus (CLÁUDIO ELIANO, *Natur. Anim.*, X, 22), mas também em cerâmica pintada de *Numantia* e na famosa estela de Zurita (ÁLVAREZ-SANCHÍS, 2004: 303-4).

Outros rituais funerários susceptíveis de não deixar vestígios são a cremação e posterior deposição dos restos nas águas. Esta hipótese radica na identificação das águas como um caminho de acesso ao Outro Mundo, pela mitologia dos povos célticos (ÁLVAREZ-SANCHÍS, 2004: 311-2; MARCO SIMÓN, 2005: 328).

A iconografia e mitologia dos povos pré-romanos, associada a práticas funerárias discretas no registo arqueológico, colocam pois a hipótese de estarmos perante evidências de práticas funerárias. As águas dos rios Côa e Douro ganham assim uma importância ritual importante, justificando-se a inexistência de vestígios de povoamento nas suas margens. A Idade do Ferro da Grã-Bretanha pode servir-nos como termo de comparação. Na sua fase final

verifica-se que actividades rituais, como os depósitos votivos, são remetidas para zonas marginais da paisagem, nomeadamente os rios (BARRETT, 1999: 154).

A associação de armas às práticas funerárias radica na prática da sua destruição aquando da morte do seu proprietário, de forma a manter a ligação mágica entre este e as suas armas e transferir o seu poder para o mundo dos mortos (MARCO SIMÓN, 2005: 328). Esta prática parece ter correspondência gráfica nas paredes de xisto do Côa e Douro, através da representação das armas, não só associadas aos cavaleiros, mas também isoladas, como na rocha 10 do Vale da Casa.

A partir dos motivos representados nos painéis do Côa e Douro, parece-nos pois defensável a relação entre esta arte e um contexto ritual e funerário. A arte do Côa e Douro definiria assim a fronteira entre vivos e mortos. Não vemos contudo que esta perspectiva exclua a anteriormente proposta de definição de fronteiras entre povos. Por exemplo, as estelas *estremeñas* foram identificadas no mesmo sentido. Pela sua localização, elas poderiam associar o enterramento dos chefes lusitanos à definição das suas fronteiras (ALARCÃO, 2001: 333).

A arte rupestre definiria assim uma fronteira a dois níveis: uma fronteira entre vivos, mas também entre estes e os mortos. Não se nos afigura que estes dois níveis se excluam, mas antes se completam. O nosso mundo tem limites. Nos nossos dias, a infinitude do Universo é de difícil percepção para o senso comum e acesamente debatida pela Física. É exactamente para lá desses limites, nessas zonas difusas, que se situam os Outros e o seu Mundo desconhecido. Esses limites deverão ser definidos e marcados para que se mantenha a ordem estabelecida.

Mas, para além de separarem, estes limites poderão servir também para unir. A propósito dos santuários rupestres, muitos deles relacionados com as águas dos rios e uma pos-

sível utilização funerária, Álvarez-Sanchís (2004: 311-2) faz notar que alguns deles se situam em “territórios neutros”, nomeadamente na zona do Douro, nas províncias de Zamora e Salamanca, assim como em Portugal. Estes locais funcionariam como santuários inter-étnicos e fronteiriços, onde convergiriam diferentes tribos para cerimónias de carácter religioso e político.

Pensamos que a partir das perspectivas que aqui apresentamos poderemos vir um dia a compreender a arte proto-histórica do Vale do Côa e os seus autores. Não só os guerreiros, mas também os outros, que não tiveram o privilégio de ficarem eternizados na pedra.

Tememos contudo não ter aqui deixado mais do que meras conjecturas pouco fundamentadas. Gostamos de pensar que elas poderão abrir janelas, levantar hipóteses para futuras investigações. Essa investigação terá de ser conduzida a dois níveis complementares. Através do levantamento sistemático da arte rupestre, da sua interpretação e publicação, integrado com a sondagem e escavação arqueológica de alguns dos sítios aqui referidos. Haja para isso vontade e condições materiais para o realizar. Sem trabalhos de campo, o tipo de discurso que aqui trazemos eternizar-se-á, e, daqui a dez anos, esta procura dos cavaleiros com cabeça de pássaro manter-se-á uma busca vã e infrutífera. Continuaremos a ter apenas uma sociedade de guerreiros, que não comeram, não viveram, nem morreram, mas apenas gravaram nas paredes.

Referências

Os números em itálico referem-se à numeração da Base de dados de sítios arqueológicos do Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Bibliografía general

- ABELANET, J. 1985. Le premier site d'art rupestre paléolithique à l'air libre: le rocher gravé de Campôme. *Conflent* 133. pp. 2-7.
- 1990. *Les roches gravées nord catalanes*. Centre d'Etudes Préhistoriques Catalanes, Perpignan, 5, Revista Terra Nostra, 1989, Prades, 209 pp.
- ABREU, M. S. de, ARCÀ, A., JAFFE, L., FOSSATTI, A. 2000. As gravuras rupestres de idade do ferro no vale de Vermelhosa Douro – Parque Arqueológico do Vale do Côa: Notícia preliminar. In JORGE, V. O., ed. – *Proto-história da Península Ibérica Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. V. Porto: ADECAP, pp. 403-406.
- ACOSTA, P. 1968. *La pintura rupestre esquemática en España*, Salamanca.
- 1986. Arte rupestre postpaleolítico hispano, en *Historia de España. 1. Prehistoria*, Ed. Gredos, pp. 265-299, Madrid.
- ADAN, G., GARCÍA, M. A., JORDA PARDO, J. F., SÁNCHEZ, B. 1989. Jarama II, nouveau gisement Magdalénien avec art mobilier de la “Meseta Castellana” (Guadalajara, Espagne). *Préhistoire Ariégeoise*, t. XLIV. pp. 97-120.
- AFONSO, B. 1993. Ritos de delimitação e sacralização do espaço no Nordeste Transmontano, *Brigantis*, vol. XIII (3-4), Bragança, pp. 89-105.
- AIRVAUX, J. 2001. *L'art préhistorique du Poitou-Charentes*. La Maison des roches, 223 pp.
- ALARCÃO, J. DE. 1998a. Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. Coimbra. 37, pp. 89-119.
- 1998b. On the *Civitates* Mentioned in the Inscription on the Bridge at Alcântara. *Journal of Iberian Archaeology*. Lisboa. 0, pp. 143-157.
- 2001. Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 293-349.
- 2005. Povoações romanas na Beira Transmontana e Alto Douro. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, pp. 9-29.
- ALCALDE DEL RÍO, H., BREUIL, H., SIERRA, L. 1911. *Les cavernes de la région cantabrique*. Mónaco.
- ALCOLEA, J. J. 1990. *El Arte Paleolítico en la Meseta*. Memoria de Licenciatura inédita. Universidad de Alcalá de Henares.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. DE. 2003a. Témoins du froid. La faune dans l'art rupestre paléolithique de l'intérieur péninsulaire. *Rev. L'Anthropologie* 107 pp. 471-500.
- 2003b. El Arte Rupestre Paleolítico del interior peninsular. Elementos para el estudio de su variabilidad regional. En: R. DE BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella, Ribadesella, 2003*, pp 223-253.
- 2006a. *Arte Paleolítico al aire libre*. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca. *Arqueología de Castilla y León* nº 16. Junta de Castilla y León 2006, 390 p., 203 figs., 126 láms.
- 2006b. Siega Verde y el Arte Paleolítico al aire libre del interior peninsular. En: *Delibes de Castro, G., y Díez Martín, F., eds: El Paleolítico Superior en la Meseta Española, Studia Archaeologica* nº 94, Valladolid, pp. 41-74.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. de, GARCÍA VALERO M. A., CRUZ, L. A. 1995. La cueva del Turismo (Tamajón, Guadalajara): Un nuevo yacimiento rupestre paleolítico en la Meseta Castellana. En: *Arqueología en Guadalajara. Patrimonio Histórico-Arqueología Castilla-La Mancha*. pp. 125-136.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. DE, GARCÍA VALERO M. A., JIMÉNEZ, P. J. 1997a. Nouvelles decouvertes d'Art Pariétal Paléolithique á la Meseta: La grotte del Reno (Valdesotos, Guadalajara). *Rev. L'Anthropologie. Tome 101, Paris*. 1997, pp. 144-163.
- 1997b. Nuevos descubrimientos de arte rupestre paleolítico en el centro de la Península Ibérica: La cueva del Reno (Valdesotos, Guadalajara). En R. de BALBÍN BERHMANN, P. BUENO RAMÍREZ: *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I. Paleolítico y Epipaleolítico. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora*, pp. 239-257.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- ALCOLEA, A., BALBÍN, R. DE, GARCÍA VALERO, M. A., JIMÉNEZ, P., ALDECOA, A., CASADO, A., ANDRÉS, B. 1997. Avance al estudio del poblamiento paleolítico del Alto valle del Sorbe (Muriel, Guadalajara). *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I. Paleolítico y Epipaleolítico. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora, 1997*, pp. 201-218.
- ALCOLEA, J., BALBÍN, R. de, JIMÉNEZ, P., GARCÍA, M. A., FOYO, A. 2000. La cueva de El Reno (Valdesotos, Guadalajara). Una visión de conjunto de su arte parietal paleolítico. *3º Congreso de Arqueología Peninsular. Actas. Vol. 2. Porto 2.000*, pp. 525-540.
- ALCOLEA, J. J., GARCÍA VALERO, M. A., ALCAINA, A. 1995. El poblamiento prehistórico antiguo en el sector suroriental del Sistema Central: Investigaciones en el valle alto del Sorbe, Guadalajara. *Rev. Raña*, nº 19, pp. 37-40.
- ALDECOA, A. 2005. *Memoria de la prospección intensiva y documentación de arte rupestre en el tramo final del río Ibor y en el área del Alto Tajo a su paso por los términos municipales de Berrocalejo, El Gordo, Peraleda de San Román y Valdelacasa del Tajo*. Inédita.
- ALMAGRO BASCH, M. 1973. Las pinturas y grabados rupestres de la cueva de Chufín. Riclones (Santander). *Trabajos de Prehistoria* 30, pp. 9-67.
- 1958. *Origen y formación del pueblo hispano*. Editorial Bergara.
- ALMEIDA, C. A. B. de 1986. A paróquia e o seu território, *Cadernos do Noroeste*. Braga, pp. 113-130.
- 1995. Aspectos da Idade do Ferro e da Romanização da Bacia Inferior do Rio Côa. *Boletim da Universidade do Porto*. 25: Junho, p. 26-27.
- ALMEIDA, C. A. F. e MOURINHO, M. M. 1981. Pinturas esquemáticas de Penas Róias, terra de Miranda do Douro, *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 43-48.
- ALMEIDA F., ANGEL LUCCI D., GAMEIRO C., COREIA J., PEREIRA T. 2004. Novos dados para o Paleolítico Superior final da Estremadura Portuguesa: Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos de 1997-2003 no Lapa dos Coelho (Casias Martanes, Torres Novas). *Promontoria*, Ano 2, n.º 2, pp. 157-192.
- ALMEIDA, F., MAURICIO, J., SOUTO, P., VALENTE, M. J. 1999. Novas perspectivas para o estudo do Epipaleolítico do interior alentejano: notícia preliminar sobre a descoberta do sítio arqueológico da Barca do Xerez da Baixo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2-1, pp. 25-38.
- ALONSO, A. y GRIMAL, A. 1999. El arte levantino: una manifestación pictórica del epipaleolítico peninsular. *Cronología del Arte Rupestre Levantino. Serie Arqueológica* nº 17. Real Academia de Cultura Valenciana, pp. 43-76.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. R. 2003. *Los señores del ganado: Arqueología de los pueblos prerromanos en el occidente de Iberia*. Madrid: Ediciones Akal AKAL Arqueología 2.
- 2004. Etnias y fronteras: Bases arqueológica para el estudio de los pueblos prerromanos en el occidente de Iberia. In LOPES, M. C. VILAÇA, R., ed. — *O Passado em cena: Narrativas e fragmentos*. Coimbra Porto: CEAUCP, pp. 299-327.
- ALVES, F. M. 1938. *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Tomo X – Arqueologia, Etnografia e Arte*, Porto.
- ALVES, L. B. 2001. Rock art and enchanted moors: the significance of rock carvings in the folklore of north-west Iberia, in R. J. WALLIS and K. LYMER (eds.), *A Permeability of Boundaries? New Approaches to the Archaeology of Art, Religion and Folklore*, BAR International Series S936, Oxford, pp. 71-78.
- 2002. The architecture of the natural world: rock art in western Iberia, in C. SCARRE (ed.), *Monuments and Landscapes in Atlantic Europe. Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age*, chapter 4, London and New York: Routledge, pp. 51-69.
- 2003. *The movement of signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia*. (Tese de Doutoramento apresentada ao Dep. de Arqueologia da Universidade de Reading, Reino Unido) 2 vols. Policopiada.
- 2006. *IC-1 – Viana do Castelo/Caminha, Ligação a Caminha, Relatório técnico-científico da prospeção arqueológica entre Pks 1+800 e 2+300*. AMB&Veritas, Lda. Relatório dos trabalhos arqueológicos (IPA).
- ALTUNA, J. 1997. *L'art des cavernes en Pays Basque*. Seuil, 200. pp.
- ANATI, E. 1968. El arte rupestre galaico-português, *Simpósio Internacional de Arte Rupestre - Barcelona 1966*, Diputación provincial de Barcelona, Instituto de Prehistoria y Arqueología, Barcelona, pp. 195-256.
- ANDRADE, J. S. 1940. Vila Nova de Fozcoa. In CORDEIRO, J. Alcino (ed.), *Anuário da Região Duriense*, 1940, Imprensa do Douro, Régua, pp. 498-505.
- ANONYME. 2004. Renonciation par Guillaume Utalgar, vicomte de Castelnou, aux droits qu'il perçoit à

- Pezilla-la Rivière, au bénéfice de l'abbaye de Lagrasse (18 décembre 1003). *Perspectives. Les archives de l'Aude*, 19, p. 6.
- APELLANIZ CASTROVIEJO, J. M. 1982. *El arte prehistórico del Pais Vasco y sus vecinos*. Ed. Desclée de Brouwer, Bilbao, 227 pp.
- ARANDA, I. 2006. Cerámica ibérica [Em linha]. In *Contestania Ibérica: Guía arqueológica de los iberos contestanos*. [citado em 21 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://contestania.com/Ceramica%20iberica.htm>>.
- ARAÚJO, A. C. 2003. O Mesolítico inicial da Estremadura. En GONÇALVES, V. Ed: *Muita gente, poucas antas*. Trabalhos de Arqueologia, Lisboa: 101-113.
- ARGOTE, P. J. C. de 1734. *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*, tomo I, Lisboa Occidental.
- 1738. *De Antiquitatibus Conventus Bracaugustani, Typis Silvanis, Ulyssipone Occidentali*.
- ARIAS CABAL, P., CERRILLO CUENCA, E., GÓMEZ PELLÓN, E., e. p. A view from the edges: the Mesolithic settlement of the interior areas of the Iberian Peninsula reconsidered, MESO2005. Belfast.
- ARIAS CABAL, P., GONZÁLEZ SAINZ, C., MOURE ROMANILLO, A., ONTAÑÓN PEREDO, R., PEREDA SAINZ, E., SAURA, P. 1999. *La Garma. Un descenso al pasado*. Gobierno de Cantabria. Universidad de Cantabria.
- ARNAUD, J. M. 1982. Le néolithique ancien et le processus de néolithisation au Portugal. Le Néolithique ancien méditerranéen. *Archéologie en Languedoc*, n° spécial, pp. 29-48.
- AUBRY, T. 1998. Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 1, n° 1, pp. 5-26.
- 2001. L'occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur. En *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 253-273.
- 2002. Le contexte archéologique de l'art. Paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa. En D. Sacchi ed. *L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image. Tautavel-Campôme*. pp. 139-157. pp. 25-38.
- AUBRY T., BAPTISTA, A. M. 2000. Une datation objective de l'art du Côa. *La Recherche*, Hors série n° 4, novembre 2000: 54-55.
- AUBRY, T. e CARVALHO, A. F. DE. 1998. O povoamento pré-histórico no Vale do Côa – Síntese dos trabalhos do P. A. V. C. (1995-1997), *Côavisão*, N.º 0, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 23-34.
- AUBRY, T., CARVALHO, A. F., ZILHÃO, J. 1997. Arqueologia. En: ZILHÃO, J. Ed. *Arte rupestre e Pré-História do vale do Côa*. Ministério da Cultura, Lisboa, pp. 77-209.
- AUBRY T., CHAUVIERE F. X., MANGADO LLACH X., SAMPAIO J. D. 2003. Constitution, territoires d'approvisionnement et fonction des sites du Paléolithique supérieur de la basse vallée du Côa. In: BAR S1122 2003: Perceived Landscapes and Built Environments *The cultural geography of Late Paleolithic Eurasia. Acts of the XIVth UISPP Congress, University of Liège, Belgium, 2-8 September 2001. Colloques / Symposia 6. 2 & 6. 5* edited by S. A. Vasil'ev, O. Soffer and J. Kozłowski, pp.
- AUBRY T., GARCÍA Díez M. 2001. Actualité sur la chronologie et l'interprétation de l'art de la vallée du Côa (Portugal). *Les Nouvelles de l'Archéologie*, n° 82: 52-57.
- AUBRY T., MANGADO-LLACH X. 2003 a. Interprétation de l'approvisionnement en matières premières siliceuses sur les sites du Paléolithique supérieur de la vallée du Côa (Portugal). In : *Actes de la table ronde d'Aurillac, "Les matières premières lithiques en Pré-histoire"*, 20-23/06/2002. Préhistoire du Sud-Ouest, Supplément n° 5, pp. 27-40.
- 2003b. Modalidades de aprovisionamento em matérias-primas líticas nos sítios do Paleolítico superior do Vale do Côa: dos dados à interpretação. In: *Paleoecologia Humana e Arqueociências, Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA M. eds. *Trabalhos de Arqueologia* 29, pp. 340-342.
- AUBRY T., MANGADO LLACH X., FULLOLA, J. M., ROSSEL L., SAMPAIO J. D. 2004. The raw material procurement at the Upper Palaeolithic settlements of the Côa Valley (Portugal); new data concerning modes of resource exploitation in Iberia. *The Use of Living Space in Prehistory, papers from a session at the E. A. A. 6th Annual*.
- AUBRY T., MANGADO LLACH X., SELLAMI F., SAMPAIO J. D. 2002. Open-air Rock-art. Territories and modes of exploitation during the Upper Paleolithic in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity* Vol. 76, n° 291, pp. 62-76.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- AUBRY, T. e J. SAMPAIO, J. D. 2003 a. O método das remontagens de vestígios líticos: aplicação ao nível de ocupação gravettense do sítio de Olga Grande 14 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)” in MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA, M. (eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*, Lisboa, IPA [Trabalhos de Arqueologia, 19], pp. 327-330.
- 2003b. Remontagem de rochas termo-alteradas; um meio de reconstrução dos modos de funcionamento de estruturas de combustão no sítio de Olga grande 4 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa), In: *Paleoecologia Humana e Arqueociências, Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA M. eds. *Trabalhos de arqueologia* 29, pp. 331-335.
- AUBRY T., ZILHÃO J., ALMEIDA F. e. p. A propos de la variabilité technique et culturelle de l'entité gravettienne au Portugal: bilan des dernières découvertes et perspectives de recherche. Actes de la Table Ronde: «Entités régionales d'une paléoculture européenne: Le Gravettien». Les Eyzies-de-Tayac, juin 2005. Supplément à Paleo.
- AUJOLAT, N. 1993. La perspective. En “*L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d'étude*”. *Documents Préhistoriques*, 5. Paris. pp. 281-288.
- AURA, J. E. 1995. *El Magdaleniense mediterráneo: la Cova del Parpalló (Gandía, Valencia)*. Trabajos Varios del S. I. P., 91. Valencia.
- BACHILLER GIL, J. A. 2004. Aportación al estudio del arte rupestre postpaleolítico: La piedra de los Siete Infantes de Lara (Cortos, Soria), *Celtiberia*, núm. 98, pp. 285-297, Soria.
- BAHN, P. G. 1985. Ice Age drawing on open rock faces in the Pyrenees, *Nature* vol. 313, n° 6003, pp. 530-531.
- 1992. Open air rock art in the Palaeolithic. En M. Lorblanchet Ed. *Rock Art in the Old World*. New Delhi. pp. 395-400.
- 1994. Lascaux: composition or accumulation? *Zephyrus XLVII*. pp. 3-13.
- 1995. Cave art without the caves. *Antiquity*, n° 69. pp. 231-237.
- BAHN, P. G., VERTUT, J. 1988. *Images of the Ice Age*. Windward. London.
- BALBÍN, R. de 1975. *Contribución al estudio del arte rupestre del Sahara español*. T. Doctoral extracto, Univ. Complutense, 39, pp. 1975.
- 1989a. El arte megalítico y esquemático del Cantábrico, en M. R. GONZÁLEZ MORALES (ed.): *Cien años después de Sautuola*, pp. 15-96, Santander.
- 1989b. Reflexiones en torno al Arte Levantino. *Rev. Arqueología*, n° 104, Diciembre 1989, pp. 6-7.
- 1989. L'Art de la grotte de Tito Bustillo (Ribadesella, Espagne). Une vision de Synthèse. *Rev. L'Anthropologie*. T. 93-2. París. pp. 435-462.
- 1995. L'art paléolithique à l'air libre de la vallée du Douro. *Archéologia*, n° 313, Junio. pp. 34-41.
- 2002. Estado actual de la investigación del Arte Paleolítico en Guadalajara. *Actas del Primer Simposio de Arqueología de Guadalajara*. T. I. pp. 187-228.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J. 1992a. La grotte de Los Casares et l'Art Paléolithique de la Meseta espagnole. *Rev. L'Anthropologie*. T. 96, 2-3. París. pp. 397-452.
- 1992b. Los Casares. En *El Nacimiento del Arte Europa. Catalogo de la Exposición de la Unión Latina*. París. pp. 311-314.
- 1994. Arte Paleolítico de la Meseta española. *Complutum*, 5. Madrid. pp. 97-138.
- 1999. Vie quotidienne et vie religieuse. Les sanctuaires dans l'Art Paléolithique. *Rev. de l'Anthropologie*, T. 103. París pp. 23-49.
- 2001. L'Art Paléolithique en plein air dans la Péninsule Ibérique: quelques précision sur son contenu, chronologie et signification. En *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commision VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 205-236.
- 2002. L'art rupestre paléolithique de l'intérieur péninsulaire ibérique: une revision chronoculturelle d'ensemble. In: *Actes du Colloque "L'art Paléolithique à l'air libre: le Paysage modifié par l'image"*, 07-09/10/1999. Coord. D. Sacchi, pp. 139-157.
- 2005a. Testigos del frío. La fauna en el Arte Rupestre Paleolítico del interior peninsular. En M. Santonja, A. Pérez-González y M. J. Machado eds. *Geoarqueología y Patrimonio en la Península Ibérica y el entorno mediterráneo*. ADEMA. Soria 2005, pp. 547-566.
- 2005b. Espace d'habitation, espace d'enterrement, espace graphique. Les coïncidences et les divergentes dans l'Art Paléolithique de la Corniche Cantabrique.». En D. VIALOU, J. RENAULT-MISKOVSKY y M. PATOU-MATHIS Dirs. *Comportements des hommes du Paléolithique moyen et supérieur en Europe. Territoires et milieux*. Eraul 111. pp. 193-206.

- . 2006. Arte paleolítico en los confines de Europa: cuevas y aire libre en el sur de la Península Ibérica. *IV Simposio de Prehistoria Cueva de Nerja. La cuenca mediterránea durante el Paleolítico Superior. 38.000-10.000 años. Fundación Cueva de Nerja-UISPP*. pp. 118-136.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., GONZÁLEZ PEREDA, M. A. 2003. El macizo de Ardines, Ribadesella, España. Un lugar mayor del arte paleolítico europeo. En: R. DE BALBÍN Y P. BUENO Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Ribadesella 2003*. pp. 91-152.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., GONZÁLEZ, M. A., MOURE, J. A. 2002. Recherches dans le massif d'Ardines: nouvelles galeries ornées de la grotte de Tito Bustillo. *L'Anthropologie*, 106, pp. 565-602.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., MOURE, A., GONZÁLEZ, M. 2000. Le Massif d'Ardines (Ribadesella. Les Asturies). Nouveaux travaux de prospection archéologique et de documentation artistique. *L'Anthropologie*, 104. París; pp. 383-414.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., MORENO, F., CRUZ, L. A. 1995. Investigaciones arqueológicas en la cueva de La Hoz (Sta. María del Espino, Guadalajara). Una visión de conjunto actualizada. En R. DE BALBÍN, J. VALIENTE y M. MUSSAT Coord. "Arqueología en Guadalajara". *Patrimonio Histórico-Arqueología Castilla-La Mancha*. pp. 37-53.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., SANTONJA, M. 1994. Siega Verde y el arte rupestre paleolítico al aire libre. *VI Coloquio Hispano-Ruso de Historia. Madrid*. pp. 5-19.
- . 1995. El yacimiento rupestre paleolítico al aire libre de Siega Verde (Salamanca, España): una visión de conjunto. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (3). Porto. pp. 73-102.
- . 1996a. Siega Verde. Un art rupestre à l'air libre dans la vallée du Douro. *Dossiers d'Archéologie*, n° 209. Diciembre 1995-enero 1996. Dijon. pp. 98-105.
- . 1996b. Arte Rupestre Paleolítico al aire libre en la cuenca del Duero: Siega Verde y Foz Côa. *Fundación Rei Afonso Henriques, Serie monografias y estudios. Zamora*.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., SANTONJA, M., PÉREZ, R. 1991. Siega Verde (Salamanca). Yacimiento artístico paleolítico al aire libre. En "Del Paleolítico a la Historia". *Museo de Salamanca. Salamanca*. pp. 33-48.
- BALBÍN, R. DE y BUENO, P. 1994. Arte Postpaleolítico en Castilla-La Mancha. En: *La Edad del Bronce en Castilla-La Mancha. Simposio 1990. Diputación Provincial de Toledo*. pp. 87-110.
- . 2000. El análisis del contexto en el arte prehistórico de la Península Ibérica. La diversidad de las asociaciones. *Arkeos*, 10. pp. 91-128.
- BALBÍN, R. DE, BUENO, P., ALCOLEA, J. J. 1995. Carta. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 35 (4), pp. 872-873.
- BALBÍN, R. DE, BUENO, P., JIMÉNEZ, P., ALCOLEA, J. J., FERNANDEZ, J. A., PINO, E., REDONDO, J. C. El yacimiento de Rillo de Gallo (Guadalajara) *Wad-Al-Hayara*, n° 16, 1989, pp. 31-73.
- . 1989b. El abrigo rupestre del Llano, Rillo de Gallo. Molina de Aragón. *XIX Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza. 1989. vol. II; pp. 179-194.
- BALBÍN, R. DE, MOURE, J. A. 1981a. La "Galería de los Caballos" de la cueva de Tito Bustillo. *Altamira Symposium. Madrid-Asturias-Santander 1979. Ministerio de Cultura*. pp. 85-117.
- . 1981b. Las pinturas y grabados de la cueva de Tito Bustillo: El Sector Oriental. *Studia Archaeologica*, 66. Valladolid.
- . 1982. El panel principal de la cueva de Tito Bustillo (Ribadesella, Asturias). *Ars Praehistorica*, t. I, pp. 47-97.
- . 1988. El Arte Rupestre de Domingo García (Segovia). *Revista de Arqueología*, N.º 87, Julio. pp. 16-24.
- BALBÍN, R. DE, MOURE, J. A., RIPOLL, E. 1982. Grabados esquemáticos de la comarca de Santa María de Nieva (Segovia). *Coloquio Internacional sobre Arte Rupestre Esquemático de la Península Ibérica. Resumen de Comunicaciones. Salamanca*. pp. 8-9.
- BALBÍN, R. DE, SANTONJA, M. 1992. Siega Verde (Salamanca). En *El Nacimiento del Arte Europa. Catálogo de la Exposición de la Unión Latina*. París. pp. 250-252.
- BALDELLOU, V. UTRILLA, P. 1999. Arte rupestre y cultura material en Aragón: presencias y ausencias, convergencias y divergencias. *Bolskan*, 16, pp. 21-37.
- BAPTISTA, A. M. 1980. Introdução ao estudo da arte pré-histórica do noroeste peninsular. 1. As gravuras rupestres do Gião. *Minia*. 2.ª série 3 (4), Braga, pp. 80-100.
- . 1981. A rocha F-155 e a origem da Arte do vale do Tejo. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. *Monografias Arqueológicas 1. Porto*.
- . 1981b. O complexo de arte rupestre da Bouça do Colado (Parada, Lindoso). *Notícia preliminar, Giesta 1 (4)*, Braga, pp. 6-16.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- 1983. O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. Porto. 8, pp. 57-69.
- 1983-84. Arte rupestre do norte de Portugal: uma perspectiva. *Portugália*. Porto. Nova série: 4-5 *Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste*, Novembro de 1983, pp. 71-82.
- 1985. A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal), *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 3, Lisboa, pp. 7-44.
- 1986. Arte rupestre pós-glaciária: Esquematismo e abstracção. In ALARCÃO, J., ed. *História da Arte em Portugal*. 1. Lisboa: Editorial Alfa, pp. 31-55.
- 1997. Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro, *Brigantium*, 10, A Coruña, pp. 191-216.
- 1998. A arte do Côa e Alto-Douro e o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART). In LIMA, A.C.P.S., ed. *Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo: os valores do Côa*. Maia: Estrela-Côa, pp. 196-201.
- 1999a. *No tempo sen tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do vale do Côa*. Centro Nacional de Arte rupestre. Vila Nova de Foz Côa.
- 1999b. O ciclo quaternário do Vale do Côa. Copm algumas considerações do método sobre estilos, valoração estética e crono-estratigrafia figurativa. *Arkeos*. Tomar, 6:2m, pp. 197-277.
- 2000. Procés de Foz Côa (Portugal). *Història i arqueologia*, *Cota Zero*, 16, Dezembro 2000, Barcelona, pp. 96-110.
- 2001. Novas descobertas de arte paleolítica de aire libre no Alto Sabor (Tras-os-Montes, Portugal). *Site www.ipa.min-cultura.pt*, 3 págs.
- 2001a. The Quaternary Roc Arte of the Côa Valley (Portugal). In *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 237-252.
- 2001b. Ocreza (Envendos, Maçao, Portugal central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, N° 11, 2001, pags. 163-192.
- 2002. Nuevos descubrimientos de Arte Paleolítico al aire libre en el río Sabor (Norte de Portugal). In *Libro Guía del Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, 2002, pp. 57-58.
- 2003. A fauna plistocénica na arte rupestre do Vale do Côa. *Tribuna da Natureza*. Porto. 13, pp. 14-20.
- 2004a. A Arte Proto-Histórica no Vale do Côa. *Comunicação apresentada nas 2.ªs Jornadas de Património da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia, na Guarda, a 21 de Outubro, e não publicada nas respectivas actas*.
- 2004b. Arte paleolítica de ar livre no rio Zêzere (Barroca, Fundao). *Eburóbriga, Fundao*, N.º 1, Primavera/verao, pp. 9-16.
- BAPTISTA, A. M., GARCÍA, M. 2002. L'Art Paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal). La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. In D. SACCHI ed. *L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image*. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. pp. 187-205.
- BAPTISTA, A. M., GOMES, M. V. 1995. Arte rupestre do Vale do Côa. 1. Canada do Inferno. Primeiras impressões. *Dossier Côa*. pp. 349-422.
- 1997. Arte Rupestre. In J. ZILHAO Coord. *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Ministerio de Cultura. Lisboa. pp. 211-406.
- BAPTISTA, A. M., MARTINS, M. M., SERRAO, E. da C. 1978. Felskunst im Tejo-Tal. Sao Simao (Nisa, Portalegre) Portugal. *Madrider Mitteilungen* 19, pp. 89-11. 29 taf.
- BAPTISTA, A. M., REIS, M., 2006. *Prospecção da arte rupestre na Foz do Côa: Do Paleolítico à Idade do Ferro. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 20 de Maio*.
- En prensa. *Prospecção da Arte Rupestre na Foz do Côa: da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro*, In *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, 15 a 20 de Maio de 2006)*.
- BAPTISTA A. M., SANTOS A. T., CORREIA D. 2006. Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca. *Côavisão, Cultura e Ciência*, nº 8, pp. 156-184.
- BARANDIARAN, I. 1972a. *Arte Mueble del Paleolítico Cantábrico*. Monografias arqueológicas. Universidad de Zaragoza. 369 pp.
- 1972b. Algunas convenciones de representación en las figuras animales del Arte Paleolítico. *Santander Symposium. Santander-Asturias 1970. Santander-Madrid*. pp. 345- 381.
- BARRETT, J. C. 1999. The Mythical Landscapes of the British Iron Age. In ASHMORE, W. KNAPP, A. B., ed.

- Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspectives*. Massachusetts Oxford: Blackwell Publishers, pp. 253-265.
- BÉCARES, J. 1974. Nuevas pinturas rupestres en Las Batuecas: El covacho del Pallón, *Zephyrus*, XXV, pp. 281-294, Salamanca.
- 1983. Hacia nuevas técnicas de trabajo en el estudio de la pintura rupestre esquemática, *Zephyrus*, XXXVI, p. 137-148, Salamanca.
- 1991. La pintura rupestre esquemática en la provincia de Salamanca, *Del Paleolítico a la Historia*, Museo de Salamanca, pp. 61-79.
- BEDNARIK, R. G. 1995 a. More news from Hell's Canyon. Portugal. *AURA Newsletter*, 12, pp. 7-8.
- 1995b. Côa Valley rock art analytical research program. *Internal report to Electricidade de Portugal*.
- 1995c. The Côa petroglyphs: an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art. *Antiquity* 69, pp. 877-882.
- 1997a. The Côa petroglyphs : an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art. En: ZILHÃO, J. Ed. *Arte rupestre e Pré-História do vale do Côa*. Ministério da Cultura, Lisboa, pp. 411-416.
- 1997b. European Art: the Palaeolithic Legacy? *Cambridge Archaeological Journal* 7:2 (1997). pp. 255-68.
- BÉGOUËN, H., BREUIL, H. 1958. *Les cavernes du Volp, Trois Frères-Tuc d'Audoubert*. Arts et Métiers Graphiques ed., Paris, 124 pp.
- BELLO DIÉGUEZ, J. M. 1994. Grabados, pinturas e ídolos en Dombate (Cabanas, A Coruña). Grupo de Viseu o Grupo Noroccidental? Aspectos taxonómico y cronológicos, in D. CRUZ (coord.) *O Megalitismo no Centro de Portugal*. *Actas do Seminário*. Estudos Pré-históricos, Vol. II, CEPBA, Viseu, pp. 287-304.
- 1995. Arquitectura, arte parietal y manifestaciones escultóricas en el Megalitismo noroccidental, in F. P. LOSADA and L. CASTRO PÉREZ (eds.), *Arqueoloxía e arte na Galicia Prehistórica e Romana*, Monografías 7, Museu Arqueolóxico e Histórico de A Coruña, A Coruña, pp. 29-98.
- 2003. Un siglo de arte megalítico en Galicia, in R. DE BALBÍN BEHRMANN e P. BUENO RAMIREZ (eds.), *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, Ribadesella, pp. 341-350.
- BELTRÁN, A. 1986. Megalitismo y arte rupestre esquemático: problemas y planteamientos. *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo peninsular*. Madrid, pp. 21-32.
- 1989a. Perduración en el arte prehistórico del "estilo paleolítico" durante el Mesolítico y los posibles enlaces: el "levantino". *Almazor. Revista de Cultura*, nº 7: 125-166.
- 1989b. Crónica da reunião e conclusões. *Almazor. Revista de Cultura*, nº 7:303-306.
- 1989c. *El arte rupestre aragonés. Aportaciones de las pinturas prehistóricas de Albalate del Arzobispo y Estadilla*, Iber-Caja, Zaragoza.
- 1989d. *Ensayo sobre el origen y significación del arte prehistórico*, Universidad de Zaragoza, Col. "Ciencias Sociales", 12, Zaragoza.
- 1989e. *Los parques culturales y el arte rupestre en Aragón*, Diputación General de Aragón, Zaragoza.
- 1996. La datación de los grabados de Foz do Côa, en Portugal y la importancia del yacimiento: síntesis de una polemica y planteamientos. In MACIEL, M. JUSTINO (coord.), *Miscellania de homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Edições Colibri, Lisboa, pp. 45-54.
- BENDER, B. 1993. Introduction. Landscape – Meaning and Action, in B. BENDER (ed.), *Landscape, Politics and Perspectives*, Berg, New York/Oxford, pp. 1-17
- BENITO DEL REY, L., GRANDE DEL BRÍO, R. 1992. *Santuarios Rupestres Prehistóricos en las provincias de Zamora y Salamanca*, Gráficas Cervantes, Salamanca.
- 1993. Estaciones de grabados rupestre en la comarca cacereña de las Hurdes. *Zephyrus*, vol. XLVI, pp. 215-225.
- 1995. *Petroglifos prehistóricos en la comarca cacereña de las Hurdes*. Ed. Librería Cervantes, Salamanca. 89 págs.
- 2000. *Santuarios rupestres prehistóricos en el centro-oeste de España*, Librería Cervantes, Salamanca.
- 2002. Art Rupestre dans la Grotte du Parpalló (Gandía, Valencia). *Inora* 33, pp. 7-11. Foix.
- BERGMANN, L. 1995. Nuevas cuevas con pinturas rupestres en el término municipal de Tarifa. III Jornadas de Historia del Campo de Gibraltar, Octubre de 1994. Almoraima. *Revista de Estudios Campogibaltareños*, 13: 51-61. Edita Mancomunidad de Municipios del Campo de Gibraltar. Cádiz.
- 1996a. Los grabados paleolíticos de la cueva del Moro (Tarifa, Cádiz): el arte rupestre del paleolítico

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- más meridional de Europa. *Almoraima. Revista de Estudios Campogibaltareños*, 16: 9-26. Edita Mancomunidad de Municipios del Campo de Gibraltar. Cádiz.
- 1996b. La Cueva del Moro (Tarifa). El arte paleolítico más meridional de Europa. *Aljaranda*, 21: 9-11. Ed. Ayuntamiento de Tarifa.
- BERGMANN, L., CARRERAS, A. M., GOMAR, A. M., RUIZ, A. En prensa. La fauna gaditana en el arte sureño. *III Jornadas de Historia Natural de Cádiz*. 2006.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F. 1994. Reflexiones en la cueva de Altamira, *Monografías*, nº 17, Museo y Centro de Investigación de Altamira, pp. 261-267.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F., NEIRA, A. 1991. Le Paléolithique supérieur dans le Bassin du Duero. En M. OTTE Ed. "Le Paléolithique supérieur européen. Bilan quinquennal. Etudes et Recherches Archéologiques de l'Université de Liège. Liège. pp. 281-283.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F., NEIRA CAMPOS, A., FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. 1996. Panorama del Paleolítico Superior y Epipaleolítico en el Norte de la cuenca del Duero. R. DE BALBÍN BEHRMANN, P. BUENO RAMÍREZ, eds: *II Congreso de Arqueología Peninsular, T. I. Paleolítico y Epipaleolítico*. Zamora: 367-382.
- BETTENCOURT, A. M. S., REBLO, T. M. H. 1988/89. Monumentos megalíticos da Serra do Arestal (Sever do Vouga-Vale de Cambra). Inventário preliminar, *Portugália*, nova série, Porto IX-X, pp. 7-30.
- BETTENCOURT, A. M. S., SANCHES, M. J. 1998. Algumas questões sobre a Idade do Bronze do Norte de Portugal, in R. FÁBREGAS VALCARCE (ed.), *A Idade do Bronze en Galicia. Novas perspectivas*. Cadernos do Seminário de Sargadelos 77. Edicions do Castro, A Coruña, pp. 13-45.
- BICHO, N. 2000. Technological change in the final upper Paleolithic of Rio Maior, Tomar, *Arkeos* 8, Thèse de Doctorat de la Southern Methodist University soutenue en 1992 (Dallas, U.S.A.).
- BICHO, N., STINER, M., LINDLY, J., FERRING, C. R. 2003. O Mesolítico e o Neolítico antigo da costa algarvia. GONÇALVES, V. ed: *Muita gente, poucas antas. Trabalhos de Arqueologia*, 23. Lisboa:15-22.
- BLAS CORTINA, M. A. de 1997. El arte megalítico en el territorio Cantábrico: un fenómeno entre la nitidez y la ambigüedad, *Brigantium* 10, A Coruña, pp. 69-89.
- BOSCH-GIMPERA, P. 1954. La Edad del Bronce en la Península Ibérica, *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXVIII, nº 89-90, Madrid, pp. 45-92.
- BOVEDA, M. J., CAÑIZO, J. A., VILASECO, X. I. 2000. Places to Engrave, Places to Die: Rock Art and Burial Cists of the Bronze Age in the North-west Iberian Peninsula. In NASH, G., ed. *Signifying Place and Space: World Perspectives of Rock Art and Landscape*. Oxford: Archeopress, pp. 49-57.
- BOURDIEU, P. 2002. *Esboço de uma teoria da prática – Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.
- BRADLEY, R. 1997. *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing and the land*. Routledge.
- 1990. *The Passage of Arms: an archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*, Cambridge University Press, Cambridge.
- 1997. *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*, Routledge, London/New York.
- 1998. *The significance of monuments. On shaping the human experience in Neolithic and Bronze Age Europe*. Routledge, London/New York.
- 2000. *An Archaeology of Natural Places*. Routledge, London/New York.
- 2002. Access, style and imagery: the audience for prehistoric rock art in Atlantic Spain and Portugal, 4000-2000 BC, *Oxford Journal of Archaeology*, 21, Oxford, pp. 231-247.
- BRADLEY, R.-CRIADO, F., FÁBREGAS, R. 1993-1994. Petroglifos en el paisaje: nuevas perspectivas sobre el arte rupestre gallego, *Minius*, II-III, Ourense, pp. 17-28.
- 1994. Los petroglifos como forma de apropiación del espacio: alguns ejemplos gallegos, *Trabajos de Prehistoria*, 51 (2), Madrid, pp. 159-168.
- 1994-95. Arte rupestre y paisaje prehistórico en Galicia: resultados del trabajo de campo entre 1992 y 1994, *Castrelos*, 7-8, pp. 67-95.
- 1995. Rock art and the prehistoric landscape of Galicia. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 61:341-370.
- BRADLEY, R., FÁBREGAS, R. 1996. Petroglifos Gallegos y Arte Esquemático : una propuesta de trabajo: *Complutum Extra*, 6 (II), pp. 103-110.
- 1998. Crossing the border: contrasting styles of rock art in the Prehistory of north-west Iberia, *Oxford Journal of Archaeology*, 17 (3), Oxford, pp. 287-308.
- 1999. La "Ley de Frontera": grupos rupestres Galaico y Esquemático y Prehistoria del Noroeste de la Península Ibérica, *Trabajos de Prehistoria*, 56, nº 1, Madrid, pp. 103-114.

- BRADLEY, R., FÁBREGAS, R., VALCARCE, R., ALVES, L. B., VILASECO VÁZQUEZ, X. I. 2005. El Pedroso – A prehistoric cave in Castille, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 7, Porto, pp. 125-156.
- BRANDÃO, D. de P. 1959-60. Ara dedicada a Júpiter na Igreja de Vila Nova de Fozcoa. *Humanitas*. Coimbra. 11-12, pp. 66-70.
- 1961. Insulturas do Monte de Eiró, Penha-Longa (Marco de Canaveses), *Lucerna*, vol. 1(2), pp. 45-58.
- BREUIL, H. 1921. Nouvelles cavernes ornées paleolithiques dans la province de Málaga. *L'Anthropologie*, Vol. 31: 239-253. París.
- 1933-1935: *Les peintures rupestres schématiques de la Peninsule Ibérique*, Lagny.
- 1934. Presidential address, *Proceedings of the Prehistoric Society of East Anglia*, 7, pp. 289-322.
- 1960. Les roches peintes paléolithiques de l'Espagne orientale. *Documentos preparatorios de la sesión Burg Warstenstein*.
- 1974. *Quatre cents siècles d'Art Pariétal*. Editions Max Fourny. París.
- BREUIL, H., BURKITT, M. C. 1929. *Rock Paintings of Southern Andalusia. A description of a Neolithic and Copper Age Art Group*. Clarendon Press, Oxford, XII, 88 págs., 54 figs. y XXXIII láms.
- BREUIL, H., OBERMAIER, H., VERNER, W. 1915. *La Pileta a Benaolán (Málaga)*. Institut de Paleontologie Humaine, Fondation Albert, I Prince de Monaco, Mónaco, 1915.
- BRITO, J. P. DE. 1992. Tesouros: o passado, o presente e o risco de desordem, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXII (1-4), Porto, 47-70.
- BRÜCK, J. 2005. Experiencing the past? The development of a phenomenological archaeology in British prehistory, *Archaeological Dialogues*, 12 (1), Cambridge University Press, pp. 45-72.
- BUENO RAMÍREZ, P. 2000. El espacio de la muerte en los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura española. *Extremadura Arqueológica*, VIII. El Megalitismo en Extremadura. Homenaje a E. Dieguez: 35-80.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de. 1992. L'art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble. *L'Anthropologie*, París, t. 96, n°s 2-3; pp. 499-572.
- 1998. The origin of the megalithic decorative system :graphics versus architecture. *Journal of Iberian Archaeology*, vol. O. Porto: 53-68.
- 2000a. Art mégalithiques art en plein air. Approches de la définition du territoire pour les groupes producteurs de la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*, 104. París : 427-458.
- 2000b. La grafía megalítica como factor para la definición del territorio. *Arkeos*, 10. pp. 129-178.
- 2000c. Arte megalítico en la Extremadura española. Homenaje a Elías Diéguez Luengo. *Extremadura Arqueológica*, VIII: El Megalitismo en Extremadura: 345-379.
- 2001. Le sacré et le profane: notes pour l'interprétation des graphies préhistoriques péninsulaires. *Revue Archéologique de l'Ouest, supplé. N° 9*. pp. 141-148.
- 2002. L'Art mégalithique péninsulaire et l'art mégalithique de la façade atlantique: un modèle de capillarité appliqué à 'art post-paléolithique européen, *L'Anthropologie*, t. 106, París, pp. 603-646.
- 2003a. Una geografía cultural del arte megalítico ibérico: las supuestas áreas marginales". In: BALBÍN, R. DE BUENO, P., Eds. *Primer Symposium internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella. El arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*. Ribadesella: 291-313.
- 2003b. Grafías y territorios megalíticos en Extremadura. Muita gente, poucas antas? Orígens, espaços e contextos do megalitismo. *Trabalhos de Arqueología*, 25. Lisboa: 407-448
- 2006a. Between power and mythology: evidence of social inequality and hierarchisation in Iberian megalithic art. En P. DIAZ DEL RÍO y L. GARCÍA SAN JUAN eds.: *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*. Bar International Series, XXX.
- 2006b. Arte megalítico en la Península Ibérica: contextos materiales y simbólicos para el arte esquemático. En J. MARTÍNEZ GARCÍA y M. HERNÁNDEZ PÉREZ eds.: *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de Los Vélez*. 2006, 57-84.
- 2006c. Arte parietal megalítico en la Península Ibérica. En F. CARRERA RAMIREZ y R. FÁBREGAS VALCARCE: *Arte Parietal Megalítico en el Noroeste peninsular. Conocimiento y conservación*. Santiago de Compostela: 153-212.
- 2006d. Cervidés et serpents dans la mythologie funéraire du mégalithisme ibérique. *Anthropozoologica*, 41: 85-102.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de, ALCOLEA, J. J. 2003. Prehistoria del lenguaje en las sociedades cazadoras y productoras del sur de Europa. En: R. DE BALBÍN y P.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- BUENO Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI*. Ribadesella 2003. pp. 13-22.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO. 2004a. Application d'une méthode d'analyse du territoire à partir de la situation des marqueurs graphiques à l'intérieur de la Péninsule Ibérique: le Tago International. *L'Anthropologie* 108, pp. 653-710.
- 2004b. Arte Megalítico en Andalucía: una propuesta para su valoración global en el ámbito de las grafías de los pueblos productores del Sur de Europa. *Mainake*, XXVI. Málaga, 29-62.
- 2005a. *El dolmen de Azután (Toledo) Areas de habitación y áreas funerarias en la cuenca interior del Tajo*. UAH. Diputación de Toledo. Monografías 02.
- 2005b. Hierarchisation et métallurgie. Les statues armées de la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*, 109. París, 577-640.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., CASADO, A. 2000. Arte megalítico en el Tajo: los dólmenes de Alcántara. Cáceres. España. *Pré-historia Recente da Península Ibérica*. Porto: 481-496, VI láms.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., VILLA, R., MORALEDA, A. 1999a. *El dolmen de Navalcán. El poblamiento megalítico en el Guadyybas*. Diputación de Toledo. 136 p.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., CASADO, A. GILES, F., GUTIÉRREZ, J. M. CARRERA, F., 1999b. Estudios de arte megalítico en la necrópolis de Alberite. *Papeles de Historia*. Ubrique, 4: 35-60.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de., DÍAZ-ANDREU, M., ALDECOA, A. 1998. Espacio habitacional/espacio gráfico. Grabados al aire libre en el término de la Hinojosa (Cuenca). *Trabajos de Prehistoria* 55 (1): 101-120.
- BUENO, P., BARROSO, R., BALBÍN, R. DE., CARRERA, F. 2006. *Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres)*. Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.
- BUENO RAMÍREZ, P., BARROSO BERMEJO, R., JIMÉNEZ SANZ, P. 2002. Culturas productoras, culturas metalúrgicas y grafías en la provincia de Guadalajara. Una revisión historiográfica. *Actas del Primer Simposio de Arqueología de Guadalajara*. Guadalajara, 2002; pp. 47-64.
- BUENO, P., JIMÉNEZ, P., BARROSO, R. 1995. Prehistoria Reciente en el Noreste de Guadalajara. *Arqueología en Guadalajara*. Toledo, 1995; pp. 72-95.
- CABRAL, A. A. D. 1963. *História da cidade de Calábria em Almendra (Subsídios)*. Porto: Casa da Beira Alta.
- CABRÉ ACUILÓ, J. 1912-1916. *Catálogo arqueológico, histórico, artístico y monumental de la provincia de Soria*, "II: Neolítico y Edad del Cobre". (Inédito).
- 1915. *El arte rupestre en España*, Memorias de la Comisión de Investigaciones Prehistóricas y Paleontológicas, 1, Madrid.
- 1934. Las cuevas de los Casares y de la Hoz. *Archivo Español de Arte y Arqueología*, nº 30. pp. 225-254.
- 1941. Pinturas y grabados rupestres, esquemáticos, de las provincias de Segovia y Soria, *Archivo Español de Arqueología*, XLIII, pp. 316-344, Madrid.
- CACHO, C., PÉREZ, S. 1997. El Magdaleniense de la Meseta y sus relaciones con el Mediterráneo Español: El abrigo de Buendía (Cuenca). *En El Món Mediterrani després del Pleniglacial (18.000-12.000 BP)*. Col. loqui. Banyoles. pp. 263-274.
- CACHO, C., RIPOLL, S. 1987. Nuevas piezas de arte mueble en el Mediterráneo Español. *Trabajos de Prehistoria*, 44: 35-62.
- CACHO, C., RIPOLL, S., MUNICIO, L. 2001. L'art mobilier d'Estebanvela (Segovia, Espagne). *En Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commision VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 263-278.
- CACHO, C., RIPOLL, S., JORDÁ, J. F., MUÑOZ, F., YRAVEDRA, J., MAICAS, R. 2003. El registro arqueológico del Pleistoceno Superior Final en el abrigo de la Peña de Estebanvela (S. de la cuenca del Duero, Segovia, España). *XI Reunión nacional de Cuaternario, Oviedo, 2003, AEQUA*, pp. 191-198.
- CALADO, M. 1997. Cromlechs alentejanos e a arte megalítica. *Brigantium*, 10. La Coruña, 289-297.
- 2004a. *Menires do Alentejo Central genese e evolução da paisagem megalítica regional*. Tesis doctoral. Lisboa.
- 2004b. Entre o ceu e a Terra. Menires e arte rupestre no Alentejo Central. *Sinais da pedra*. Cd. Rom.
- CALADO, M., ROCHA, L. 2004. Relatorio da escavação do povoado pré-histórico de Aguas Frias-Rosario. Campanha 1. Recogido en M. Calado, *Menires do Alentejo Central*. Tesis Doctoral. Universidad de Lisboa.
- CALADO, D., NIETO, J. M., NOCETE, F. 2004. Menires, símbolos e organização social. O extremos SW peninsular. *Sinais da Pedra*. Cdrom.

- CANINAS, J., HENRIQUES, F., BATATA, C., BATISTA, A. 2004. Novos dados sobre a Pré-história Recente da Beira interior Sul. Megalitismo e arte rupestre no concelho de Oleiros. *Estudos "Castelo Branco"*, nova serie, nº 3. pp. 3-30.
- CANTALEJO, P. La cueva de Malalmuerzo (Moclín, Granada): nueva estación con arte rupestre paleolítico en el área mediterránea. *Antropología y Paleoeología Humana*, 3: 59-99. Granada.
- CÁMARZ POZA, A. 1997. Por las sendas pinariegas de Urbión, *Revista de Soria*. II época, núm. 18, pp. 21-28. Soria.
- CARRASCO RUS, J., NAVARRETE ENCISO, M. S., PACHÓN ROMERO, J. A. 2006. Las manifestaciones rupestres esquemáticas y los soportes muebles en Andalucía, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. S. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 85-118.
- CARRERA, F., BUENO, P., BARROSO, R., BALBÍN, R. DE. 2007. *Recuperación patrimonial de arte prehistórico: los abrigos de El Buraco y La Grajera, Santiago de Alcántara*, (Cáceres). Ayuntamiento de Santiago de Alcántara ISBN-10:84-611-4500-3, ISBN -13:978-84-611-4500-3.
- CARTAILHACC, E. 1885. Oeuvres inédites des artistes chasseurs de rennes. *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'Homme*, XIX, pp. 63-75.
- CARVALHO, A. F. de, ZILHÃO, J., AUBRY, T. 1996. Vale do Côa. Arte Rupestre e Pré-História. *Parque Arqueológico do Vale do Côa*, Ministério da Cultura. Lisboa.
- CASABO BERNARD, J. 2004. *Paleolítico Superior Final y Epipaleolítico en la Comunidad Valenciana*. MARQ. Serie mayor 3.
- CASEY, E. S. 1996. How to get from space to place in a fairly short stretch of time. Phenomenological prolegomena in FELD S. e BASSO, K. H. (eds.) *Senses of Place*, School of American Research Advanced Seminar Series, pp. 13-52.
- CASSEN, S., VAQUERO LASTRES, J. 2004. El deseo pasmado. *Sinais de Pedra*. Evora. CdRom.
- CERRILLO CUENCA, E. 2005. *Los primeros grupos neolíticos de la cuenca extremeña del Tajo*. BAR International Series 1393.
- CERRILLO CUENCA, E., PRADA GALLARDO, A., GONZÁLEZ CORDERO, A., HERAS, F. J. 2002. La secuencia cultural de las primeras sociedades productoras en Extremadura: una datación absoluta del yacimiento de Los Barruecos (Malpartida de Cáceres, Cáceres). *Trabajos de Prehistoria*, 59, 2:101-111.
- CHIPPINDALE, C., NASH, G. 2004. *The Figured Landscapes of Rock-Art. Looking at Pictures in Place*. Cambridge University Press, Cambridge.
- CHOLLET, A., DUJARDIN, V. 2005. *La grotte de Bois-Ragot à Goux (Vienne). Magdalénien et Azilien. Essais sur les hommes et leur environnement*. Société Préhistorique Française. Mém. XXXVIII.
- CHOLLOT, M. 1964. *Musée des Antiquités Nationales. Collection Piette, art mobilier préhistorique*. Éditions des Musées nationaux, 479 pp.
- CLOTTES, J. 2002. *World Rock Art*. Los Angeles. Getty Publications.
- CLOTTES, J., ALTEIRAC, A., SERVELLE, C., 1981. Oeuvres d'art mobilier magdaléniennes des anciennes collections du Mas d'Azil. *Bulletin de la Société Préhistorique de l'Ariège*, XXXVI, pp. 37-70.
- CLOTTES, J. e J. COURTIN, J. 1992. *La Grotte Cosqueur. Peintures et Gravures de la Caverne Engloutie*, Paris, Éditions du Seuil.
- CLOTTES, J., LEWIS-WILLIAMS, J. D. 1996. *Les chamanes de la préhistoire. Transe et magie dans les grottes ornées*. Paris, Ed. Le Seuil.
- COIXÃO, A. do N. S. 2000. *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- COLECTIVO BARBAÓN. 1998. Nuevas pinturas rupestres en la provincia de Cáceres: 42 nuevos abrigos en el Parque Natural de Monfragüe. *Revista de Arqueología*, año XIX, nº 212, pp. 12-17.
- COLLADO, H. 2003. Nuevas representaciones de Arte Paleolítico en Extremadura. C.A.E.A.P. *Veinticinco años de investigaciones sobre el patrimonio cultural de Cantabria*, pp. 111-121.
- 2004. Un nuevo ciclo de arte prehistórico en Extremadura: el arte rupestre de las sociedades de economía cazadora recolectora durante el Holoceno inicial como precedente del arte rupestre esquemático en Extremadura. *Sinais da Pedra*. Evora. Cdrom.
- 2006. *Manifestaciones rupestres de estilo levantino en Extremadura*. (en prensa).
- COLLADO, H., FERNÁNDEZ, M., GIRÓN, M. 2001. Paleolithic Rock Art in Manzaner Mill Area (Alconchel-Cheles, Badajoz) *Arkeos: perspectivas em diálogo*, nº 12, 2001, pp. 29-64.
- COLLADO, H., RIPOLL, S. 1996. Una nueva estación paleolítica en Extremadura. Los grabados de la cueva de la

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- Mina de Ibor (Castañar de Ibor, Cáceres). *Revista de Estudios Extremeños*. Tomo LII, nº 2, pp. 383-399.
- COMPÓSITO 2004. *Conservação das rochas com gravuras do Vale do Côa: estudo e proposta de intervenção (Núcleo da Canada do Inferno)*. Relatório entregue pela Compósito, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- CONDE BERDÓS, M. J. 1998. Estado actual de la investigación sobre la cerámica ibérica pintada de época plena y tardía [Em linha]. In *Revista de Estudios Ibericos*, 3 El mundo Ibérico: una década de investigaciones [1985-1995] 2.ª parte. [citado em 21 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://www.ffil.uam.es/reib3/>>.
- CORCHÓN, M. S. 1985. Características técnicas y culturales del arte parietal paleolítico: su proyección en la Meseta. *Studia Zamorensia Historica*, vol. VI. pp. 223-271.
- 1986. *El Arte Mueble Paleolítico Cantabrico: Contexto y Análisis Interno*, Madrid, Centro de Investigación y Museo de Altamira [Monografías, 16].
- 1989. Datos sobre el epipaleolítico en la Meseta Norte: la cueva del Níspero (Burgos: España). *Zephyrus*, XLI-XLII:85-100.
- 2002. El Tardiglacial y la transición al Postglacial en la Meseta Norte española: Una visión de síntesis. *Zephyrus*, LV, pp. 85-142.
- 2006. Las cuevas de La Griega y Palomera (Ojo Guareña) y la cuestión de la cronología del Arte Paleolítico en la Meseta. En: DELIBES DE CASTRO, G., y DIEZ MARTÍN, F., eds: *El Paleolítico Superior en la Meseta Española*, *Studia Archaeologica* nº 94, Valladolid, pp. 75-111.
- CORCHÓN, M. S. Coord. 1997. *La cueva de La Griega de Pedraza (Segovia)*. *Arqueología en Castilla y León*, 3. *Junta de Castilla y León*.
- CORCHÓN, S., LUCAS, R., GONZÁLEZ TABLAS, F., BECARES, J. 1991. El arte rupestre prehistórico en la región castellano-leonesa. *Zephyrus*, XLI-XLII, *Salamanca*. pp. 7-18.
- CORCHÓN, M. S., VALLADAS, H., BECARES, J., ARNOLD, M., TISNERAT, N., CACHIER, H. 1996. Datación de las pinturas y revisión del Arte Paleolítico de Cueva palomera (Ojo Guareña, Burgos, España). *Zephyrus*, 49, 1996, pp. 37-60.
- CORDEIRO, A. M. R., REBELO, F. 1996. Carta geomorfológica do vale do Côa a jusante de Cidadelhe. *Cader-nos de Geografia*. Coimbra. 15, pp. 11-33.
- CORREIA, V. H., RECAREY, M. A. 1988. Insculturas rupestres da Serra da Gávea, Sra da Encarnação, *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura –1985– Arqueologia*, Esposende, pp. 93-111.
- COSME, S. 1998. Projecto de investigação arqueológica do território do Monte do Castelo (Almendra). In LIMA, A. C. P. S., ed. - *Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo: os valores do Côa*. Maia: Estrela-Côa, p. 208-214.
- 2006. Proto-história e romanização entre o Côa e o Águeda. *Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa*, em Pinhel, a 17 de Maio.
- En prensa. Proto-história e romanização entre o Côa e o Águeda. In *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, 15 a 20 de Maio de 2006)*.
- COSTAS GOBERNA, F. J., HIDALGO CUÑARRO, J. M., NOVOA ÁLVAREZ, P., PEÑA SANTOS, A. de la. 1997. Aproximación a las representaciones de cuadrúpedos en el grupo galaico de arte rupestre, in F. J. COSTAS GOBERNA e J. M. HIDALGO CUÑARRO, *Los motivos de fauna y armas en los grabados prehistóricos del continente europeo*, Asociación Arqueológica Viguesa, Serie Arqueología Divulgativa, nº 3, Vigo, pp. 53-84.
- COSTAS GOBERNA, F. J., HIDALGO CUÑARRO, J. M., PEÑA SANTOS, A. 1999. *Arte Rupestre no sur da Ría de Vigo*. Instituto de Estudios Vigueses, Vigo.
- COUREAUD, C. 1985. *L'Art Azilien. Origine et survivance*. XX Supplé. Gallia Préhistoire. CNRS. Paris.
- COUTURIER, Dr. 1962. *Le bouquetin des Alpes*. Impr. Allier, Grenoble, 2 vol. 1564 pp.
- CRIADO BOADO, F. 1993. Espacio monumental y paisajes prehistóricos en Galicia. *Concepcions espaciais e estrategias territoriais na historia de Galicia*. Asociación Galega de Historiadores. Santiago de Compostela: 23-54.
- CRIADO BOADO, F., SANTOS ESTÉVEZ, M. 2006. Paisajes domésticos, Espacios Cerrados: los Espacios de la representación y la Domesticación del Paisaje en la Edad del Bronce, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Actas del Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 173-192.
- CUNHA, A. L., SILVA, E. J. L. 1980. Gravuras rupestres do Concelho de Valença. Montes dos Fortes (Taião),

- Tapada do Ozão, Monte da Laje, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. II, Guimarães, pp. 121-131.
- CRUZ, D. 1995. Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste peninsular e da Beira Alta *Estudos Pré-históricos* 3, CEPBA, Viseu, pp. 81-112.
- 1998. Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira. In *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" (Tondela, Nov. 1997)*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Estudos Pré-históricos 8, pp. 149-166.
- CURA, M. 1997. Cuestiones generales en torno al neolítico y megalitismo. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 141-149.
- CURADO, F. P. 1988-94. A propósito de Conimbriga e de Coniumbriga. *Gaya*. Vila Nova de Gaia. 6 I Congresso do Rio Douro, pp. 213-234.
- DAVIDSON, I. BAILEY, G. N. 1984. Los yacimientos, sus territorios de explotación y la topografía. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid. 2, pp. 25-31.
- DELIBES, G. 1985. El Paleolítico. Los primeros asentamientos humanos en el valle del Duero. En *"Historia de Castilla y León I. La Prehistoria del valle del Duero"*. Ambito. Valladolid. pp. 8-21.
- DELIBES, G., SANTONJA, M. 1986. *El fenómeno megalítico en la provincia de Salamanca*, Diputación Provincial, Salamanca.
- DELLUC, B. G. 1978. Les manifestations graphiques aurignaciennes sur support rocheux des environs des Eyzies (Dordogne). *Gallia Préhistoire*, 21, 1 y 2. París. pp. 213-438. 96 figs.
- 1991. *L'art pariétal archaïque en Aquitaine*. XXVII supplément à Gallia Préhistoire. Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique. París. 393 págs. 235 figs.
- 1999. El arte paleolítico arcaico en Aquitania de los orígenes a Lascaux. En *32.000 BP: Una odisea en el tiempo. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico*. pp. 145-166.
- 2003. L'art pariétal archaïque du sud-ouest de la France à la lumière des découvertes récentes. En: R. de BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella, Ribadesella, 2003*, pp. 23-39.
- DELPORTE, H. 1990. *L'image des animaux dans l'art préhistorique*. Paris, Picard, 254 pp.
- DEL RIEGO, C. 2005. Arqueología. Los primeros bercianos también dejaron documentos gráficos, *El Mundo*. Jueves científico, 16 de junio de 2005, p. 6.
- DENDALETCHÉ, C. 1990. *Animaux sauvages des Pyrénées*. Milan ed. 168 pp.
- D'ERRICO, F. 1994. *L'art gravé azilien. De la technique à la signification*. XXXI^o supplément à Gallia Préhistoire. Edition du C. N. R. S.
- D'ERRICO, F., CACHO, C. 1994. Notation versus decoration in the Upper Palaeolithic. A case study from Tossal de la Roca. Alicante (Spain). *Journal of Archaeological Science*, 21:185-200.
- D'ERRICO, F., POSSENTI, L. 1999. L'art mobilier épipaléolithique de la Méditerranée occidentale: comparaisons thématiques et technologiques. XXIV Congrès Préhistorique de France. *Les Facies leptolithiques du Nord-Ouest Méditerranéen : milieux naturels et culturels*. París: 93-116.
- D'ERRICO, F., SACCHI, D., VANHAEREN, M. 2002. Analyse technique de l'art gravé de Fornols-Haut, Campôme-France. Implications dans la datation des représentations de style paléolithique à l'air libre. En D. Sacchi ed. *L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image. Tautavel-Campôme*. pp. 75-86.
- DIEZ CORONEL I MONTULL, L. 1987. La roca con grabados de Mas de N'Olives, en Torreblanca (Lérida). *Ars Praehistórica*, V/VI:71-102.
- DOMÍNGUEZ, A. 2005. *Memoria final de la prospección intensiva y documentación de arte rupestre en la ZEPA de la Serena: términos municipales de Puebla de Alcocer, Esparragosa de Lares y Campanario*. Inédita.
- DOMINGO, I. 2005. Las formas de representación de la figura humana. *Arte Rupestre en la Comunidad Valenciana*, pp. 279-291.
- DORN R. I. 1997. Constraining the age of the Côa valley (Portugal) engraving with radiocarbon dating. *Antiquity* 71 pp. 105-115.
- ECO, U. 1990. *Os Limites da Interpretação*, Lisboa, Difel.
- ESCUDERO LACUSSANT, G. 1900. Los Infantes de Lara. Historia y tradición, *Recuerdo de Soria*, núm. 7 (2^a ép.), pp. 13-17, Soria.
- ESPARZA ARROYO, A. 1977. El castro zamorano del Pedroso y sus insculturas, *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología*, XLIII, pp. 27-39, Valladolid.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- ESTEVEZ ESCALERA, J., GASSIOT BALLBÉ, E. 2002. El cambio en sociedades cazadoras litorales: tres casos comparativos. *Rampas*, V. Cádiz: 43-83.
- FABIÁN GARCÍA J. F. 1985. El cerro del Berrueco. *Revista de Arqueología*. N.º 56. pp. 6-17.
- 1986. La industria lítica del yacimiento de la Dehesa en El Tejado de Béjar (Salamanca). Una Industria de tipología magdalenense en la Meseta. *Numantia* n.º 2, pp. 101-143.
- 1997. La difícil definición del Paleolítico Superior en la Meseta. El yacimiento de la Dehesa (Salamanca) como exponente de la etapa Magdalenense final. In R. DE BALBÍN BERHMANN, P. BUENO RAMÍREZ. Eds.: *II Congreso de Arqueología Peninsular, Tomo I – Paleolítico y Epipaleolítico, Zamora, 24-27/09/1996*. pp. 219-237.
- FÁBREGAS VALCARCE, R., VILASECO VÁSQUEZ, X. I. 2004. El megalitismo gallego a inicios del siglo XXI, *Mainake*, XXVI, Málaga, pp. 63-87.
- FERNANDES, A. P. B. 2003. O sistema de visita e a preservação da arte rupestre em dois sítios de ar livre do Nordeste português: o Vale do Côa e Mazouco. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 5-47.
- 2004. O Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Filosofia, objetivos e ações concretas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 5-37.
- 2005. Programa de conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Primeiros resultados da estação sismológica e da estação meteorológica em funcionamento no PAVC. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior), pp. 159-166.
- 2006. Understanding an Unique Conservation Work Environment: The Case of the Côa Valley Rock Art Outcrops. In RODRIGUES, J. D. ; MIMOSO, J. M., (ed.), *Theory and Practice in Conservation: A Tribute to Cesare Brandi (Proceedings of the International Seminar)*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, p. 323-332.
- FERNANDES, A. P. B., MARQUES, M. L., RODRIGUES, M., BLANES, F., COSTA, C. En prensa. Estudo das formas de degradação de filitos com gravuras rupestres no Vale do Côa. In *Actas do VII Congresso Nacional de Geologia*, Universidade de Évora, Évora, 2006.
- FERNÁNDEZ, M. 2006. *Memoria final de la prospección en el área interior del Tajo Internacional*. TT. MM.: Ceclavín, Zarza la Mayor y Acehuche. Inédita.
- FERNÁNDEZ, M., GIRÓN, M., CRIADO, A. 2004. *Memoria de los trabajos de prospección en el Parque Natural de Monfragüe*. Inédita.
- FERNÁNDEZ, J., GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., GARCÍA, R. M. 2002. El contexto arqueológico de la Cova dels Cavalls: poblamiento prehistórico y Arte Rupestre en el tramo superior del Riu de les Coves. En R. MARTÍNEZ y V. VILLASVERDE (Coord.): *La Cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Monografías del Instituto de Arte Rupestre. Museu de la Valltorta, 1, 49-73. Valencia: Generalitat Valenciana.
- FERNÁNDEZ, J., GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., PÉREZ, R. 2005. Nuevos datos sobre el Neolítico en el Maestrazgo: el Abric del Mas de Martí (Albocàsser). *III Congresos del Neolítico en la Península Ibérica*: 879-887. Santander. 2003.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F., LÓPEZ FERNÁNDEZ, M.ª T. 1990. Secuencia cultural de El Raso de Candelada (Ávila), *Nvmantia*, III, pp. 95-124, Valladolid.
- FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, V. M., RUIZ ZAPATERO, G. 1984. El análisis de territorios arqueológicos: una introducción crítica. *Arqueología Espacial*. Teruel. 1, pp. 55-71.
- FERNÁNDEZ-TRESGUERRES, J. 1980. *El aziliense en las provincias de Asturias y Santander*. Santander.
- FERREIRA, A. de B. 1978. *Planaltos e montanhas do Norte da Beira: Estudo de geomorfologia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- FERREIRA DA SILVA, A., RIBEIRO, M. L. 1991. Carta geológica de Portugal. *Notícia explicativa da folha 15-A, Vila Nova de Foz Côa*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- FINN, P.; HALL, N. 1996. Removal of iron fastenings and iron stains from sites in the Grampians. In THORN, A.; BRUNET, J., eds. - *Preservation of Rock Art*. Melbourne. Australian Rock Art Research Association, pp. 65-71.
- FORTEA, F. J. 1975. *Los complejos microlaminares y geométricos del Levante español*. Universidad de Salamanca.
- 1978. Arte Paleolítico del Mediterráneo español. *Trabajos de Prehistoria*. 35. pp. 99-149.
- 1981. Investigaciones en la cuenca media del Nalón, Asturias (España). Noticia y primeros resultados. *Zephyrus*, XXXII-XXXIII, pp. 5-16.

- . 1989. Cuevas de La Lluera. Avance al estudio de sus artes parietales. En M. R. GONZÁLEZ MORALES ed. "Cien años después de Sautuola. Estudios en homenaje a Marcelino Sanz de Sautuola en el Centenario de su muerte". Diputación Regional de Cantabria. Santander. pp. 189-202.
- . 1990. Abrigo de La Viña. Informe de las campañas 1980-1986. *Excavaciones Arqueológicas en Asturias* pp. 55-68.
- . 1992. Abrigo de La Viña. Informe de las campañas 1987-1990. *Excavaciones Arqueológicas en Asturias* pp. 19-28.
- . 1994. Los "santuarios" exteriores en el Paleolítico cantábrico. *Complutum*, nº 5. pp. 203-220.
- FORTEA PÉREZ, F. J., GIMÉNEZ GÓMEZ, M. 1972-73. La cueva del Toro. Nueva estación malagueña con arte paleolítico. *Zephyrus*, XXIII-XXIV: 5-17. Salamanca.
- FOSSATI, A. 1996. The Iron Age in the Rock Art of Vermelhosa, Portugal [em linha]. In *Tracce*. 5. 26 de Outubro de 1996. [citado em 17 de Fevereiro de 2003]. Disponível em <<http://www.geocities.com/RainForest/3982/coaferro.html>>.
- FRADE, H. 1998. Ara a Júpiter da *Civitas Coberlcorum*. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 58, p. nº 266.
- FRADKIN, A., ANATI, E. 2001. *Valcamonica preistorica: Guida ai parchi archeologici*. Capo di Ponti: Centro Camuno di Studi Preistorici.
- FREITAS, A., SANTOS, M. F., ROLÃO, J. M. F. 1994. Notícia preliminar sobre "Fraga das Passadas" (Valpaços, Portugal), *Zephyrus*, vol. XLVIII, Salamanca, pp. 353-363.
- FULLOLA, J. M., VIÑAS, R. 1985. El primer grabado parietal naturalista en cueva de Cataluña: la Cova de la Taverna (Margalef de Montsant, Priorat, Tarragona). *Caesaraugusta*, 61-62: 67-78.
- FULLOLA PERICOT, J. M., VIÑAS R., GARCÍA ARGUELLES, P. 1990. La nouvelle plaquette gravée de Sant Gregori (Calatogne, Espagne). *L'Art des Objets au Paléolithique*. Tome 1. *L'art mobilier et son contexte*. pp. 279-286.
- GARCÍA, J. J. 1997. La pintura rupestre esquemática en la provincia de Cáceres. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 119-140.
- GARCÍA, N., ARSUAGA, J. L. 2003. Last Glaciation cold-adapted faunas in the Iberian Peninsula. En J. REUMER, J. de Vos y D. MOL eds. *Advances in Mammoth Research*. Róterdam. pp. 159-170.
- . 1999. Sobre la organización cronológica de las manifestaciones gráficas del Paleolítico superior. Perplejidades y algunos apuntes desde la región cantábrica. En 32. 000 BP: *Una odisea en el tiempo. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico*. pp. 123-144.
- GARCÍA DÍEZ M., AUBRY T. 2002. Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu. *Zephyrus* 55, 2002, pp. 157-182.
- GARCÍA DÍEZ, M., ABARQUERO MORAS, J. L., GÓMEZ-BARRERA, J. A., PALOMINO LÁZARO, A. e. p. Las pinturas rupestres de la Covacha de Las Cascarroñas (Becerril del Carpio, Palencia), *Sautuola*, en prensa.
- GARCÍA DÍEZ, M., LUÍS, L. 2003. José Alcino Tomé e o último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia, *Estudos Pré-Históricos*, Vol. X-XI, 2002-2003, CEPBA, Viseu, pp. 199-223.
- GARCÍA DÍEZ, M., MARTÍN I UIXAN, J., GENE, J., VAQUERO, 2002. La plaqueta grabada del Molí del Salt (Vimbodí, conca de Barberá) i el grafisme paleolitic/epipaleolitic a Catalunya. *Cypsela*, 14; pp. 159-173.
- GARCÍA DÍEZ, M., RODRIGUES, A. F. C., MAURÍCIO, J. M. G. 2001. *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa*, Crivarque (Relatório não publicado, entregue ao IPA em Dezembro de 2001).
- GARCÍA ROBLES, M.^a R. 2003. *Aproximación al territorio y el hábitat del Holoceno inicial y medio. Datos arqueológicos y valoración del registro gráfico en dos zonas con Arte levantino. La Rambla Carbonera (Castellón) y la Rambla Seca (Valencia)*. Tesis doctoral inédita. Universitat de Valencia.
- GARCÍA ROBLES M. R., VILLAVARDE BONILLA, V. 2002. Quelques conventions caractéristiques des niveaux anciens du Parpalló. Les graphismes du Gravettien et du Solutréen ancien, comparaison avec l'art rupestre du Côa. In: *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image. Tautavel- Campôme, 7-9 octobre 1999*, UMR 5590 du CNRS – Tautavel. D. Sacchi (dir.). GAEP & GÉOPRÉ (ed.). pp. 59-64.
- GARRIDO, R., GUTIÉRREZ, E., RODRÍGUEZ, F. J. 2000. Grabados rupestres al aire libre en el entorno de Tiermes. Algunas consideraciones respecto a su cronología y contexto cultural. *Actas Congreso Internacional de Arte Rupestre Europea*, Vigo, ed. en Cd-Rom, ponencia 23.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- GARRIDO PENA, R.-MUÑOZ LÓPEZ-ASTILLEROS, K. 2000. Visiones sagradas para los líderes. Cerámicas campaniformes con decoración simbólica en la Península Ibérica. *Complutum*, 11:285-300.
- GEERTZ, C. 1973. *The Interpretation of Cultures*, Basic Books, New York
- GIRÓN, M., FERNÁNDEZ, M. 2003. *Prospección, catalogación e inventario de pintura rupestre en la Siberia Extremeña (Sector Sur)*. Inédita.
- GIRY, A. 1894. Manuel de diplomatique: diplômes et chartes, chronologie technique, éléments critiques et parties constitutives de la teneur des chartes, les chancelleries, les actes privés. Hachette, Paris, p. 944.
- GOMES, M. V. 1983. Arte esquemática do Vale do Tejo. *Zephyrus*, vol. XXXVI, pp. 277-285.
- 1989a. A arte rupestre do Vale do Tejo. Um santuario pré-histórico. *Cuadernos de San Benito*, vol. 2; pp. 49-75.
- 1989b. Arte rupestre e contexto arqueológico, *Almonsor*, vol. 7, Montemor-o-Novo: 225-269.
- 1990. A rocha 49 de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinâmico da arte do Vale do Tejo. *Homenagen a J. R. dos Santos Junior*. Lisboa, vol. I:151-177.
- 1997. Megalitismo do Barlovento algarvio. Nova síntese. *Setúbal Arqueológica*, vols. 11-12. 1997; pp. 147-190.
- 1999. *Gruta do Escoural*. IPAR, Lisboa.
- 2000. A Rocha 175 de Fratel-Iconografía e interpretação. *Estudos Pré-históricos*, vol. VIII;81-112.
- 2001. Arte rupestre do vale do Tejo (Portugal). Antropomorfos (estilos, comportamientos, cronologías e interpretações). *Semiótica del arte prehistórico. Servicio de estudios valencianos. Serie Arqueológica* nº 18, pp. 53-88
- 2002. Arte rupestre em Portugal, perspectiva sobre o último século, *Arqueologia & História*, 54, Lisboa, pp. 139-194.
- GOMES, M. V., CARDOSO, J. L., 1989. A mais antiga representação de Equus do Vale do Tejo. *Almonsor. Revista de Cultura*, nº 7: 167-210.
- GÓMEZ BARRERA, J. A. 1982. *La Pintura Rupestre Esquemática en la Altiembeseta Soriana*, Excmo. Ayuntamiento de Soria, Soria.
- 1984-1985. El abrigo de La Peña de los Plantíos: nuevo hallazgo de pinturas rupestres esquemáticas en Fuentetoba (Soria), *Ars Praehistorica*, t. III-IV, pp. 139-180, Sabadell.
- 1988. D. Teógenes Ortego Frías y su aportación al estudio del arte rupestre postpaleolítico en la Península Ibérica, *Celtiberia*, 75, pp. 47-77, Soria.
- 1989. Las pinturas rupestres del Abrigo II del Barranco de Valdecaballos (Valonsadero, Soria), *Boletín de la Asociación Española de Arte Rupestre*, 2, pp. 3-10, Barcelona.
- 1990. Pintura Rupestre Esquemática en Soria, significado e interpretación, en J. L. Argente Oliver (Coord.), *Arte Prehistórico de la Provincia de Soria*, Museo Numantino-Junta de Castilla y León, Soria, 1990, p. 59-78.
- 1992. *Grabados Rupestres Postpaleolíticos del Alto Duero*, Serie de Investigación, 1, Museo Numantino, Caja Salamanca y Soria-Junta de Castilla y León, Soria, 408 págs.
- 1993. *Arte Rupestre Prehistórico en la Meseta Castellano-Leonesa*, Junta de Castilla y León, Valladolid, 263 págs.
- 1997. Arte Rupestre en Castilla y León: catalogación, gestión y nuevas investigaciones, *Extremadura Arqueológica*, VII, p. 53-71, Cáceres-Mérida.
- 1997b. El problema de la autenticidad de los grabados de la cueva de Las Salinas, en San Esteban de Gormaz (Soria), *II Congreso de Arqueología Peninsular*, Zamora (1996), t. II, pp. 647-659.
- 1999. *La Cueva de Las Salinas de San Esteban de Gormaz. Documentación y estudio de sus grabados rupestres*, Ayuntamiento de San Esteban de Gormaz, Salamanca.
- 2000. Arte Rupestre Esquemático en la Meseta Castellano-Leonesa, *Actas do 3.º Congresso de Arqueología Peninsular*, vol. IV, pp. 503-523, Porto.
- 2001a. Las pinturas rupestres esquemáticas de La Cerrada de la Dehesa y de Los Callejones (Fuentetoba, Soria), *Quaderns de Prehistoria I Arqueologia de Castelló*, 22, pp. 73-87, Castellón.
- 2001b. *Ensayos sobre el Significado y la Interpretación de las Pinturas Rupestres de Valonsadero*, Excmo. Diputación Provincial, Soria, 295 págs.
- 2001c. *Pinturas Rupestres de Valonsadero y su entorno*, Caja Rural, Soria, 255 págs.
- 2004. El grabado como manifestación artística en la Prehistoria peninsular, *Cuadernos de Arte Rupestre*, 1, Murcia, pp. 25-55.

- . 2005. La pintura rupestre esquemática como acción social de los grupos agroganaderos en la meseta castellano-leonesa, *Cuadernos de Arte Rupestre*, 2, Murcia, pp. 11-58.
- . 2006. Grabados rupestres en el interior peninsular. Galería del Sílex, Cueva Maja y La Sala de la Fuente como paradigmas de investigación, *Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, Almería, mayo de 2004.
- GÓMEZ-BARRERA, J. A., FERNÁNDEZ MORENO, J. J. 1991. Dos nuevos abrigos con pinturas rupestres esquemáticas en El Cubillejo (Valonsadero, Soria). *Soria Arqueológica*, 1, pp. 103-120, Soria.
- GÓMEZ-BARRERA, J. A., ROJO GUERRA, M., GARCÍA DÍEZ, M. 2005. Las pinturas rupestres del Abrigo de Carlos Álvarez o Abrigo de la Dehesa (Miño de Medinaceli, Soria), *Zephyrus*, LVIII, pp. 223-244.
- GONÇALVES, M. E. (coord.) 2001. *O Caso de Foz Côa: Um Laboratório de Análise Sociopolítica*, Edições 70, Lisboa, 271 p.
- GONZALEZ CORDERO, A., ALVARADO GONZALO, M. 1992. Nuevas pinturas rupestres en Extremadura. Pintura naturalista en el entramado esquemático de Las Villuercas –Cáceres– *Revista de Arqueología*, 143, Madrid, 18-25.
- GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, F. J. 1980. Las pinturas rupestres de Peña Mingubela (Ávila), *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 43-62, Salamanca.
- GONZÁLEZ SAINZ, C. 1989. *El Magdalenense Superior. Final de la región cantábrica*. Tantín-Universidad de Cantabria. Santander.
- . 1993. En torno a los paralelos entre el Arte Mobiliario y el Rupestre. *Veleia*, T. 10. Vitoria, pp. 39-56.
- . 1999. Sobre la organización cronológica de las manifestaciones gráficas del Paleolítico superior. Perplejidades y algunos apuntes desde la región cantábrica. En R. CACHO y N. GÁLVEZ, *32.000 BP: Una odisea en el tiempo. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico*. pp. 123-144.
- . 2005. Actividad gráfica magdaleniense en la región cantábrica. Datación y modificaciones iconográficas. En N. F. BICHO ed. *O Paleolítico. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. pp. 157-181.
- GONZÁLEZ SAINZ, C., SAN MIGUEL, C. 2001. *Las cuevas del Desfiladero. Arte rupestre paleolítico en el valle del río Carranza (Cantabria-Vizcaya)*. Santander.
- GONZALO, F. 1970. Arte rupestre en la provincia de Segovia. *Revista Ejército*, nº 370. pp. 5-9.
- GRANDE DEL BRÍO, R. 1978. Las pinturas rupestres del Risco de los Altares (Salamanca), *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 235-248.
- . 1979. Las pinturas rupestres de la Sierra de las Quilamas (Salamanca), *Estudios dedicados a Carlos Callejo Serrano*, Cáceres, pp. 371-378.
- . 1982. Descubrimiento de pinturas rupestres en la Sierra de la Culebra *Zephyrus*, XXXIV-XXXV, pp. 145-148.
- . 1987. *La pintura rupestre esquemática en el Centro-Oeste de España (Salamanca y Zamora)*. Ensayo de interpretación del arte esquemático, Diputación de Salamanca, Salamanca.
- . 1997. *Eremitorios altomedievales en las provincias de Salamanca y Zamora. Los monjes solitarios*, Librería Cervantes, Salamanca.
- GRANDE DEL BRÍO, R., GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, F. J. 1980. Hallazgo de pinturas rupestres en el valle de Lera (Salamanca), *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 63-72.
- GRAZIOSI, P. 1964. L'Art paleolithique de la Province Méditerranéenne et ses influences dans les temps post-paleolithiques. *Prehistoric art of the western mediterranean and the sahara*. Viking Fund Publications in Anthropology, nº 39, pp. 35-46.
- GROUPE DE RÉFLEXION sur les méthodes d'étude de l'art pariétal paléolithique, 1993. *L'art pariétal paléolithique : Techniques et Méthodes d'Etude*. Comité des travaux Historiques et Scientifiques, Paris, Ministère de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche.
- GUERRA, A. M. R. 1998. *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (tese de dissertação de doutoramento).
- GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., MELIÀ, F. 2001. Hallazgo de grabados rupestres de estilo paleolítico en el norte de la provincia de Castellón: el Abric d'en Melià (Serra d'en Galceran). *Saguntum-PLAV*, 33: 133-140.
- GUIMARÃES, J. A. G. 1995. Arqueologia do Vale do Côa: a estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:4 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular: Actas 8, pp. 569-575.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- GUSI, F. 1975. Un taller bajo abrigo en la 2.^a cavidad del Cingle de l'Ermita (Albocàsser). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*, 2: 39-63.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J. A., AVELLÓ ÁLVAREZ, J. L. 1986. *Las pinturas rupestres esquemáticas de Sésamo, Vega de Espinareda (León)*, Monografías del Centro de Investigación y Museo de Altamira, 12, Madrid.
- GUY, E. 1993. Enquête stylistique sur l'expression figurative épipaléolithique en France: de la forme au concept. *Paleo*, 5: 333-373.
- 1997. Enquête stylistique sur cinq composantes de la figuration Epipaléolithique en France. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 94. 3, 309-313.
- 2002. Contribution de la Stylistique à l'Estimation Chronologique des Piquetages Paléolithiques de la vallée du Côa (Portugal) in SACCHI, D. (dir.), *L'Art Paléolithique à l'Air Libre. Le paysage modifié par l'image (Tautavel – Campôme, 7 – 9 octobre 1999)*, GAEP & GÉOPRÉ, pp. 65-72.
- HEIDEGGER, M. 1998. *El Ser y el Tiempo*, Madrid, Fondo de Cultura Económica.
- HELSKOG, K. 1999. The Shore Connection. Cognitive Landscape and communication with Rock Carvings in Northernmost Europe, *Norwegian Archaeological Review*, vol. 32, n° 2, pp. 73-93
- HERNÁNDEZ PÉREZ, M. S. 2006. Artes esquemáticos en la Península Ibérica: el paradigma de la pintura esquemática, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. S. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 13-32.
- HERNÁNDEZ, M. S., FERRER, P., CATALÁ, E. 1988. *Arte rupestre en Alicante*. Alicante.
- HERNÁNDEZ PACHECO, E. 1919. *La caverna de la Peña de Candamo (Asturias)*. Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 24, Madrid, 281 pp.
- HESJEDAL, A. 1995. Rock art, time and social context, in K. Helskog e B. Olsen (eds.), *Perceiving Rock Art: Social and Political Perspectives*. Instituttet for sammenlignende Kulturforskning, Oslo, pp. 200-206.
- HOCKETT, B. S., BICHO, N. F. 2000. Small mammal hunting during the late upper paleolithic of central Portugal. *Paleolítico da Península Ibérica*. Porto: 415- 424.
- IACOLEVA, L., PINÇON, G. 1997. *La frise sculptée du Roc-aux-Sorciers*. CTHS, 168 pp.
- IBERO, J. M. 1923. El Paleolítico de Oña y sus alrededores. *Razón y Fé*, t. 67.
- INGOLD, T. 1993. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, vol. 25, n° 2, pp. 152-174.
- IN SITU 2005. *Estudo prévio de conservação das rochas gravadas do núcleo de arte rupestre da Penascosa - Parque Arqueológico do vale do Côa (PAVC)*. Relatório entregue pela In Situ, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- JIMÉNEZ GUIJARRO, J. 2001. El Parral (Segovia). Caracterización del epipaleolítico del interior peninsular. *Estudios de Prehistoria y Arqueología madrileñas*, 11:37-44.
- JIMENO MARTÍNEZ, A. 1985. Prehistoria, en J. A. Pérez Rioja (Coord.): *Historia de Soria*, vol. I, pp. 85-121, Soria.
- JORDA, F. 1955. Sobre la edad solutrense de algunas pinturas de la cueva de la Pileta. *Zephyrus*, VI: 131-143. Salamanca.
- 1964. El arte rupestre paleolítico en la región cantábrica: nueva secuencia cronológica cultural. En PERICOT, I. y RIPOLL, E. eds. *“Prehistoric Art of the Western Mediterranean and the Sahara”*. Wenner-Gren Foundation, New York. Barcelona. pp. 47-82.
- 1965. Sobre técnicas, temas y etapas del Arte Paleolítico de la Región Cantábrica. *Zephyrus*, XV. Salamanca. pp. 5-25.
- 1978a. Los estilos en el arte parietal del magdalense cantábrico. *Curso de Arte Rupestre Paleolítico*. Univ. Intern. Menéndez Pelayo, Santander. pp. 79-130.
- 1978b. El arte de los pueblos agricultores, ganaderos y metalúrgicos, en *Historia, I: La Antigüedad*, Ed. Alambra, pp. 144-148, Madrid.
- JORDA PARDO, J. F., GARCÍA, M. A., PÉREZ, C., SÁNCHEZ-MONGE, M., ESTRADA, R., BENITO, F., SÁNCHEZ, B. 1989. Investigaciones Prehistóricas en el Alto Valle del Jarama (Valdesotos, Guadalajara). *Revista de Arqueología*. n° 94, pp. 61-62.
- JORDA PARDO, J., PASTOR MUÑOZ, F., RIPOLL LÓPEZ, S. 1999. Arte rupestre paleolítico y postpaleolítico al aire libre en los Montes de Toledo occidentales (Toledo, Castilla-La Mancha): noticia preliminar. *Zephyrus*, 52. Salamanca: 281-296.
- JORGE, S. O. 1991. A ocupação do espaço no Norte de Portugal durante o IIIº - inícios do IIº milénio A. C., in V. O. JORGE and S. O. JORGE (eds), *Incursões na Pré-história*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, pp. 299-380.
- JORGE, V. O. 1983: Gravuras portuguesas. *Zephyrus*, XXXVI. Salamanca; pp. 53-61.

- 1987. Arte Rupestre en Portugal. *Revista de Arqueología*, nº 76, Agosto. pp. 10-19.
- JORGE, S. O. 1999. *Domesticar a Terra*. Trajectos Portugueses, Gradiva, Lisboa.
- JORGE, V. O. Ed. 1995. Dossier Côa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia XXXV-4*. Porto. pp. 311-896.
- JORGE, V. O., BAPTISTA, A. M., JORGE, S. O., SANCHES, M. J., SANTOS SILVA, M., LEITE DA CUNHA, A. 1988. O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) – notícia preliminar, *Arqueologia*, 18, Porto, pp. 109-130.
- JORGE, V. O., BAPTISTA, A. M., SANCHES, M. J. 1988b. A Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) – Arte rupestre e ocupação Pré-histórica, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 28 (1-2), SPAE, Porto, pp. 201-233.
- JORGE, S. O., JORGE, V. O., ALMEIDA, C. A. F. DE., SANCHES, M. J., SOEIRO, M. T. 1981. Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo da Espada a Cinta). *Arqueologia*, Porto, nº 3. pp. 3-12.
- 1982. Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo da Espada a Cinta (Portugal). *Zephyrus XXXIV-XXXV*. pp. 65-70.
- JORGE, V. O., JORGE, S. O., SANCHES, M. J., RIBEIRO, J. P. 1981-82. Mazouco (Freixo-de-Espada à Cinta). *Nótula arqueológica. Portugalia, nova serie, II/III*. pp. 143-145.
- KNAPP, A. B., ASHMORE, W. 1999. *Archaeologies of Landscape. Contemporary Perspectives*. Blackwell Publishers, Oxford.
- LALANNE, G., BREUIL, H. 1911. L'Abri sculpté de Cap-Blanc à Laussel (Dordogne). *Rev. L'Anthropologie*, t. 22. pp. 385-402.
- LAMING-EMPERAIRE, A. 1962. *La signification de l'art rupestre paléolithique: Méthodes et applications*. Impr. Picard et Cie. París.
- LANHAS, F. 1969. As gravuras rupestres de Montedor. *Revista de Etnografia*, 13 (2), pp. 367-386.
- LARRÉN, H. 1986. *Informe preliminar sobre las pinturas rupestres del Risco de La Zorrera (Candelada, Ávila)*, Museo de Ávila-Delegación Territorial de Cultural.
- LAYTON, R. 1991. *The Anthropology of Art*, Cambridge University Press, Cambridge.
- 2001. Ethnographic study and Symbolic Analysis, in Whitley, D. S. (ed.), *Handbook of Rock Art Research*, Altamira Press, Walnut Creek e Oxford, pp. 311-331.
- LEAL, A.S.A.B.P. 1886. s. v. Villa Nova de Foscoa. In *Portugal antigo e moderno*. 11. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, pp. 829-849.
- LEJEUNE, M. 1996. L'art pariétal de la grotte d'Escoural. M. Otte y C. da Silva : *Recherches préhistoriques à la grotte d'Escoural, Portugal*. ERAUL, 65 :135-240.
- LEMONS, F. S. 1993. *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*. Tese de dissertação de doutoramento, Universidade de Braga.
- 1995. Dossier Côa I: O relatório de impacte patrimonial (1989), *Forum*, 15/16, Jan.-Jun. 1994, Universidade do Minho, Braga, p. 141-156.
- LEMONS, F. S., CRUZ, G. 2006. *Muralhas e guerreiros na Proto-histórica do Norte de Portugal e Beira Interior Norte*. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 17 de Maio.
- LEROI-GOURHAN, A. 1958a. La fonction des signes dans les sanctuaires paléolithiques. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 307-321.
- 1958b. Le symbolisme des grands signes dans l'art pariétal paléolithique. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 384-398.
- 1958c. Répartition et groupement des animaux dans l'Art pariétal paléolithique. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 515-522.
- 1965. *Préhistoire de l'Art Occidental*. 1.^a edición, Mazenod. París.
- 1968. Le symbolisme des grands signes dans l'art pariétal paléolithique, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 55 (7-8), Paris, pp. 384-398.
- 1970. Résumé des cours 1969-70: Préhistoire. *En Annuaire du Collège de France*. París. pp. 367-376.
- 1971. *Préhistoire de l'Art Occidental*. 2.^a edición aumentada, Mazenod. París.
- 1972. Considerations sur l'organisation spatiale des figures animales dans l'art pariétal paléolithique", *Santander Symposium – Actas del Symposium Internacional de Arte prehistórico*, Santander, UISPP, pp. 281-308.
- 1974. Résumé des cours 1973-74: Préhistoire. *En Annuaire du Collège de France*. París. pp. 381-388.
- 1981. Les signes pariétaux comme marqueurs ethniques. *Altamira Symposium. Madrid-Asturias-Santander 1979*. Ministerio de Cultura. Madrid, pp. 164-168.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- . 1984. Reflexiones Metodológicas en Torno al Arte Paleolítico”, *Simbolos, Artes y Creencias de la Prehistoria*, Madrid, Ediciones Istmo [Artes, Técnicas, Humanidades, 3], pp. 414-436.
- . 1992. *L’art parietal. Langage de la préhistoire*. Grenoble. Jérôme Millon.
- . 1995. *Préhistoire de l’Art Occidental*, Paris, Citadelles et Mazenod [primeira edição: 1965].
- LEWIS-WILLIAMS, J. D., DOWSON, T. A. 1988. Entoptic phenomena in Upper paleolithic art. *Current Anthropology*, 29. 2:201-245.
- . 1993. On vision and power in the Neolithic: evidence from decorated monuments. *Current Anthropology*, 34. 1:55-65.
- LOMBA, J., MARTÍNEZ, M., MONTES, R., SALMERON, J. 1995. *Historia de Cieza. Cieza prehistórica. De la depredación al mundo urbano*. Ed. Campobell. Volumen I. Murcia. 235 págs.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1943. Las insculturas de Outeiro da Cruz, *Boletín del Museo Arqueológico Provincial de Orense*, vol. I, pp. 95-101.
- . 1951. La clasificación tipológica del arte rupestre del Noroeste Hispánico y una hipótesis sobre la cronología de alguno de sus tipos, *Zephyrus*, vol. II, Salamanca, pp. 73-81
- LÓPEZ JIMÉNEZ, O. BENET, N. 2005. La edad del Hierro en el área Sudoccidental de la meseta Norte: Organización social, explotación y ocupación del territorio. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2^{as} Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 95-116.
- LORBLANCHET M. 1995. *Les grottes ornées de la Préhistoire*. Nouveaux regards. Eds Errance, Paris, 1995.
- . 2002. De l’art des grottes à l’art de plein air au Paléolithique. *L’art paléolithique à l’air libre. Le paysage modifié par l’image*. Carcassonne: 97-112.
- LORBLANCHET, M., BAHN, P. 1993. *Rock art studies. The Post-Styletic era or were do we go from here?* Oxford Monographs. 35.
- LORENZO-RUZA, R. S. 1951. Petroglifos e labirintos, *Revista de Guimarães*, vol. 61 (3-4), Guimarães, pp. 378-393.
- LOUREIRO, L. F. 2006. O santuário rupestre do Penedo da Moura, *Al-madam. Adenda electrónica*, nº 14, IV, pp. 1-6, disponível em Maio de 2007, no site www.almadam.cidadevirtual.pt ou www.almadam.publ.pt.
- LUCAS PELLICIER, R. 1971. Pinturas rupestres del Solapo del Águila (Río Duratón, Segovia), *Trabajos de Prehistoria*, 28, pp. 119-152, Madrid.
- . 1981. Aproximación al conocimiento de las estaciones rupestres y de la pintura esquemática en el Barranco de Duratón (Segovia), *Altamira Symposium*, pp. 505-526.
- LUÍS, L. 2000. Patrimoine archéologique et politique dans la vallée du Côa au Portugal, *Les Nouvelles de l’Archéologie*, 82: 4e trimestre, Paris, pp. 47-52.
- . 2005. Arte rupestre e ocupação humana no Vale do Côa: Balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, pp. 31-60.
- MACWHITE, E. 1951. *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce*, Seminario de Historia Primitiva del Hombre, Madrid.
- MAESTRO GONZÁLEZ, A. 2004. *Estructura y evolución alpina de la Cuenca de Almazán (Cordillera Ibérica)*, Excma. Diputación Provincial de Soria, Col. “Temas Sorianos”, núm. 48, Soria, 410 págs.
- MAESTRO ZALDIVAR, E. M. 1989. *Cerámica ibérica decorada con figura humana*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza Monografías arqueológicas 31.
- MARCO SIMÓN, F. 2005. Religion and Religious Practices of the Ancient Celts of the Iberian Peninsula. *e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. Milwaukee. 6 The Celts in the Iberian Peninsula, pp. 287-345. [Disponível em http://www.uwm.edu/Dept/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/6_6].
- MARQUES, J. A. M. 1986. As gravuras da Chã da Sobreira e a arte rupestre no concelho de Monção. *Revista de Ciências Históricas*, vol. 1. Universidade Portucalense, Porto, pp. 11-29.
- MARTÍN, E. 1981. Arte rupestre paleolítico en la Meseta. *Memoria de Licenciatura inédita*, Valladolid.
- MARTÍN VALLS, R. 1983. Las insculturas del castro salmantino de Yecla de Yeltes y sus relaciones con los petroglifos gallegos, *Zephyrus*, XXXVI, pp. 217-231, Salamanca.
- MARTÍN, E., MOURE, J. A. 1981. El grabado de estilo paleolítico de Domingo García (Segovia). *Trabajos de Prehistoria*. 38. pp. 97-108.
- . 1988. El Arte Rupestre de Domingo García (Segovia). *Revista de Arqueología*, nº 87, Julio. pp. 16-24.

- MARTÍN, E., ROJO, A., MORENO, M. A. 1986. Hábitat postmusteriense en Mucientes (Valladolid). *Numantia*, II. pp. 87-100.
- MARTÍNEZ GARCÍA, J. 1986-87. Un grabado paleolítico al aire libre en Piedras Blancas (Escullar, Almería). *Ars Praehistorica*, V- VI. pp. 49-58.
- 1987. Reproducción y estudio directo del arte rupestre en la vertiente meridional de la Sierra de los Filabres. *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 1987, T. II. Sevilla. pp. 395-397.
- 1992. Arte Paleolítico en Almería. Los primeros documentos. *Revista de Arqueología*, nº 130. pp. 24-33.
- 1995. Grabados prehistóricos, grabados históricos: reflexiones sobre un debate a superar, *Revista de Arqueología*, 172, pp. 14-23, Madrid.
- 1998. Abrigos y accidentes geográficos como categorías de análisis en el paisaje de la pintura rupestre esquemática. El sudeste como marco, *Arqueología Espacial* 19-20, pp. 543-561, Teruel.
- 2002. Pintura rupestre esquemática: el panel, espacio social”, *Trabajos de Prehistoria* 59-1, pp. 65-87, Madrid.
- 2003. Arte rupestre levantino: la complejidad de una confluencia espacio-temporal con el arte macroesquemático y esquemático en el proceso de “neolitización. *III Congreso Neolítico de la Península Ibérica*. 2003, Santander.
- 2005. Compartir el tiempo y el espacio: pinturas rupestres postpaleolíticas del levante peninsular. En *Arte Rupestre en la Comunidad Valenciana*. Ed. Generalitat Valenciana. 179-193. Valencia.
- MARTÍNEZ, M. I., COLLADO, H. 1997. Arte rupestre en la provincia de Badajoz. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 151-173.
- MARTÍNEZ SANCHEZ, C., NICOLÁS DEL TORO, M., GARCÍA BLÁNQUEZ, L. A., PONCE GARCÍA, J. 2006, Figuras esquemáticas pintadas procedentes de una sepultura de finales del III milenio en Lorca (Murcia), in J. Martínez García e M. S. Hernández Pérez (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 513-520.
- MARTÍNEZ VALLE, R., GUILLEM CALATAYUD, P. M. 2005. Arte rupestre de l'Alt Maestrat; las cuencas de la Valltorta y de la Rambla Carbonera. En M. S. Hernández Pérez y J. A. Soler Díaz (Eds.) *Arte rupestre en la España mediterránea: actas del Congreso Alicante (25-28 de octubre de 2004)*: 71-88. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura “Juan Gil-Albert”, Caja de Ahorros del Mediterráneo.
- MARTÍNEZ VALLE, R., GUILLEM, P. M., CUEVAS, R. (e. p.). Arte rupestre y poblamiento prehistórico en el territorio de Valltorta-Gassulla. *IV Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*. 27 al 30 de Noviembre 2006. Alicante.
- MARTÍNEZ VALLE, R., CALATAYUD, P. G., VILLAVERDE, V. 2003. Las figuras grabadas de estilo paleolítico del Abric D'en Meliá (Castelló). En: R. de Balbín y P. Bueno eds: *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*. pp. 279-290.
- MARTÍNEZ VALLE, R., VILLAVERDE, V. 2002 *La cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Museu de la Valltorta.
- MARTINS, A. 2006. Gravuras rupestres do Noroeste peninsular: a Chã da Rapada, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 9, nº 1, Lisboa, pp. 47-70.
- MARTINS, C. M. B. 2006. *Proto-história e romanização no monte da Sra. do Castelo (Urros, Torre de Moncorvo*. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 17 de Maio.
- MARTZLUFF, M., JOUY-AVANTIN, F., FABRE, B., BLAIZE. 2005. Nouvelles gravures rupestres au Pla de Vall en So (Conflent, P-O). *Roches ornées, roches dressées: colloque en hommage à Jean Abélanet*. Perpignan, 24-25 Mai 2001, A. A. P-O, Presses Universitaires, Perpignan. pp. 171-184.
- MAS CORNELLÀ, M. 1986-1987. Los grabados de la cueva del Arco (Conjunto rupestre del Tajo de las Figuras) y el abrigo del Tajo de Albarianes (Medina Sidonia, Cádiz). *Ars Praehistorica*, V-VI: 247-252. Vic.
- 1991. Documentación e investigación de las manifestaciones artísticas de las Cuevas de las Palomas. Abrigos de Bacinete y conjunto rupestre del Tajo de las Figuras (Cádiz). *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 1991, II: 99-104. Sevilla.
- MAS, M. et alii. 1997. Arte rupestre en Andalucía. Nuevas investigaciones. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 33-51.
- MAS CORNELLÀ, M., RIPOLL LÓPEZ, S. 2002. Technologie et thématique de l'art rupestre paléolithique sous abris rocheux dans le sud de la péninsule ibérique (Andalousie-Espagne) . *L'art paléolithique à l'air libre*, le paysage modifié par l'image. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. 87-94. Tautavel.
- MAS CORNELLÀ, M., RIPOLL LÓPEZ, S., MARTOS ROMERO, J. A., PANIAGUA PÉREZ, J. P., LÓPEZ MORENO DE

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- REDROJO, J. R., BERGMANN, L. 1995. Estudio preliminar de los grabados rupestres de la Cueva del Moro (Tarifa, Cádiz) y el arte paleolítico del Campo de Gibraltar. *Trabajos de Prehistoria*. Vol. 52, nº 2: 61-81. Madrid.
- MAS, M., RIPOLL, S., BERGMANN, L., PANIAGUA, J. P., LÓPEZ, J. R., MARTOS, J. A. 1996. La Cueva del Moro. El arte paleolítico más meridional de Europa. *Revista de Arqueología*, 177: 14-21.
- MATEO, M. A. 2002. La llamada fase pre-levantina y la cronología del arte rupestre levantino. Una revisión crítica. *Trabajos de Prehistoria*, 59 nº 1, pp. 49-64.
- 2003. *Arte rupestre prehistórico en Albacete. La cuenca del río Zumeta*. Estudios, nº 147. Instituto de Estudios Albacetenses Don Juan Manuel. Diputación Provincial de Albacete, 236 págs.
- MATEU BELLÉS, J. F. 1982. *El norte del País Valenciano. Geomorfología litoral y prelitoral*. Universitat de Valencia.
- MEIRELES, J. 1997. Quaternário do Vale do Côa in ZILHÃO (coord.), *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Ministério da Cultura, pp. 41-54.
- MEIRELES, J. ALMEIDA, F. 1998. Geologia. In ZILHÃO, J., ed. *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 41-73.
- MENÉNDEZ, M. 2003. Arte prehistórico y territorialidad en la cuenca del río Sella. En: R. de Balbín y P. Bueno Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Ribadesella 2003*. pp. 185-200.
- MERCIER N., VALLADAS H., AUBRY, T., ZILHÃO J., JORONS, J. L., REYSS J. L., SELLAMI, F. e. p. Fariseu: first confirmed open-air paleolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*.
- MERCIER N., VALLADAS H., FROGET L., JORONS, J. L., REYSS J. L., AUBRY T. 2001. Application de la méthode de la thermoluminescence à la datation des occupations paléolithiques de la vallée du Côa. *Actes du Colloque: "Les premiers hommes modernes de la Péninsule ibérique"*, Vila Nova de Foz Côa, 22-24/10/1998, pp. 275-280.
- MITHEN, S. 1998. *Arqueología de la mente*. Barcelona.
- MOLEAUX, B. L. 1997. Introduction. The Cultural life of images, in B. L. Moleaux (ed.), *The Cultural life of Images. Visual representation in Archaeology*, Routledge, London/New York, pp. 1-10.
- MONTANO, C., IGLESIAS, M. 1988. *Grabados rupestres de Alcántara*. Excmo. Ayuntamiento de Alcántara. Cáceres.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. 2002. Estação pré-histórica do Prazo-Freixo de Numão. *Coavisao: Cultura e Ciencia*. Vila Nova de Foz Coa, 4: pp. 113-126.
- MONTEIRO-RODRIGUES S., ANGELUCCI D. 2004. New data on the stratigraphy and chronology of the prehistoric site of Prazo (Freixo de Numão). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 7, nº 1, pp. 39-60.
- MONTES BERNÁRDEZ, R., SALMERON JUAN, J. 1998. *Arte Rupestre Prehistórico en Murcia*, Murcia.
- MORENO, M. 1996. La mesa de los Infantes en la Sierra del Almuerzo, *Diario de Soria*, martes 30 de julio, p. 11.
- MORPHY, H. 1991. *Ancestral Connections*, Chicago University Press, Chicago.
- 1994. The Anthropology of Art, in T. Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Routledge, London/New York, pp. 648-685.
- 1998. *Aboriginal Art*, Phaidon, London/New York.
- MOURE, J. A., GONZÁLEZ SAINZ, C. 2000. Cronología del arte paleolítico cantábrico: últimas aportaciones estado actual de la cuestión. *Paleolítico da Península Ibérica*. Porto:461-473.
- MOURE ROMANILLO, A., GONZÁLEZ SAINZ, C., BERNALDO DE QUIRÓS, F., CABRERA VALDÉS, V. 1996. Dataciones Absolutas de Pigmentos en Cuevas Cantábricas: Altamira, El Castillo, Chimeneas y Las Monedas" in MOURE ROMANILLO (ed.), "El Hombre Fósil" 80 Años Después. *Homenaje a Hugo Obermaier*, Santander, Universidad de Cantabria, Fundación Marcelino Botín e Institute for Prehistoric Investigations, pp. 295-324.
- MOURE, J. A., GONZÁLEZ SAINZ, C., GONZÁLEZ MORALES, M. R. 1987. La cueva de La Haza (Ramales, Cantabria) y sus pinturas rupestres. *Veleia*, 4. Vitoria. pp. 67-92.
- MOURE, A., LÓPEZ, P. 1979. Los niveles preneolíticos del abrigo del Verdelpino (Cuenca). *XV Congreso Nacional de Arqueología*; pp. 11-124.
- MUÑOZ IBÁÑEZ, F. J., RIPOLL LÓPEZ, S., BALDELLOU MARTÍNEZ, V., AUSO, P. 2001. La Fuente del Trucho. *Bolskan* nº 18, 2001, pp. 211-224
- MURILLO, M. 1977. Hallazgos arqueológicos en Aldeacentenera. *Rev. Alcántara*, nº 188, pp. 46-48.
- NEIRA CAMPOS, A., FUERTES PRIETO, N., ERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C., BERNALDO DE QUIRÓS, F. 2006. Paleolítico Superior y Epipaleolítico de la provincia de León. En G. Delibes y F. Díez (eds): *El Paleolítico Superior en la Meseta Norte Española. Studia Archaeologica*. nº 54; pp. 113-148.

- NOVA CONSERVAÇÃO 2004. *Análise e projecto de conservação da rocha nº 1 (com gravuras) e de uma rocha-tipo no núcleo da Ribeira de Piscos*. Relatório entregue pela Nova Conservação, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- NOVOA ÁLVAREZ, P. e COSTAS GOBERNA, F. J. 2004. La fauna en los grabados rupestres de la Ribeira portuguesa del Miño, *Boletín del Instituto de Estudios Vigueses*, ano X, nº 10, Vigo, pp. 177-204.
- NOVOA ÁLVAREZ, P., Sanromán Veiga, J. 1999. Nuevos aportes al arte rupestre de Portugal, *Congreso Internacional de Arte Rupestre Europea*, Vigo (texto da comunicação policopiado).
- NUÑEZ SOBRINO, A. 2000. Estudio preliminar, in R. SOBRINO BUHIGAS. 1935 [2000] *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*, Fac Similae, Edicios do Castro, A Coruña, pp. 13-67.
- OBERMAIER, H. 1916. El Hombre Fósil. *Memorias de la Comisión de Investigaciones Prehistóricas y Paleontológicas*, nº 9. Madrid.
- 1923. Impresiones de un viaje prehistorico por Galicia, *Separata del Boletim de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, tomo VII, nº 148-149, Ourense, pp. 1-21.
- 1925. Die Bronzezeitlichen Felsgravierungen von Norwestspanien (Galicien), *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*, 1. Berlin: 51-59.
- ODDY, A., CARROLL, S. eds. 1999 - *Reversibility – Does It Exist?* London: British Museum.
- OLARIA PUYOLES, C. 1988. *Cova Fosca. Un asentamiento meso-neolítico de cazadores y pastores en la serranía del Alto Maestrazgo*. Monografies de Prehistòria i Arqueologia Castellonenques, 3. Castellón.
- 1999. *Cova Matutano*. (Villafamés, Castellón). Monografías de Prehistoria i Arqueología Castellonenses, 5.
- OLÀRIA, C., GUSI, F., DÍAZ, M. 1990. El asentamiento neolítico del Cingle del Mas Nou (Ares del Mestre, Castellón). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses*, 13, 1987-88: 95-170.
- ORTEGO FÍAS, T. 1951. Las estaciones de arte rupestre en el Monte Valonsadero de Soria, *Celtiberia*, 2, pp. 275-305, Soria.
- 1956. Los grabados prehistóricos de la Cueva de Santa Cruz, en el término de Conquezueta (Soria), *Libro Homenaje al Conde de la Vega del Sella*, Oviedo, pp. 219-229.
- 1960. Excavaciones arqueológicas en la provincia de Soria, *Caesaraugusta*, 15-16, pp. 107-132, Zaragoza.
- PARAFITA, A. 2003. O paradoxo do Vale do Côa, *Tribuna Douro*, 2, Junho 2003, Régua, p. 37.
- PAZ PERALTA, J. A. 2000. Consideraciones en la identificación de los grabados rupestres históricos-medievales en Aragón (siglos XI-inicios del XIII), *Bara*, 3, pp. 141-162, Zaragoza.
- PEÑA SANTOS, A. DE LA. 1998. Para una aproximación historiográfica a los grabados rupestres galaicos, in F. J. Costas Goberna e J. M. Hidalgo Cuñarro (eds.), *Reflexiones sobre el arte rupestre prehistórico de Galicia*, Asociación Arqueológica Viguesa, Serie Arqueología Divulgativa, nº 4, Vigo, pp. 7-37.
- 2003. Un acercamiento historiográfico a los grabados rupestres galaicos, in R. de BALBÍN BEHRMANN e P. BUENO RAMIREZ (eds.), *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, Ribadesella, pp. 351-390.
- 2005. Arte rupestre en Galicia, in J. M. Hidalgo Cuñarro (ed.), *Arte rupestre Pré-histórica do Eixo Atlântico*, Eixo Atlântico, pp. 3-82.
- PEÑA, A. DE LA, REY, J. M. 1993. El espacio de la representación. El arte rupestre gallego desde una perspectiva territorial. *Pontevedra. Revista de Estudios Provinciais*, 10:11-50.
- 1997a. Arte parietal megalítico y grupo galaico de arte rupestre: una revision crítica de sus encuentros y desencuentros en la bibliografía arqueológica, *Brigantium* 10, A Coruña, pp. 299-300.
- 1997b. Sobre las posibles relaciones entre el arte parietal megalítico y los grabados rupestres galaicos, in A. A. RODRÍGUEZ CASAL (ed) *O Neolítico Atlántico e as orixes do megalitismo*, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, pp. 829-838.
- 1998. Perspectivas actuales de la investigación del arte rupestre Galaico, in R. FÁBREGAS VALCARCE (ed.), *A Idade do Bronze en Galicia. Novas perspectivas*. Cadernos do Seminário de Sargadelos 77, Edicios do Castro, A Coruña, pp. 221-242.
- 2001. *Petroglifos de Galicia*. Ed. Viá Láctea.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- PEÑA SANTOS, A. DE LA, VÁZQUEZ VARELA, J. M. 1979. *Los Petroglifos Gallegos. Grabados rupestres prehistóricos al aire libre en Galicia*. Cuadernos del Seminario de estudios Cerámicos de Sargadelos 30, Edicions do Castro, A Coruña.
- PERESTRELO, M. S. G. 2003. *A Romanização na bacia do rio Côa*. [s. l.]: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- 2005. O Castelo dos Mouros de Cidadelhe e a Idade do Ferro no Médio Côa. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 67-92.
- PERESTRELO, M. S., SANTOS, A. T. OSÓRIO, M. 2003. Estruturas em fossa no sítio do Picoto (Guarda, Portugal). In *Pré-Actas do "Encuentro de Jóvenes investigadores sobre Bronce Final y Hierro en la Península Ibérica" Salamanca, 20 a 22 de Octubre de 2003*. Salamanca: Cátedra Condes de Barcelona Fundación Duques de Soria, pp. 156-176.
- PERICOT GARCÍA, L. 1942. *La cueva del Parpalló (Gandía)*. Excavaciones del Servicio de Investigación Prehistórica de la Excma. Diputación Provincial de Valencia. Instituto Diego Velázquez, Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 349 págs., Madrid.
- PETERSON, R., MOUNTFORT, G., HOLLOM, P., GEROUDET, P. 1981. *Guides oiseaux d'Europe*. Delachaux et Niestlé. 451 pp.
- PHILLIPS, F. M., MONTGOMERY, F., ELMORE, D., SHARMA, P. 1997. Maximum Ages of the Côa Valley (Portugal) Engravings Measured with Chlorine-36. *Antiquity*. Cambridge. 71, pp. 100-104.
- PIETTE, E. 1907. *L'art pendant l'age du renne*. Masson, Paris, 11 pp.
- PIGEAUD, R. 2004. La Grotte Ornée Mayenne-Sciences (Thorigné-en-Charnie, Mayenne), *Gallia Préhistoire*, 46, Paris, CNRS Éditions, pp. 1-154.
- PIGEAUD, R., VALLADAS, H., ARNOLD, M., CACHIER H. 2003. Deux datations carbone 14 en spectrométrie de masse par accélérateur (SMA9 pour une représentation pariétale de la grotte Mayenne-Sciences (Thorigné-en-Charnie, Mayenne): émergence d'un art gravettien en France septentrionale? *C. R. Palevol* 2 (2003), pp. 161-168.
- PINA CABRAL, J. de 1987. Paved roads and enchanted moorlands: the perception of the past amongst the peasant population of the Alto Minho, *Man*, 22, pp. 715-735.
- 1991. *Os contextos da Antropologia*, Memória e Sociedade, Difel.
- PINTO, R., 1929. Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal, *Nós*, ano IX, nº 62, pp. 19-26.
- PIÑÓN VARELA, F. 1982. *Las pinturas rupestres de Albarraçín (Teruel)*. Centro de Investigación y Museo de Altamira. Monografía nº 6: 241 págs. Santander.
- PIÑÓN, F., BUENO, P., PEREIRA, J. 1984. La estación de arte rupestre esquemático de la Zorrera (Mora) *Anales Toledanos*, XIX. Toledo; pp. 11-36.
- PYE, E. 2001. *Caring for the past. Issues in conservation for archaeology and museums*. London. James&James.
- QUEIROGA, F. M. V. R. 1999. Breia, EIA IC/28 (Viana do Castelo, Estorãos) Relatório dos Trabalhos Arqueológicos, IPA (súmula dos resultados disponível, em Maio de 2007, na base de dados do IPA – Endovélico – no site www.ipa.min-cultura.pt).
- RAPHAEL, M. 1945. *Prehistoric Cave Paintings*, New York, Pantheon Books [The Bollingen Series, IV].
- RASILLA, M. DE LA, HOYOS, M. CAÑEVERAS, JIMÉNEZ, J. C. 1996. El abrigo de Verdelpino (Cuenca). Revisión de su evolución sedimentaria y arqueológica. *Complutum Extra* 6 "Homenaje al Dr. Fernández Miranda", Vol. 1:75-82.
- REBANDA, N. 1995a. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa. *Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico*. Lisboa.
- 1995b. Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre, *Boletim da Universidade do Porto*, 25, Junho, Porto, pp. 11-16.
- REYNOSO, C. 2000. Interpretando a Clifford Geertz, in C. Geertz, *La interpretación de las culturas*, Editorial Gedisa, Barcelona, pp. 9-12.
- RIBEIRO, M. L. 2001. *Notícia explicativa da carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RIBEIRO, O. 1987. *A formação de Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Coleção Identidade série Cultura Portuguesa.
- RIBEIRO, A. T., ALVES, L. B., BETTENCOURT, A., MENEZES, R. T. (En prensa): Space of memory and representation: Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Northwestern Portugal), in A. BETTENCOURT e L. B. ALVES (eds.) *Places, Memory and Identity in the European Bronze Age*, Lisbon.

- RICOEUR, P. 2000. *Teoria da interpretação*, Lisboa, Edições 70.
- RINCÓN VILA, R. 1993. El abrigo de La Calderota, Olleros de Paredes Rubia, Palencia. Avance al estudio de los esquematismos rupestres en la Cantabria Antigua y las montañas de Palencia y Burgos, *Institución Tello Téllez de Meneses*, 64, p. 37-179, Palencia.
- RIPOLL PERELLÓ, E. 1961-62. La cronología relativa del santuario de la Cueva de la Pileta y el arte solutrense. *Homenaje al Prof. C. de Mergelina*. 739-751. Murcia.
- 1965. Una pintura de tipo Paleolítico en La Sierra del Montsiá (Tarragona) y su posible relación con los orígenes del arte levantino. *Miscelánea en Homenaje al abate Henri Breuil*, t. II. Barcelona, 297-305.
- 1981. Los grabados rupestres del Puntal del Tío Garrillas (término de Pozondón, Teruel), *Teruel*, 66, pp. 147-155.
- 1997. Historia de la investigación del arte rupestre en Extremadura. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 13-21.
- RIPOLL, S., COLLADO, H. 1997. La Mina de Ibor (Cáceres): Nueva estación con arte rupestre paleolítico en Extremadura. *Revista de Arqueología (Madrid)* núm. 196, Agosto de 1997, pp. 24-29.
- RIPOLL, S., CACHO, C., MUNICIO, L. 1997. El Paleolítico Superior en la Meseta. *Espacio, tiempo y forma. Serie I, Prehistoria y arqueología*, nº 10, 1997, pp. 55-88.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M. 1999. La grotte d'Atlanterra (Cádiz, Espagne). *International Newsletter on Rock Art*, 23: 3-5. Foix.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M., MUÑOZ, J. F. 2002. Dix années de recherches sur l'art rupestre paléolithique dans la péninsule ibérique. *L'art paléolithique à l'air libre, le paysage modifié par l'image*. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. 159-174. Tautavel.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M., TORRA COLELL, G. 1991. Grabados paleolíticos en la Cueva del tajo de las Figuras (Benalup, Cádiz). *Espacio, Tiempo y Forma. Serie I: Prehistoria y Arqueología*, 4:111-126. UNED. Madrid.
- RIPOLL, S., MUNICIO, L. 1992. Las representaciones de estilo paleolítico en el conjunto de Domingo García (Segovia). *Espacio, Tiempo y Forma (UNED), Serie I, Prehistoria y Arqueología*, t. V. pp. 107-138.
- 1999. Dirs. *Domingo García. Arte Rupestre Paleolítico al aire libre en la meseta castellana*. Monografías de la Junta de Castilla y León, nº 8.
- RIPOLL, S., MUNICIO L., MUÑOZ, F. J., PÉREZ, S., LÓPEZ, J. R. 1994. Un conjunto excepcional de Arte Paleolítico: El Cerro de San Isidro en Domingo García (Segovia). *Nuevos descubrimientos. Rev. De Arqueología*, nº 157, mayo 1994. Madrid. pp. 12-21.
- RIPOLL, S., MUÑOZ, F. J. 2003. El arte mueble del yacimiento de la Peña de Estebanvela. En: R. de BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*. 2003. pp. 263-278.
- RIPOLL, S., MUÑOZ, F. J., PÉREZ, S., MUÑIZ, M., CALLEJA, F., MARTOS, J. A., LÓPEZ, R. y AMAYA, C. 1994. Arte rupestre paleolítico en el yacimiento solutrense de la Cueva de Ambrosio (Vélez-Blanco, Almería). *Trabajos de Prehistoria*, 51, 2. pp. 21-39.
- RIPOLL LÓPEZ, S., RIPOLL PERELLÓ, E., COLLADO GIRALDO, H. 1997. Avance al estudio de la Cueva de Maltravieso (Cáceres). El arte rupestre paleolítico en Extremadura. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 95-117.
- 1999. *Maltravieso, el santuario extremeño de las manos*. Memorias 1, Museo de Cáceres, 168 págs.
- ROCHETTE CORDEIRO, A. M., REBELO, F. 1996. Carta geomorfológica do Vale do Côa a jusante de Cidadelhe. *Cadernos de Geografia*, nº 15, 1996, Coimbra F.L.U.C., pp. 11-33.
- RODRIGUES, J. D. 1999. *Conservação da Arte Rupestre do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Relatório 241/99 – Gero, LNEC. Trabalho realizado para o Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, R. M. y SÁNCHEZ SÁNCHEZ, X. M. 2000. Los grabados rupestres de época medieval. Una aproximación teórica, *Congreso Internacional de Arte Rupestre Europea*, Vigo.
- ROMERO CARNICERO, F. 1991. *Los Castros de la Edad del Hierro en el Norte de la provincia de Soria*, Studia Archaeologica, 80, Valladolid.
- ROSSELLÓ, V. M. 1995. *Geografia del País Valencià*. Edicions Alfons el Magnànim. Institució Valenciana d'Estudis i Investigació. Generalitat Valenciana. Diputació de València. València.
- ROUSSOT, A. 1990. Art mobilier et parietal du Périgord et de la Gironde. Comparaisons stylistiques., *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international d'art mobilier paléolithique*, Paris, t. 1:189-205.
- ROYO GUILLÉN, J. I. 1986-1987. El abrigo con grabados rupestres de Val Mayor, Mequinenza (Zaragoza), *Bajo Aragón. Prehistoria*, VII-VIII, pp. 179-190.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- 1999. Las manifestaciones ibéricas del arte rupestre en Aragón y su contexto arqueológico: una propuesta metodológica. *Bolskan*, nº 16, pp. 193-230.
- 2004. *Arte rupestre de época ibérica. Grabados con representaciones ecuestres*. Serie de Prehistòria i Arqueologia. Servei d'Investigacions Arqueològiques i Prehistòriques. Diputació de Castelló, 176 págs.
- ROUSSOT, A. 1984. Abri du Poisson. En *“L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises”*. Ministère de la Culture. París. pp. 154-156.
- 1990. Art mobilier et art pariétal du Périgord et de la Gironde: comparaison stylistique. In: Actes des colloques de la Direction du Patrimoine, *L'art des objets au Paléolithique*, Tome 1: L'art mobilier et son contexte, Foix – Le Mas d'Azil, novembre 1987, pp. 189-205.
- RUBIO ANDRADA, M. 1991. *La pintura rupestre en el parque natural de Monfragüe (Cáceres)*. Trujillo, 105 págs., 76 figs. y 1 mapa.
- RUBIO, M., PASTOR, V. 1999. El grabado del Cándalo, Garciaz (Cáceres). *Zephyrus*, vol. LII, pp. 303-318.
- RUST, A. 1943. *Die alt und mittelsteinzeitlichen Funde von Stellmoor*. Neumünster. Karl Wachholtz.
- SACCHI, D. 1984. *L'art paléolithique de la France méditerranéenne*. Musée des Beaux-Arts de Carcassonne: 52 p., 84 fig. (préface de A. Leroi-Gourhan).
- 1987. L'art paléolithique des Pyrénées roussillonnaises. En J. Abelanet et Alii. Eds. *Etudes roussillonnaises offertes à Pierre Ponsich*. Perpignan. pp. 47-52.
- 1988a. Le rocher gravé de Fornols-Haut à Campôme, Pyrénées-Orientales, France. Etude préliminaire, *actes du 1er congrès international d'art rupestre*, 1985, *Bajo Aragon Prehistorica VII-VIII*, 1986-1987: 279-293.
- 1988b. Un témoin de l'art paléolithique de plein air en Roussillon : le rocher gravé de Fornols-Haut, *actes du 7e colloque international d'archéologie de Puigcerdà*, 6-8 juin 1986: 37-42.
- 1993a. Les critères d'authenticité et de datation de l'art pariétal paléolithique. En *L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d'étude. Documents Préhistoriques*, 5. París. pp. 311-314.
- 1993b. Les suidés. En: *L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d'étude. Documents Préhistoriques*, 5. París. pp. 161-163.
- 1993c. Les Caprinés, Antilopinés, Rupicaprinés. En: *L'art pariétal paléolithique. Techniques et méthodes d'études*. CTHS, pp. 123-136.
- 1995. Brèves remarques à propos du site d'art rupestre de Foz Côa (Portugal), de son importance et de son devenir. En V. O. JORGE Ed. *Dossier Côa*. pp. 519-522.
- 2002a. Propos liminaire. In: *Actes du Colloque L'art Paléolithique à l'air libre: le Paysage modifié par l'image*, 07-09/10/1999. Coord. D. Sacchi, pp. 7-11.
- 2002 b. *L'art Paléolithique à l'air libre : le Paysage modifié par l'image*. Actes du Colloque de Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999, Gaep & Geopre, Carcassonne. 245 pp.
- SACCHI, D., ABELANET, J. BRULE, J. L. 1987. Le rocher gravé de Fornols-Haut. *Archéologia* 225. pp. 52-57.
- 1988. Un témoin d'art paléolithique de plein air en Roussillon: le rocher gravé de Fornols-Haut. *Actes du 7e colloque international d'archéologie de Puigcerdà*, 6-8 juin 1986, pp. 37-42.
- SACCHI, D., ABELANET, J. BRULE, J. L., MASSIAC, Y, RUBIELLA, C. VILETTE, P. 1988. Le rocher gravé de Fornols-Haut à Campôme, Pyrénées Orientales, France. Etude préliminaire. *I Congreso Internacional de Arte Rupestre. Bajo Aragón Prehistoria VII/VIII (1986/87)*. pp. 279-293.
- 1988b. Les gravures rupestres de Fornols-Haut, Pyrénées-Orientales. *Rev. L'Anthropologie*. T. 92, 1. París. p. 100.
- SAINT-MATHURIN, S. 1984. L'Abri du Roc-aux-Sorciers. En: *L'Art des cavernes. Atlas des grottes ornées françaises*. Ministère de la Culture, pp. 583-587.
- SAINT-PERIER, R. 1936. *La grotte d'Isturitz, II. Le Magdalénien de la Grande Salle*. Archives de l'IPH, 17. Masson, Paris, 139 pp.
- SALMERÓN, J., LOMBA, J. 1996. El Arte Rupestre Paleolítico. En J. Lomba, M. Martínez, R. MONTÉS & J. SALMERÓN: *Historia de Cieza*, Vol. I. Cieza Prehistórica. De la depredación al mundo urbano: 71-89.
- SALMERÓN, J., LOMBA MAURANDI, J., CANO GOMARIZ, M. 1999 a. El arte rupestre paleolítico de Cieza. Primeros hallazgos en la región de Murcia. Resultados de la 1ª Campaña de prospecciones Losares-Almadenes 93. *Memorias de Arqueología* 1993, 8, pp. 94-111.
- 1999b. Las pinturas rupestres de El Paso, Los Rumies y El Laberinto (Cieza, Murcia). *Actas del*

- XXIV Congreso Nacional de Arqueología, Cartagena 1997, vol. I, pp. 197-208.
- SALMERÓN, J., LOMBA, J., CANO, M., GRUPO LOS ALMADENES. 1997. Avance al estudio del arte rupestre paleolítico en Murcia: Las Cuevas de Jorge, Las Cabras y el Arco (Cieza, Murcia). XXIII Congreso Nacional de Arqueología. 201-216. Elche, 1995. Zaragoza.
- SAN ROMÁN FERNÁNDEZ, F. 2006. Librán y San Pedro Mallo: Nuevas estaciones de Arte Rupestre Esquemático en la provincia de León”, *Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de los Vélez*, Almería, 5-7 de mayo de 2004.
- SANCHES, M. J. 1996 a. *Ocupação Pré-histórica do Nordeste de Portugal*, série Monografias y Estudios, Fundación Rey Afonso Henriques, Zamora
- 1996b. Passos/Santa Comba Mountain in the context of the late prehistory of northern Portugal, *World Archaeology*, vol. 28(2), pp. 220-230
- 1997. *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 vols., SPAE, Porto
- 2001. Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, Northern Portugal) in Late Prehistory, *Archeos*, 12, IPT, Tomar, pp. 65-105.
- SANCHES, M. J., MOTA SANTOS, P., BRADLEY, R., FÁBREGAS VALCARCE, R. 1998. Land marks – a new approach to the rock art of Trás-os-Montes, northern Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 0, Porto, pp. 85-104.
- SÁNCHEZ MORENO, E. 2005. La guerra como estrategia de interacción social en la Hispania prerromana: Viriato, jefe redistributivo [Em linha]. In *Universidad Autónoma de Madrid: Área de Historia Antigua*. [citado em 26 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://www.ffil.uam.es/antigua/piberica/viriato/viriato1.htm>>.
- SANCHIDRIÁN TORTI, J. L. 1981. *Cueva Navarro (Cala del Moral, Málaga)*. Corpus Artis Rupestris, I. Paleolithica. Vol. I. Salamanca.
- 1982. La cueva del Morrón (Jimena, Jaén). *Zephyrus*, XXXIV-XXXV: 5-12. Salamanca.
- 1984-85. Algunas bases para el estudio de los actos funerarios eneolíticos: Sima de Curra (Carratraca, Málaga), *Zephyrus*, XXXVII-XXXVIII, Salamanca, pp. 227-248.
- 1986. Arte prehistórico en la cueva de Nerja. En *Trabajos sobre la cueva de Nerja, I. La Prehistoria de la Cueva de Nerja (Málaga)*. 283-330. Málaga.
- 1987. Arte rupestre en Andalucía. En *Arte Rupestre en España. Revista de Arqueología* (Monografía) 96-105. Madrid.
- 1997. Propuesta de la secuencia figurativa en la Cueva de la Pileta. *El món mediterrani després del Pleniglacial (18.000-12.000 BP)* (Fullola, J. M. et Soler, N. eds.). Museu d'Arqueologia de Catalunya-Girona, Serie Monogràfica, 17: 411-433.
- 2000. Panorama Actual del Arte Paleolítico en Andalucía, *Paleolítico da Península Ibérica*, Porto, ADECAP [Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. II], pp. 541-554.
- SANCHIDRIÁN TORTI, J. L., MAS CORNELLÁ, M. 1993. Discusiones en torno al considerado arte paleolítico del Campo de Gibraltar (Cádiz) . *II Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar*. Ceuta, Noviembre de 1990. UNED. Madrid.
- SANTIAGO VILCHES, J. M. 1982. La cueva de las Palomas en el arte paleolítico del sur de España. *Boletín del Museo de Cádiz* II: 5-11, 1979-1980. Diputación Provincial de Cádiz. Cádiz.
- SANTOS, A. T. 2003. *Uma Abordagem Hermenêutica – Fenomenológica à Arte Rupestre da Beira Alta. O caso do Fial (Tondela, Viseu)* [Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto], Porto.
- En prensa. A Fenomenologia da Pré-história e a Arte Rupestre ou “Como o martelo só se revela no acto de martelar, *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*.
- SANTOS ESTÉVEZ, M. 1998. Los espacios del arte: el diseño del panel y la articulación del paisaje en el arte rupestre gallego, *Trabajos de Prehistoria*, 55, nº2, Madrid, pp. 73-88.
- 2005. Sobre a cronologia del arte rupestre atlântico en Galicia, *Archaeoweb*, 7 (2) Setembro/Dezembro, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/archeoweb>
- 2006. Respuesta a la réplica firmada por F. J. Costas Goberna, R. Fábregas Valcarce, J. Guitián Castromil, X. Guitián Rivera y A. de la Peña Santos aparecida en el foro con fecha 23/01/2006, *Archaeoweb*, 8(1) Abril, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/archeoweb>

BIBLIOGRAFIA GENERAL

- SANTOS ESTÉVEZ, M., GARCÍA QUINTELA, M. V., PARCERO UBIÑA, C. 2007. Un programa de investigación para el arte rupestre en Galicia, *Archaeoweb*, 8 (2), Janeiro, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/arqueoweb>
- SANTOS JÚNIOR, J. R. 1933. O abrigo pré-histórico da «Pala Pinta», *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, vol. 6 (1), Porto, pp. 33-43.
- 1934. As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa, *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, vol. 6 (3), Porto, pp. 185-222.
- 1940. Arte rupestre, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, Lisboa, pp. 327-376.
- SANZ PÉREZ, E. 2001. *Las montañas de Urbión, Cebollera y Cabrejas. Geomorfología y patrimonio geológico*, Excma. Diputación Provincial de Soria, Col. “Temas Sorianos”, núm. 43, Soria, 244 págs.
- SAUVET, G. 1988. La Communication Graphique Paléolithique (De l’analyse quantitative d’un corpus de données à son interprétation sémiologique), *L’Anthropologie (Paris)*, 92 (1), Paris, pp. 3-16.
- SARMENTO, M. 1933 [1878]. Sinaes gravados em rochas. *Dispersos*, pp. 161-162.
- SAUVET, G., SAUVET, S. 1979. Fonction sémiologique de l’art pariétal animalier franco-cantabrique, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 76 (10-12), Paris, pp. 340-354.
- 1983. *Los Grabados Rupestres Prehistoricos de la Cueva de La Griega (Pedraza, Segovia)*, Salamanca, Departamento de Prehistoria y Arqueologia da Universidad de Salamanca [*Corpus Artis Rupestris I. Palaeolithica Ars*, 2].
- SAUVET, G., SAUVET, S., WLODARCZYK, A. 1977. Essai de sémiologie préhistorique (Pour une théorie des premiers signes graphiques de l’homme), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 74 (2), Paris, pp. 545-558.
- SAUVET, G., WLODARCZYK, A. 1995. Éléments d’une Grammaire Formelle de l’Art Pariétal Paléolithique, *L’Anthropologie (Paris)*, 99 (2-3), Paris, pp. 193-211.
- SCARRE, C. 2002. Contexts of monumentalism: regional diversity at the Neolithic transition in north-west France, *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 21, n° 1, Oxford, pp. 23-61.
- SEGURA, F. S. 1990. *Las ramblas valencianas. Algunos aspectos de hidrología, geomorfología y sedimentología*. Universitat de València.
- SELLAMI, F., N. TEYSSANDIERT & M. TAHA. 2001. Dynamique du sol et fossilisation des ensembles archéologiques sur les sites de plein air. Données expérimentales sur l’organisation des micro-artefacts et les traits pédo-sédimentaires, in L. BOURGUIGNON, I. ORTEGA and M.-C. FRÈRE-SAUTOT (eds.), *Préhistoire et approche expérimentale*: 313-324. Montagnac: Editions M. Mergoil.
- SEVILLANO, M. C. 1976a. Grabados rupestre de carros y ruedas en Vegas de Coria (Cáceres). *Zephyrus*, XXVI-XXVII, pp. 258-267.
- 1976b. Un petroglifo con inscripción en la comarca de las Hurdes, Cáceres. *Zephyrus*, XXVI-XXVII, pp. 268-291.
- 1979. Noticia de un grabado en las Erias (Cáceres). *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 229-233.
- 1983. Analogías y diferencias entre el arte rupestre de Las Hurdes y el del valle del Tajo. *Zephyrus*, XXXVI, pp. 259-265.
- 1991. *Grabados rupestres en la comarca de las Hurdes (Cáceres)*. Acta Salmanticensia, n° 77, Salamanca, 216 págs.
- SEVILLANO, M. C., BÉCARES, J. 1997. Grabados rupestres en la comarca de las Hurdes. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 75-94.
- SHEE, E. 1974. Painted megalithic art in western Iberia, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. 1, Porto, pp. 105-123.
- 1981a. *The Megalithic Art of Western Europe*, Clarendon Press, Oxford.
- 1981b. A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia), *Arqueologia*, 3, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto, pp. 49- 55.
- SEIVEKING, A. 1987. *A Catalogue of Palaeolithic Art in the British Museum*. British Museum Publications, Londres, 115 pp.
- SILVA, E. J. L. 2000. Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal, in V. S. GONÇALVES (ed.), *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos*, *Trabalhos de Arqueologia*, vol. 25, Lisboa, pp. 269-280.
- SILVA, E. J. L., CUNHA, A. L. 1986. As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença), *Livro de Homenagem a Jean Roche*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, pp. 490-505.
- SILVA, A. F., RIBEIRO, M. L. 1991. *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 15-A Vila Nova de Foz Côa*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

- SIMMONET, G., L., R. 1984. Quelques beaux objets d'art venant de nos recherches dans la grotte ornée de Labastide (Haute-Pyrénées). Approche naturaliste. *Bull. de la Soc. de Spéléologie et Préhistoire*, XXIV, pp. 25-36.
- SOBRINO BUHIGAS, R. 2000 [1935]. *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*. Seminario de Estudos Galegos, Edición do Castro, A Coruña, edición facsimilae.
- SOÑEÑA, G. 2005. Celtiberian Ideologies and Religion. *e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. Milwaukee. 6 The Celts in the Iberian Peninsula, pp. 347-410. [Disponível em <http://www.uwm.edu/Dept/celtic/ekeltoi/volumes/vol6>].
- SORIA LERMA, M., LÓPEZ PAYER, M. G. 1999. Arte esquemático en la Cuenca Alta del Segura. Nuevas aportaciones. *Boletín del Instituto de Estudios Gienenses*, nº 176, tomo II (Julio/Diciembre), pp. 909-943.
- SOUSA, O. 1988. As pinturas rupestres da mamoa 3 de Chã de Parada – Baião. Notícia preliminar. *Arqueologia*, nº 17, Porto, pp. 119-120.
- SOUSA, A. C., SOARES, A. M., MIRANDA, M., QUEIROZ, P. F., LEEUWAARDEN, W. V. 2004. *São Julião. Nucleo C do concheiro pré-histórico*. Cadernos de Arqueologia de Mafra, 2. Mafra.
- SOUTO, A. 1932. Arte Rupestre em Portugal (Entre Douro e Vouga). As insculpturas da Serra de Cambra e de Sever e a expansão das combinações circulares e espiraladas no noroeste peninsular, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. V (IV), Porto, pp. 285-300.
- STUIVER, M., REIMER, P. J., BARD, E., BECK, J. W., BURR, G. S., HUGHEN, K. A., KROMER, B., MCCORMAC, F. J., van der PLICHT, J., SPURK, M. 1998. INTCAL98 Radiocarbon age calibration 24,000 – 0 cal BP, *Radiocarbon*, 40, pp. 1041-1083.
- TAÇON, P. 1993. Introduction: Expressing relationships to the land by marking special places, in P. FAULSTICH and P. S. C. Taçon (eds) *Spatial considerations in rock art. Time and Space AURA* 8, pp. 81-83.
- 1999. Identifying sacred landscapes in Australia: from physical to social, in W. ASHMORE and A. B. KNAPP (eds), *Archaeologies of Landscape. Contemporary perspectives*. Blackwell, Oxford, pp. 33-57.
- TERÉS NAVARRO, E. 1987. Pinturas rupestres en El Raso de Candeleda, *Revista de Arqueología*, 73, pp. 60-61, Madrid.
- THOMAS, J. 1996. *Time, Culture and Identity - An interpretive archaeology*, London/New York, Routledge.
- 1993. The Politics of Vision and the Archaeologies of the Landscape, in B. Bender (ed.), *Landscape, Politics and Perspectives*, Berg, New York/Oxford, pp. 19-46.
- TILLEY, C. 1994. *A Phenomenology of Landscape: Places, Pats and Monuments*. Oxford: Berg.
- 2004. *The materiality of stone. Explorations in landscape phenomenology*, Oxford/New York, Berg.
- TOPPER, U. 1975. Felsbilder an der Südspitze Spaniens. *Madrid Mitteilungen* 16: 25-55. Instituto Arqueológico Alemán. Madrid.
- TOPPER, U. y W. 1988. *Arte Rupestre en la provincia de Cádiz*. Ed. Diputación Provincia de Cádiz. Cádiz.
- TOUS LES ANIMAUX DU MONDE. T. III. Larousse, 1971.
- UCKO, P., ROSENFELD, A. 1967. *Arte Paleolítico*. Ed. Guadarrama. Madrid.
- UCKO P. J., LAYTON, R. 1999. *The Archaeology and Anthropology of Landscape. Shaping your Landscape*, Routledge, London/New York.
- UNTERMANN, J. 1972. Áreas e movimentos linguísticos na Hispânia pré-romana. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 72: 1-2, pp. 5-41.
- UTRILLA, P., BLASCO, F. 2000. Dos asentamientos magdalenenses en Deza, Soria. *BSAA, Valladolid*, 2000. pp. 9-63.
- UTRILLA, P., BLASCO, F., RODANÉS, J. M.^a. 2006. Entre el Ebro y la Meseta: el Magdaleniense de la cuenca del Jalón y la placa de Villalba. En G. DELIBES y F. DIEZ (eds): *El Paleolítico Superior en la Meseta Norte Española. Studia Archaeologica*. nº 54, pp. 173-213.
- UTRILLA, P., CALVO, M. J. 1999. Cultura material y arte rupestre levantino: la aportación de los yacimientos aragoneses a la cuestión cronológica. Una revisión del tema en el año 2000. *Bolskan*, 16, pp. 39-70.
- UTRILLA, P., RODANÉS, J. M. 2003. *Un asentamiento Epipaleolítico en el valle del río Martín. El Abrigo de los Baños (Ariño, Teruel)*. UniVersidad de Zaragoza, Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Área de Prehistoria. Zaragoza.
- UTRILLA, P., VILLAYERDE, V. 2004. *Los grabados levantinos del Barranco Hondo. Castellote (Teruel)*. Gobierno de Aragón. Departamento de Educación, Cultura y Deporte, 158 págs.
- UTRILLA MIRANDA, P., VILLAYERDE BONILLA, V., MARTÍNEZ VALLE, R. 2001. Les gravures rupestres de Roca

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- Hernando (Cabra de Mora, Teruel) . Les Premiers Hommes Modernes de la Péninsule Ibérique. *Actas du Colloque de la Commission VIII de L'Uispp*: 161-174. Lisboa.
- VALLADAS H., MERCIER, N., FROGET, L., JORONS J. L., REYSS J. L., AUBRY T. 2001. TL Dating of Upper Paleolithic Sites in the Côa Valley (Portugal), *Quaternary Science Reviews*, vol. 20, nos. 5-9, pp. 939-943.
- VAN DEN BRINK, F. H., BARRUEL, P. 1971. *Guide des Mammifères sauvages de l'Europe occidentale*. Delachaux et Niestlé, 263. pp.
- VASCONCELLOS, L. DE. 1897. *Religiões da Lusitânia*, vol. I, Imprensa Nacional, Lisboa.
- VIALOU, D. 1983. Art Pariétal Paléolithique ariégeois. *Rev. L'Anthropologie*. t. 87, 1. París. pp. 83-97.
- 1986. *L'art des grottes en Ariège magdalénienne*. XXVI Supl. de Gallia Préhistoire. Centre National de la Recherche Scientifique. Paris.
- VIANA, A. 1929. As insculpturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto Minho). *Portucale*, nos. 10 e 11, Porto.
- 1960. Insculpturas rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço-Viana do Castelo, Portugal), *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Ourense*, tomo XX (I-IV), Ourense, pp. 209-231.
- VILAÇA, R. 2005. Entre o Douro e o Tejo, por terras do interior: O I milénio a. C. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2^{as} Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 13-32.
- VILASECA, S. 1934. L'Estació-taller de sílex de Sant Gregory. *Memoria de la Academia de Ciencias y Arte de Barcelona*, XXIII: 415-439.
- VILLAVERDE, V. 1985. Hueso con grabados paleolíticos de la Cova de les Cendres (Teulada, Alicante). *Lucentum*, IV: 7-14.
- 1994. *Arte paleolítico de la Cova del Parpalló*. Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación de Valencia, 2 vols., Valencia. 404, [482], págs.
- 2001. El Arte de los cazadores y recolectores del Paleolítico superior. En V. Villaverde (ed.) *De neandertales a cromañones. Los inicios del poblamiento humano en las tierras valencianas*. Universidad de València: 331-366.
- 2002. Contribution de la séquence du Parpalló (Espagne) à la sériation chronostylistique de l'art rupestre paléolithique de la Péninsule Ibérique". En D. Sacchi (dir.) *L'Art Paléolithique à l'Air Libre. Le paysage modifié par l'image*. Gaep & Géopré: 41-58.
- 2005. Arte Paleolítico de la región mediterránea de la Península Ibérica: de la Cueva de la Pileta a la Cova de les Marevelles. En *Actas del Congreso Arte Rupestre en la España Mediterránea (Alicante, 2004)*. Ed. M. Hernández y J. Soler. 17-45. Alicante.
- VILLAVERDE, V., LÓPEZ MONTALVO, E., DOMINGO SANZ, I., LÓPEZ VALLE, R. M. 2002. Estudio de la composición y el estilo. MARTÍNEZ VALLE, R. y VILLAVERDE BONILLA, V (coord.); (con la colaboración de Guillem Calatayud, P. M. et al.): *La Cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Monografías del Instituto de Arte Rupestre, 1: 135-189.
- VILLOCH VÁZQUEZ, M. V. 1995. Monumentos y petroglifos: la construcción del espacio en las sociedades constructoras de túmulos del Noroeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 52. n° 1; pp. 39-55.
- VIÑAS, R., SARRIÁ, E., ALONSO, A. 1983. *La pintura rupestre en Catalunya*, Barcelona.
- WALDERHAUG, O., WALDERHAUG, E. M. 1998. Weathering of Norwegian Rock Art – a critical review. *Norwegian Archaeological Review*. Trondheim. 31:2, pp. 119-1.
- WATCHMAN, A. 1995a. Executive Summary. *Summary of report to Electricidade de Portugal*.
- 1995b. Dating the Foz Côa engravings, Portugal. En D. Seglie Ed. *News 95-International Rock Art Congress*. Turin. p. 98.
- 1995c. Recent petroglyphs, Foz Côa, Portugal. *Rock Art Research* 12 (2), pp. 104-108.
- 1996. A review of the theory and assumptions in the AMS dating of the Foz Côa petroglyphs, Portugal, *Rock Art Research*. 13 (1), pp. 21-30.
- WHITLEY, D. S. 1998. Finding rain in the desert: landscape, gender and far western North American rock art, in C. CHIPPINDALE, P. S. Ç. TAÇON (eds), *The Archaeology of Rock-Art*, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 11-29.
- WHITLEY, A. 2000. Very like a whale: menhirs, motifs and myths in the Mesolithic-Neolithic transition in northwest Europe. *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 10, n° 2, pp. 243-259.
- ZILHÃO, J. 1992. *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Trabalhos de Arqueologia, 6. Lisboa.
- 1995a. The age of the Côa valley (Portugal) rock-art: validation of archaeological dating to the palaeolithic